

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL**

**PRÁTICAS DE LEITURA DE UMA NARRATIVA EM  
DIFERENTES SUPORTES: UM ESTUDO DE CASO  
DO BLOG E DO LIVRO *DEPOIS DOS QUINZE***

**MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO**

**Maura da Costa e Silva**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2015**

**PRÁTICAS DE LEITURA DE UMA NARRATIVA EM  
DIFERENTES SUPORTES: UM ESTUDO DE CASO DO  
BLOG E DO LIVRO *DEPOIS DOS QUINZE***

**Maura da Costa e Silva**

Monografia apresentada à Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso, do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília de Araujo Barcellos

Santa Maria

2015

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Produção Editorial**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia

**PRÁTICAS DE LEITURA DE UMA NARRATIVA EM DIFERENTES  
SUPORTES: UM ESTUDO DE CASO DO BLOG E DO LIVRO *DEPOIS  
DOS QUINZE***

Elaborada por  
**Maura da Costa e Silva**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**

**Comissão examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília de Araujo Barcellos  
(Presidente/Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liliane Dutra Brignol (UFSM)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Rúbia Silva (UFSM)

Santa Maria, 15 de novembro de 2015.

*“Bem longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas, sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas –, os leitores são viajantes; eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso perdido. “*

Michel de Certeau

## RESUMO

Monografia de Graduação  
Curso de Comunicação Social – Produção Editorial  
Universidade Federal de Santa Maria

### **PRÁTICAS DE LEITURA DE UMA NARRATIVA EM DIFERENTES SUPORTES: UM ESTUDO DE CASO DO BLOG E DO LIVRO *DEPOIS DOS QUINZE***

Autora: Maura da Costa e Silva  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marília de Araujo Barcellos

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender o conteúdo, a edição e as práticas de leitura dos leitores do blog e do livro impresso *Depois dos Quinze*, de Bruna Vieira. Os textos da autora tratam de temáticas características da adolescência: questões existenciais, relacionamentos amorosos e mudanças, como a independência familiar e o cotidiano da autora/personagem mineira em sua adaptação na metrópole paulistana, para onde rumo a fim de levar adiante seus planos e sonhos. As crônicas, tanto no blog de 130 milhões de cliques quanto no livro de 200.000 exemplares vendidos, dissertam a respeito de inquietações cotidianas. Para construção do mosaico da investigação empírica, foram reunidas no trabalho as práticas de leitura dos pesquisados e a palavra da autora e dos editores do Grupo Autêntica, de maneira a compreender o circuito: autor, editor, leitor, ao qual se refere Robert Darnton (2010). O recorte teórico trouxe pilares para a análise desenvolvida quando conclui que os leitores têm formas semelhantes de ler as crônicas de Bruna Vieira tanto no blog, quanto no livro. Eles afirmaram que, embora o conteúdo esteja disponível online gratuitamente, preferem comprar e ler o livro impresso, porque podem encontrar todos os textos reunidos nele. Assim, verificou-se que a materialidade do suporte e a edição do livro são importantes para a diferenciação de processos de leitura, uma vez que os leitores, que têm o livro impresso, constroem com ele uma relação afetiva.

**Palavras-chave:** Comunicação; Produção Editorial; práticas de leitura.

## ABSTRACT

This research aimed to understand the content, the edition and the readers' reading practices of the blog and the printed book *Depois dos Quinze*, by Bruna Vieira. The author's texts approach characteristic themes of adolescence: existential questions, relationships and changes, such as independence from family and the mineira author/character's everyday life while adapting to the paulistana metropolis, where she went to go forward with her plans and dreams. The narratives, either on the blog of 130 million clicks or in the book of 200.000 copies sold, expatiate on the day-to-day uncertainties. In order to create the mosaic of empirical investigation, the reading habits of the respondents and interviews with the author and with the editors from the Grupo Autêntica were gathered, in order to understand the circuit: author, editor, reader, as referred to in Robert Darnton (2010). The theoretical approach gave basis to the analysis developed, since it concludes that readers have similar ways to read the Bruna Vieira's narratives, either on the blog or in the book. They stated that, even though the content is available online for free, they rather buy and read the printed book because they can find all the texts clustered on it. Therefore, it was found that the materiality of textual carrier and the edition of the book are important to differentiate reading processes, since the reader, who has the printed book, builds an affective relationship with it.

**Keywords:** Communication; Editorial Production; reading practices.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Bruna Vieira em entrevista para a Revista Capricho .....	26
Figura 2 — Cabeçalho do questionário online .....	64
Figura 3 — Sexo dos participantes do questionário .....	69
Figura 4 — Faixa etária dos participantes do questionário.....	70
Figura 5 — Número de leitores do blog e/ou do livro por estado.....	71
Figura 6 — Escolaridade dos participantes do questionário.....	71
Figura 7 — Modalidades de leitura .....	72
Figura 8 — Modos de leitura das postagens dos leitores só do blog.....	73
Figura 9 — Caminho até os textos das postagens por parte de leitores só do blog .....	75
Figura 10 — Ano que começou a acompanhar o blog .....	76
Figura 11 — Modo como encontrou o livro .....	77
Figura 12 — Ano em que leu o livro.....	79
Figura 13 — Frequência de leitura das postagens.....	80
Figura 14 — Modos de rasura .....	82
Figura 15— Número de livros na estante.....	83
Figura 16 — Atrativos do livro.....	84
Figura 17 — Local de leitura .....	85
Figura 18 — Leitura de outros livros de Bruna Vieira.....	86
Figura 19 — Modo de leitura das postagens (leitor dos dois suportes) .....	86
Figura 20 — Como encontra as postagens.....	88
Figura 21 — Ano que começou acompanhar o blog .....	89
Figura 22 — Utilização da <i>playlist</i> .....	89
Figura 23 — Início da página .....	131
Figura 24 — Postagem e sobre a blogueira.....	132
Figura 25 — Final de postagem.....	132
Figura 26 — Comentários.....	133
Figura 27— Youtube e Arquivo.....	133
Figura 28 — Categorias e Lojas Parceiras.....	134
Figura 29— Colaboradores.....	134
Figura 30 — Final da página.....	135
Figura 31 — Capa e contracapa .....	136
Figura 32 — Orelhas do livro .....	137
Figura 33 — Falsa folha de rosto e folha de rosto.....	138
Figura 34 — Folha de créditos e ficha catalográfica .....	139
Figura 35 — Dedicatória .....	140
Figura 36 — Epígrafe.....	140
Figura 37 — Página vi(ver) (a) lou(cura) e primeira página do sumário .....	141
Figura 38 — Playlist e QR Code .....	142
Figura 39 — Texto final.....	143

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>1 A NARRATIVA EM DOIS SUPORTES: DO PIXEL AO PAPEL</b>	11
<b>1.1 Livros impressos com originais provenientes da web e o Circuito da Comunicação Impressa</b>	13
<b>1.2 O blog <i>Depois dos Quinze</i></b>	15
1.2.1 A arquitetura da informação do blog <i>Depois dos Quinze</i>	17
<b>1.3 O livro impresso <i>Depois dos Quinze</i></b>	22
1.3.1 Paratextos do livro <i>Depois dos Quinze</i>	25
<b>2 A TRÍADE REGENTE DAS NARRATIVAS</b>	30
<b>2.1 A autora</b>	30
<b>2.2 A editora</b>	35
<b>2.3 Os leitores</b>	43
2.3.1 O leitor enquanto ser biológico	44
2.3.2 O leitor enquanto ser social	46
2.3.3 O leitor consumidor	51
2.3.4 O jovem leitor em ascensão	55
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b>	60
<b>3.1 Estudo de Caso</b>	60
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b>	69
<b>4.1 Análise dos Questionários</b>	69
4.1.1 Perfil dos entrevistados em geral	69
<b>4.2 Modalidade de leitura (blog/livro)</b>	71
4.2.1 A leitora só do livro	72
4.2.2 Os leitores somente do blog	73
4.2.3 Os leitores do blog e do livro	76
<b>4.3 Entrevistas por Skype</b>	89
<b>4.4 Análise geral</b>	99
<b>CONCLUSÃO</b>	104
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	107
<b>APÊNDICE</b>	113
<b>ANEXO</b>	131



## INTRODUÇÃO

---

Ao longo do tempo, os suportes que abrigam os textos modificaram-se e ainda se modificam, desde o rolo até a tela, e, concomitante a essas metamorfoses, surgem determinadas práticas de leitura. Por conseguinte, todos os elementos constituintes em torno do suporte, constantes da cadeia produtiva do livro, por sua vez, também se transformam. Nesse sentido, o fazer editorial, no qual estão inseridos a autoria, os objetos, os conteúdos e a leitura sofrem a influência do tempo e dos elementos social, econômico e cultural.

Diante das modificações do contexto social e histórico, em especial na virada para o século XXI, a web começou a ceder espaço para novas formas de comunicar e novos suportes de leitura emergiram, iniciando a comercialização dos primeiros *e-readers* e fomentando o debate sobre o fim dos livros impressos.

Com a web surgiram novos modos de comunicar, que se refletem em nosso cotidiano. Notamos o crescimento constante de inscritos em redes sociais, a transposição de um conteúdo do impresso para o digital e a ascensão de jovens que escrevem em blogs ou gravam vídeos em seus quartos e que, com isso, conquistam muitos fãs. A web democratizou o poder de comunicar, assim qualquer pessoa que queira escrever sobre seus sentimentos ou sobre determinado tema em um blog pode desenvolver suas ideias. Foi a partir da possibilidade de postar na web seus textos que Bruna Vieira tornou-se uma blogueira e, posteriormente, uma autora publicada por uma casa editorial reconhecida.

Bruna Vieira é de Leopoldina, interior de Minas Gerais, e com 14 anos criou o blog *Depois dos Quinze*. Começou a escrever por causa da timidez, do *bullying* que sofria na escola e por causa de um amor platônico, conforme conta em seus textos e relata em vídeos de seu canal no *Youtube*. Desde que criou o blog em 2008 conseguiu 130 milhões de acessos, de acordo com informação disponibilizada em seu blog. A partir de sua visibilidade na web, sua escrita fluída e da recomendação de seus textos para a editora-chefe do Grupo Autêntica, Rejane Dias, por sua ex-professora, Bruna ingressou como autora na Editora Gutenberg, com seu primeiro livro, *Depois dos Quinze*, em 2012. O livro e o blog tratam de assuntos do universo jovem, tais como relacionamentos amorosos, família, escola, amigos e autoestima, em formato de crônica e de contos. O livro *Depois dos Quinze* somado aos outros três primeiros títulos da autora tem estimativa de venda de 200 mil exemplares.

Esse estudo de caso enquadra-se na tendência editorial adotada por algumas editoras, as quais investem em publicações que possuem originais dispostos na web, seja em formato de blogs, redes sociais ou sites, fazendo com que o livro perpassa um trajeto inverso: em vez de a última etapa do ciclo do livro ser a divulgação na web, o espaço virtual passa a fazer parte da primeira etapa de editoração, uma vez que os originais estão disponibilizados nele.

A partir disso, nossa questão norteadora busca compreender as diferentes práticas de leitura de uma narrativa em dois suportes distintos e inscreve-se na mutabilidade dos objetos que permitem o ato de ler em nossa atualidade, uma vez que dispomos ao mesmo tempo da web e das folhas de papel. E, por meio dessa questão central em nosso trabalho, elencamos objetivos específicos interligados a ela, sendo eles: a) perceber o quanto o blog conduz à leitura do impresso; b) compreender o quanto a materialidade está interligada ao digital; c) compreender a influência dos paratextos editoriais na leitura do livro; d) investigar a arquitetura da informação do blog; e) analisar as modificações ocorridas no circuito de comunicação impressa com os novos suportes de leitura e conhecer os objetivos que levam uma editora a investir em original anteriormente publicado em blog.

Como justificativa pessoal para o tema escolhido pela pesquisadora figuram o seu acompanhamento e a sua participação como membro na *Blogosfera*<sup>1</sup> desde 2007, na mesma época em que conheceu e adentrou o universo dos livros impressos, principalmente os de literatura juvenil. Além disso, acreditamos na importância da leitura, pois, a partir desse trabalho, configura-se um prisma para compreender as práticas de leitura na era da informação e uma possibilidade de fomentar ainda mais a leitura entre os jovens. Enquanto justificativa científica, nos baseamos na ainda fortemente presente cultura do livro impresso e na expansão da leitura de blogs por parte de leitores juvenis. Alguns autores acreditam que os livros impressos estão cedendo seus lugares às publicações digitais e online, porém, a pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro* aponta o contrário: o consumo de livros impressos permanece em ascensão. Essa pesquisa, realizada pelo SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros) e pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), auxilia o desenvolvimento de nossa análise, uma vez que fornece um panorama completo do mercado editorial no país no ano de 2014. Assim, conforme

---

<sup>1</sup> Comunidade, coletivo de blogs dispostos em diversas plataformas. É algo relacionado ao âmbito social dos blogs.

<sup>2</sup> Hipermidiático é derivado de hipermídia, que é a “expressão não linear da linguagem, que atua

os resultados pesquisados, a venda de *ebooks* alcançou 1.213.062 unidades vendidas, enquanto os livros impressos venderam 435.690.157 títulos. Os livros digitais representam uma parcela muito pequena do faturamento total do setor editorial. Portanto, pode-se aferir que o livro impresso ocupa um lugar privilegiado nessa “competição”.

Em busca de obter respostas para nossa questão norteadora e alcançarmos nossos objetivos específicos, utilizamos uma metodologia de pesquisa consolidada em cinco etapas: revisão bibliográfica, análise dos aparatos dos suportes de leitura, entrevista com os editores, questionário online e entrevistas com os leitores por meio do programa *Skype*.

Dessa maneira, estruturamos nossa pesquisa em quatro capítulos, dois teóricos, um metodológico e um analítico. No primeiro capítulo abordamos a questão dos suportes de leitura, dando ênfase ao estudo de caso, analisando, com base no arcabouço teórico, o blog e o livro impresso *Depois dos Quinze*.

No segundo capítulo, discorremos sobre a tríade dos agentes principais da cadeia produtiva do livro: a autora, a editora e o leitor. Alocando a função de cada um na constituição da narrativa em dois suportes distintos. E como forma de coleta de dados, para contextualizar o aporte teórico com o estudo de caso proposto, realizamos uma entrevista por meio do chat do *Facebook* com a *publisher* Alessandra Ruiz, além de uma entrevista realizada pessoalmente com Rejane Dias, no *Seminário O Negócio do Livro*.

No terceiro capítulo, relatamos nossa abordagem metodológica, perpassando cronologicamente as formas de obtenção de dados e o modo de criação dos instrumentos de coleta de dados.

No quarto capítulo analisamos os dados obtidos por meio do questionário online e de entrevista por *Skype* com os leitores da obra estudada. Ao fim desse trabalho, apresentamos nossas considerações sobre a questão central dessa pesquisa: as apropriações e as práticas de leitura do leitor de uma narrativa disposta em dois suportes distintos.

## 1 A NARRATIVA EM DOIS SUPORTES: DO PIXEL AO PAPEL

---

No presente estudo perfazemos o caminho inverso, do pixel ao papel, na evolução do livro, ao considerarmos a publicação digital como provedora do conteúdo impresso. No entanto, tal trajetória obedece ao resgate de leituras realizadas em que o livro é considerado como objeto que oferece materialidade ao texto.

O rolo como suporte de leitura foi datado no terceiro milênio a.C, no Egito, e suas características principais eram o difícil manuseio e a quase impossível portabilidade, devido ao seu formato que não permitia ao leitor o ato de folheá-lo. Posteriormente, houve o surgimento do códice, que teve seu início durante o século I da Era Cristã, e que permitia aos leitores uma leitura mais fácil, devido à possibilidade de folhear as páginas. Na disputa entre o rolo e o códice, o segundo se mostrou como uma garantia contra as falsificações e também porque comportava o texto em seu formato integral. Foi a partir do códice, que a materialidade se tornou mais presente durante o processo de leitura.

Após isso, em 1455, Johannes Gutenberg inventou sua prensa tipográfica, criando o primeiro livro impresso, sendo ele, a Bíblia em latim, a qual ficou conhecido como a *Bíblia de Gutenberg*. Primeiramente, houve certo temor pelos copistas ao utilizar o novo recurso criado por Gutenberg, uma vez que colocavam em perigo suas profissões. Mas foi com o invento de Gutenberg que o livro começou a se popularizar, como consequência da redução dos custos de produção.

O livro impresso como conhecemos hoje contém características dos suportes antecessores. Apesar da evolução dos suportes, um não erradica o outro em um curto período de tempo, visto que eles precisam ser aceitos pelos indivíduos que o utilizam e que devem se adaptar a eles. Além da leitura do livro impresso tradicional, nós dispomos em nossa atualidade de *e-readers* e outros dispositivos de leitura (não exclusivos para esse fim), tais como *tablets*, celulares e o próprio computador. A materialidade do suporte é parte importante e determinante do ato de leitura, porque ela é permeada de significados. Conforme Roger Chartier:

Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados. O “mesmo” texto, fixado em letras, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação. (CHARTIER, 2002, p. 62)

Ao tratar de leitura em diferentes suportes, Michel Melot (2012) compara a leitura do livro com a leitura do computador relacionando as características principais de ambos os suportes. Melot questiona as virtudes do livro, as características que o resguardam e que o distinguem das telas, e percebe que essas reconstróem o movimento de deslizar o texto, assim como era realizado com o rolo. Enquanto o computador é marcado pela fugacidade, pelos textos efêmeros, o livro é como um guardião de uma verdade legitimada, que não permite fugas nem alterações.

Pela tela do computador os textos podem fugir: a tela é um livro que apresenta suas fugas. Longe de estabilizar textos definitivos, a tela tudo faz para permitir o deslizamento dos conteúdos. Assim a escrita encontra outros caminhos que o livro, de certo modo, lhe havia interditado. (MELOT, 2012, p. 36)

Podemos relacionar isso ao nosso estudo de caso, o blog *Depois dos Quinze*, que permite ao leitor pequenos devaneios e saídas do blog, não precisando ser necessariamente uma leitura atenta. Além disso, os textos do blog são dispersos e diluídos em postagens de outros gêneros, enquanto o livro *Depois dos Quinze* é envolto em unidade, dispondo de uma organização sequencial de conteúdos.

Ao mesmo tempo em que nossa sociedade se modifica, modificam-se também nossos modos de ler e de editar os livros. Com o crescimento da tecnologia, com a imersão das pessoas em redes sociais virtuais e blogs, notamos que o mercado editorial está apostando nessas mudanças, transformando-as em uma tendência editorial. Muitas das vendas de publicações impressas no mercado editorial brasileiro não são fortuitas, são reflexo do crescente interesse do público jovem. Com base nisso, é possível perceber que as editoras se reinventam ao longo do tempo e moldam suas publicações de acordo com a demanda de seus leitores. Os jovens leitores, por sua vez, vivem em uma era imersa em informação e buscam constantemente sites, blogs e redes sociais, pois veem que, por trás desses veículos, os(as) autores(as) são pessoas comuns e, ao mesmo tempo, reconhecidas no ambiente digital, uma vez que confidenciam seus cotidianos e expõem opiniões e textos literários nas telas dos computadores.

A *Blogosfera* foi sucesso no início dos anos 2000, mas com uma finalidade diferente, era o espaço no qual as pessoas escreviam seus diários com o intuito de compartilhar experiências, era o lugar onde desabafavam os problemas do dia-a-dia e contavam suas conquistas aos leitores. Os blogueiros e as pessoas mais influentes em redes sociais possuem características marcantes, ao compartilhar seu cotidiano,

ao falarem com linguagem da própria da web, ao utilizarem recursos hipermediáticos<sup>2</sup> e ao mostrarem que são pessoas comuns. Atualmente, a *Blogosfera* ainda alimenta um pouco desse viés, embora velado pelo teor comercial, pois ser um blogueiro famoso se tornou sinônimo de ser uma marca. O ramo empresarial deseja parcerias e o mercado editorial também. Enquanto algumas blogueiras e *vlogueiras*<sup>3</sup> fazem contratos com linhas de maquiagem, outras ingressam no mercado editorial. Com sucesso das mídias digitais para o impresso no exterior destacam-se os nomes: Michelle Phan<sup>4</sup>, Emily Schuman<sup>5</sup>, Elsie Larson e Emma Chapman<sup>6</sup>. E no Brasil o caso de sucesso de vendas e de popularidade entre os leitores é semelhante, como podemos ver com as publicações de Bruna Vieira, Isabela Freitas<sup>7</sup>, Kéfera Buchmann<sup>8</sup>, Fran Guarnieri<sup>9</sup>, Fernanda Nia<sup>10</sup> e Alice Salazar<sup>11</sup>.

Então, por ser uma competição desigual, as editoras cedem seus espaços e tentam abarcar o mundo virtual, buscando estratégias para aproximar o livro impresso ao blog/site/*vlog* por meio de ferramentas gráficas e editoriais. Assim, algumas casas editoriais abriram espaço para os textos dos blogs que antes ocupavam a tela, possibilitando ao leitor a materialidade palpável da folha ao ler o livro impresso. Essa tendência editorial foi adotada pela Editora Gutenberg com o livro *Depois dos Quinze*, da autora e blogueira Bruna Vieira.

### 1.1 Livros impressos com originais provenientes da web e o Circuito da Comunicação Impressa

O livro concretiza-se por meio de diversas etapas: primeiramente há a concepção do original pelo autor, após isso, há a seleção de originais desempenhada pelo editor. A etapa seguinte é destinada para o projeto editorial e gráfico, que são responsáveis pela consistência do livro enquanto objeto, pensando

---

<sup>2</sup> Hipermediático é derivado de hipermissão, que é a “expressão não linear da linguagem, que atua de forma multimidiática” (BAIRON, 2011, p.7)

<sup>3</sup> Pessoas que gravam vídeos no Youtube, sendo uma espécie de blog em formato de vídeo.

<sup>4</sup> Vlogueira internacional e autora do livro *Make up*, publicado em 2014.

<sup>5</sup> Blogueira de lifestyle e autora do livro *Cupcakes And Cashmere*, publicado em 2012 pela Editora Harry N. Abrams.

<sup>6</sup> Blogueiras de lifestyle e autoras do livro *A Beautiful Mess Photo Idea Book: 95 Inspiring Ideas for Photographing Your Friends, Your World, and Yourself*.

<sup>7</sup> Blogueira e autora do livro *Não se apega, não*, publicado pela Editora Intrínseca, em 2014.

<sup>8</sup> Vlogueira e autora do livro *Muito mais que cinco minutos*, publicado pela Editora Companhia das Letras, em 2015.

<sup>9</sup> Blogueira e autora do livro *Morando Sozinha*, publicado pela Editora Belas Letras, em 2015.

<sup>10</sup> Blogueira e autora do livro *Como eu realmente me sinto*, publicado pela Editora Nemo, em 2014.

<sup>11</sup> Vlogueira e autora do livro *De bem com o espelho*, publicado pela Editora Belas Letras, em 2013.

desde seu público-alvo até o planejamento dos aspectos gráficos. Perpassa-se pela etapa de preparação de originais, pela revisão e pela diagramação. Ao fim do processo há a divulgação, a distribuição e a venda.

Como aporte teórico para a explicação da cadeia produtiva do livro, Robert Darnton (2010) propõe o circuito de comunicação impressa que descreve as diferentes esferas as quais os livros atravessam, sendo

um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor. Por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o circuito. (DARNTON, 2010, p.193)

Os originais provenientes de blogs, ao se tornarem conteúdos de obras impressas, marcam uma nova forma de configuração do circuito proposto por Darnton. Com essa tendência editorial, o livro percorre um trajeto inverso, uma vez que o material bruto da editoração é encontrado na web, o original é disposto na rede e já possui seu público-alvo delimitado. Então, engendra-se o ciclo da publicação impressa, mas com o desalinhamento das etapas convencionais da comunicação, sendo que dois processos podem ocorrer concomitantemente, assim como pode não existir determinada etapa do circuito.

Nos livros resultantes do circuito tradicional de comunicação, tem-se como elo entre o autor e o leitor, o próprio texto. Nos tempos de migração de conteúdos da web para a publicação impressa, esse elo modifica-se, visto que o autor e o leitor já possuem certa relação ocasionada pelas páginas na web, como, por exemplo, no caso de blogueiras(os) literárias que publicam seus textos e recebem comentários de seus leitores.

Os livros e os blogs se moldam de acordo com seus leitores e seus autores. O blog deixou de ser simplesmente um diário virtual e tornou-se um espaço mais profissional, mas sem perder a essência de publicar na web como forma de aproximação com o leitor, enquanto os livros também se reinventam e englobam elementos característicos da web.

Enquanto a leitura de uma crônica em uma publicação impressa envolve o abrir o livro, a leitura do blog desenvolve-se de outra maneira: para o leitor digital é preciso digitar a URL<sup>12</sup> do blog que deseja acessar para ler os textos ou acessá-lo por um link. O leitor do texto impresso tem os paratextos editoriais para guiá-lo,

---

<sup>12</sup> Sigla para Uniform Resource Locator (Localizador Padrão de Recursos). É o endereço de um website.

enquanto no blog ele dispõe de um mapa da informação organizado por menus, categorias, páginas e *tags*. Esses mecanismos trabalham para que o usuário ou leitor tenha a experiência de um conteúdo fluído.

### 1.2O blog *Depois dos Quinze*

O blog foi criado em novembro de 2008, quando Bruna Vieira vivenciou uma paixão que não deu certo e que a impulsionou a escrever. O blog era seu território seguro para desabafar sobre os mais variados sentimentos, ainda mais sendo uma adolescente tímida. O nome do blog *Depois dos Quinze* apareceu somente depois, porque antes a autora ainda não tinha completado a idade que confere título ao blog.

Inicialmente o blog era um diário virtual, no qual Bruna postava suas fotos juntamente com uma de suas crônicas ou de algumas poesias de autoria própria, ou ainda de uma letra de música marcante ou apenas relatos breves do seu dia-a-dia. Ao longo do tempo algumas coisas se modificaram, Bruna se dedicou mais a escrita e frequentou cursos sobre mídias digitais. Com o amadurecimento da autora, houve concomitantemente o amadurecimento do *Depois dos Quinze*, que em 2012, ganhou o prêmio de *Melhor Blog do CH Awards 2012*, da Revista Capricho. E com o sucesso do blog entre o público jovem, começaram a surgir empresas que desejavam investir em anúncios em seu espaço virtual.

O *Depois dos Quinze* ganhou reconhecimento na *Blogosfera* por seu conteúdo literário e com suas dicas de comportamento. Num instante Bruna era a conselheira sentimental e virtual de muitas meninas e meninos; no outro instante, era uma blogueira escrevendo coisas diferentes, colocando em pauta outros assuntos, entre eles, moda, fotografia e maquiagem, e recebendo patrocínio de grandes empresas. O blog de 2008, o diário virtual de uma adolescente tornou-se um portal, com média de 50 mil visitantes diários (conforme a informação fornecida pela autora), que dispõe informações de diversas temáticas e ainda conta com colaboradores.

Bruna declarou em nossa entrevista<sup>13</sup>, quando perguntada sobre como foi e em qual época houve a transição de um blog de cunho literário para algo mais abrangente, com diversos temas e categorias, que:

O blog funcionava como um diário virtual. Eu o acessava pra contar sobre o meu dia e as coisas que estavam acontecendo na minha vida. Com o

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada pelo chat do Facebook em 23 de maio de 2015.



passar do tempo comecei a me interessar por assuntos como maquiagem, música, moda, fotografia e afins. Naturalmente esses temas acabaram entrando em pauta e transformando o blog em um portal e não só em um blog pessoal. (Entrevista Bruna Vieira, 2015)

A definição de blogs nos últimos anos sofreu diversas transformações: enquanto em 2005 eram vistos como “diários íntimos online”, atualmente são utilizados de maneiras diferentes, possuem um público-alvo diferenciado e se modificam suas ferramentas. Para Alex Primo (2008) com a expansão dos blogs, eles não podem mais ser definidos somente como diários virtuais, uma vez que essa denominação é muito limitada e ignora o fato de que os blogs possuem diferentes categorizações e têm diversas finalidades. E não basta denominar um blog de misto ou categoriza-lo pelo seu tema, pois essa categoria abarca inúmeros blogs com distintas e ressonantes significações. Conforme o autor é preciso ir ao âmago do ato de *blogar*, é necessário observar a forma de *blogar*, o modo como o público recebe e interage com as postagens. Em sua pesquisa para decifrar os gêneros dos blogs, Primo (2008) observou os modos de produção, o estilo dos textos postados e o impacto profissional. Assim, formulou as quatro grandes classificações: profissional, pessoal, grupal e organizacional.

O blog *Depois dos Quinze* se encaixa no conceito de profissional, que Alex Primo descreve como escrito por alguém que possui conhecimento em alguma área específica do saber, mesmo que esse conhecimento seja obtido apenas por meio de leituras e guiado pela curiosidade do blogueiro. No caso de Bruna Vieira, a blogueira tem como área do conhecimento a escrita: por ter seis livros publicados e ter uma coluna em uma revista jovem, seu conhecimento é legitimado perante aos seus leitores, assim, muitas vezes, cria postagens com dicas de escrita, de leitura e de como criar um blog, com ideias de aplicativos para tratar imagens. Primo (2008) também conceitua como blog profissional a página que veicula publicidade e tem como objetivo obter lucros, denominando o autor desse tipo de blog de *probblogger*. Esse tipo de autor pode ter dedicação exclusiva ao blog ou mantê-lo juntamente com outras atividades, como é o caso de Bruna Vieira.

O blog *Depois dos Quinze* possui viés financeiro, visto que disponibiliza espaços para anúncios publicitários do *Google* e que a autora possui contrato com empresas para realizar postagens em forma de resenha ou *publieditoriais*. Além disso, a blogueira faz uma autopromoção de seu perfil profissional ao divulgar seus novos livros e seus respectivos lançamentos. Segundo Alex Primo:

Blogar torna-se uma atividade profissional e blogueiro uma profissão. Como a lucratividade do blog depende da quantidade de cliques em links patrocinados e banners, questões sobre o tamanho da audiência e frequência de visitas tornam-se fundamentais. (PRIMO, 2008, p.5)

Mas não podemos esquecer que o blog *Depois dos Quinze* inicialmente era um diário virtual individual e sem fins lucrativos, uma vez que a publicidade e o lucro não eram os motivadores do ato de *blogar*. Primeiramente, o blog *Depois dos Quinze* era um blog pessoal/individual, mas com o crescimento e a transformação para um portal de informações com espaço destinado a anúncios, tornou-se uma mescla entre profissional, individual, e também grupal, na medida em que conta com blogueiros colaboradores. Ademais, a blogueira Bruna Vieira, em sua página do *Facebook* define seu perfil profissional como empresária na empresa *Depois dos Quinze*. Assim, podemos concluir que a autora vê com olhos lucrativos o blog, mas suas postagens são carregadas de opinião pessoal e ainda preservam elementos dos diários virtuais ao compartilhar seu cotidiano. Assim, a classificação de Primo (2008) para combater a ambiguidade da classificação do blog como mistos, mostrou-se falha em nosso estudo de caso, uma vez que o *Depois dos Quinze* é mistura dos quatro gêneros propostos.

### 1.2.1 A arquitetura da informação do blog *Depois dos Quinze*

Em relação ao design e ao planejamento gráfico dos blogs, é importante atentar para o fato de que muitas plataformas como o *Wordpress* e o *Blogger* permitem ao blogueiro ter um espaço virtual pré-fabricado, cabendo ao blogueiro somente criar as postagens e ficando a cargo desse a decisão sobre “profissionalizar” ou não sua página na web. Com relação a profissionalização aqui referida, podemos também tomar como exemplo o caso do blog *Depois dos Quinze*, que passou a ter domínio da URL e um layout pago, além de contar com uma estrutura reformulada, uma mescla de site e blog: blog no formato de conteúdo e das postagens, site por ser algo que abriga cabeçalhos e outras páginas.

O blog em si é algo hipermediático, uma vez que reúne *hiperlinks*, vídeos, textos, imagens. No entanto, esses recursos são destinados às outras publicações (informativas) e não para as crônicas e textos de amor. Apesar de o blog ser um espaço virtual que se utiliza de todas essas características, Bruna Vieira conserva a utilização de apenas uma imagem e o texto para as postagens literárias.

Baseando-nos em Nielsen e Loranger (2007) para compreender a usabilidade na web, notamos que a arquitetura da informação do blog é a organização das informações e a sugestão de caminhos para o internauta encontrar o que deseja no site ou no blog pelo qual navega. No blog *Depois dos Quinze* a arquitetura da informação estrutura-se da maneira ilustrada no Anexo A.

No início da página, logo abaixo da URL, encontramos uma “linha” rosa com menus sobre a Revista Capricho, visto que o blog está associado ao site da revista e que Bruna é colunista do veículo. Todos os links dispostos nessa linha redirecionam para o site da revista. Abaixo desse elemento visual, encontramos um espaço destinado a banners publicitários gerados pelo *Google (Google AdSense)* que se convertem em renda para a blogueira. No cabeçalho há a disposição centralizada do título em fonte manuscrita sobre a imagem com transparência de um mapa, enquanto o destaque fica para os elementos ilustrativos, tais como a London Eye, a Torre Eiffel e a Estátua da Liberdade, pontos turísticos das cidades que a autora já visitou, ilustrando a paixão por viajar de Bruna Vieira.

Segundo Nielsen e Loranger (2007) a *homepage* de blogs e sites pode ter muito a dizer, mas deve ser sucinta para que o usuário se interesse por ela em pouco tempo. Além disso, a página principal deve seguir alguns mandamentos para ser algo atrativo: revelar o blog (ou site) que o usuário está acessando; quais os benefícios de navegar no blog; dispor brevemente informações relevantes e úteis, tais como, quem é o autor dos textos contido nesse espaço; ter seções de conteúdos claras e coerentes para que o usuário consiga encontrar o que anseia. Enquanto nos sites a *homepage* é apenas algo que intermedia os conteúdos mais longos e abriga as páginas internas, nos blogs, os conteúdos acontecem na *homepage*, com o fluxo das postagens diretamente, mesmo que possua páginas internas. Para um site, quanto menos examinarem a *homepage*, melhor é sua usabilidade, pois tem apenas a função de redirecionar o tráfego para as páginas internas. Enquanto nos blogs o leitor se interessa pela página como um todo, deve examiná-la muito para se sentir satisfeito com o conteúdo e ler as postagens nela contidas.

O menu principal de navegação do blog é dividido nas seguintes seções: “Home”, “Sobre”, “Livros”, “Colaboradores”, “Viagens”, “Moda”, “Música”, “Fotografia” e “Anuncie”. Os três primeiros itens e o “Anuncie” redirecionam para páginas específicas do blog, enquanto ao clicar na opção “Viagens” nos deparamos com um

submenu com as seguintes opções: “New York”, “Paris”, “Buenos Aires”, “Califórnia”, “Inglaterra” e “México”. Ao clicar em qualquer uma dessas cidades, seremos redirecionados para uma página com uma relação de postagens criada a partir do uso de *tags* sobre o assunto. Já as opções “Moda”, “Música” e “Fotografia” direcionam igualmente para páginas com certa relação de postagens, mas diferentemente dos itens anteriores, essa relação ocorre por meio das categorias do blog. Ao fim da primeira parte do blog, antes de utilizarmos a barra de rolagem, notamos a galeria de fotos, todas as três imagens dispostas nesse recurso são clicáveis e redirecionam para o link das postagens das quais fazem referência. Dessa maneira, o menu principal é composto de links profundos que “aprimoram a usabilidade porque há maiores probabilidades de eles satisfazerem as necessidades dos usuários” (Nielsen e Loranger, 2007, p. 29).

Ao pesquisarmos em um sistema de busca sobre determinados assuntos tratados no blog, entraremos em páginas específicas, em páginas internas do blog, por isso, essas páginas são responsáveis pela maioria dos acessos de usuários. Bem como, a autora ao compartilhar seus *posts*<sup>14</sup> em redes sociais, utiliza o link das páginas internas. Através desses fatos, podemos notar que é importante o blog possuir um logotipo ou cabeçalho, para situar novos usuários, assim como deve ter um link para a *homepage*.

O blog abriga quatro postagens por páginas e ao fim de cada *post*, há uma foto em miniatura da autora e seu nome em formato de link, ao clicarmos nesse link somos redirecionados para um “About”, isso acontece também com os *posts* escritos pelos colaboradores. Juntamente com a identificação do autor, encontramos a categoria e as *tags* que em que a publicação se inclui. Abaixo dessas informações, nos deparamos com miniaturas de fotos das postagens relacionadas, que quando o cursor do mouse paira sobre elas tornam-se cinzas e podem ser clicadas para que o leitor possa ir direto à outra publicação. No final de cada postagem também estão dispostos ícones de compartilhamento em algumas redes sociais, sendo elas, *Facebook*, *Twitter*, *Pinterest*, *Google Plus* e *Tumblr*.

O blog dispõe de ferramentas que permitem os comentários dos leitores do blog, tanto por meio do *Facebook Comments Plugin*, quanto pelo recurso do próprio

---

<sup>14</sup> Termo usado por blogueiros para abreviar o vocabulário postagem. É sinônimo de publicação (geralmente em ordem cronológica).

blog disposto ao fim da página. Isso caracteriza uma forma de interação, que segundo Alejandro Rost é:

a capacidade gradual que um meio de comunicação tem para dar maior poder aos utilizadores tanto na seleção de conteúdos (“interatividade seletiva”) como em possibilidades de expressão e comunicação (“interatividade comunicativa”). (ROST, 2014, p.55)

Para Rost (2014) há duas abordagens de interação e ele as caracteriza da seguinte maneira: na interação seletiva, o usuário é visto como um receptor, enquanto na interatividade comunicativa o usuário é um produtor de conteúdos. No caso do blog *Depois dos Quinze*, os leitores enquadram-se na interação seletiva, visto que cabe a eles uma interação simplificada e planejada pela blogueira. Os usuários do blog têm como interação pequenas funções, tais como, comentar postagens e compartilha-las em redes sociais, sem poder realizar alterações no conteúdo, mas que segundo Rost (2014), ainda podem ser consideradas como transferência de poder do meio para os leitores. Esse poder refere-se ao modo de navegação e a forma de leitura no blog, que apesar de possuir uma arquitetura, um mapa informacional com sugestões de rotas, o leitor/usuário tem liberdade para escolher a sua forma de navegação.

Assim, podemos compreender a interatividade como interações sociais que ocorrem mediadas por um aparato. É por meio dos comentários, que Bruna percebe o *feedback* de seu público, como comentou em nossa entrevista:

Provavelmente isso é o mais incrível de trabalhar com internet. Você sabe se faz ou não um bom trabalho quando abre seu e-mail ou caixa de comentários. As pessoas querem opinar e participar do conteúdo. É uma delícia porque um dia nunca é igual ao outro e essas mensagens me inspiram quando estou criando meus personagens ou escolhendo as pautas do blog. (Entrevista Bruna Vieira, 2015)

Ainda em relação à arquitetura do blog *Depois dos Quinze*, na lateral da página, encontramos o perfil sobre a blogueira denominado de “Sobre”, que contém uma foto pessoal e a descrição da sua trajetória enquanto blogueira.

Por seguinte, o blog possui *widgets*<sup>15</sup> das redes sociais *Instagram* e *Facebook*, intercaladas pela ferramenta de busca do blog. Conforme Nielsen e Loranger (2007) é preciso que os websites, em nosso caso os blogs, supram as necessidades dos usuários, tanto os que preferem encontrar o conteúdo por links navegáveis, como os que preferem usar o recurso de busca. Esse último usuário

---

<sup>15</sup> Programas (ou aplicativos) que servem para atalhos de funções simples para o blog. É também uma forma de incrementar a página, possibilitando ao usuário mais informações.

mencionado recorre à caixa de busca quando sabe exatamente o que procura, enquanto o usuário que quer descobrir mais conteúdos e navegar tranquilamente pelo blog recorre aos links. Seja pelo mecanismo de busca disposto no blog, que permite a procura por palavras-chaves ou pela relação de arquivamento de matérias semelhantes, o usuário dispõe de mais informações sobre o espaço virtual do qual navega.

Ainda na lateral do blog, há uma galeria de imagens em movimento com as capas dos livros impressos de Bruna Vieira. Após isso, estão dispostos três vídeos no *Youtube*, pois além de alimentar o blog, Bruna Vieira também é uma *vlogueira*.

O blog também dispõe de “Arquivo”, que permite o leitor selecionar o mês que procura, encontrando através dele todas as postagens realizadas no período procurado — assim como os arquivos mortos que antes eram encontrados em redações de jornais. Esse recurso é vantajoso ao oferecer uma memória digital ao usuário do blog, principalmente quando o acesso de informações se torna mais intenso. É comum os portais disporem de um acervo de conteúdos, o que se torna um ponto positivo para o site, porque assim conquistará o leitor pela sua credibilidade e suas informações sempre presentes.

Posteriormente, encontramos as “Categorias” do blog, todas acompanhadas de um ícone em formato de coração e com a palavra-chave em forma de hipertexto. As categorias têm a finalidade de situar os internautas sobre os assuntos do blog e por meio da utilização delas, a autora e seus colaboradores inserem os textos em determinada classificação, sendo que, muitas vezes, uma postagem pode pertencer a mais de uma categoria. Ao final da parte lateral do blog, encontramos as “Lojas Parceiras”, que seguem o mesmo formato de disposição das categorias, mas que se diferenciam ao redirecionarem o usuário para uma página externa ao blog.

E por fim, ainda na margem direita do blog, estão dispostas miniaturas de imagens dos colaboradores que escrevem postagens sobre diversos temas no blog. Ao deixarmos o cursor sobre alguma das imagens, ela se acinzentada e ao clicarmos somos redirecionados para o blog ou para alguma rede social de cada um deles, logo, são hiperlinks que redirecionam para páginas externas.

No final do blog, há o espaço destinado para a galeria de fotos do “Look do Dia”, com o funcionamento como o da galeria de imagens do cabeçalho: ao clicar em alguma fotografia, o usuário é redirecionado para a página da postagem em que está inserida a imagem. Ainda na parte inferior da página “Home”, encontramos a

nuvem de *tags*, que são caracterizadas por Nascimento et al (2008, p.4) como “palavras-chave que indexam determinado post ou entrada”, e se diferenciam das categorias por meio da apresentação e da quantidade. Assim, podemos dizer que as categorias são mais amplas e englobam mais temas, enquanto as *tags* são caracterizadas pela especificação, tanto que podem servir para classificar um único *post*.

Ao lado da *tag cloud*, há a *wishlist*, que é o espaço em que a blogueira dispõe em forma de fotografia seus desejos de consumo, também em formato de galeria de imagens em movimento, semelhantes ao *widget* das publicações. Outro *widget* utilizado é a “Agenda”, no qual a blogueira compartilha com seus leitores as datas de seus eventos, desde uma consulta médica até o lançamento de algum livro. E o último recurso da página é o contador de visitas *Histats*, que permite a contagem de quantos usuários estão acessando a página no momento.

Embora o blog possua uma arquitetura informacional que permite uma melhor leitura e compreensão das páginas, o usuário pode ser seu próprio guia, escolhendo as melhores rotas para chegar ao conteúdo que anseia. Além disso, esse usuário pode interagir com outros seguidores do blog, trocando ideias entre seus pares ou simplesmente respondendo a blogueira, por meio dos *plugins* de comentários do *Facebook* ou da própria ferramenta do blog.

Apesar de o blog *Depois dos Quinze* ser uma página na web, não se delimita somente a isso. A blogueira Bruna Vieira investe em redes sociais do momento, na tentativa de constantemente se adaptar ao seu público leitor, bem como encontra nas redes sociais uma maneira de se aproximar e de conhecer seus leitores, tanto do blog como de seus livros impressos.

A rede social transforma a maneira que as pessoas se comunicam e, conseqüentemente, consomem livros. Acredito que funciona como uma ponte. Um jeito mais simples de atingir, convencer e conquistar seu leitor. (Entrevista Bruna Vieira, 2015)

### 1.3 O livro impresso *Depois dos Quinze*

Com o advento dos *ebooks* surgiu a questão que centralizou diversos debates no mercado editorial nos últimos anos: “este é o fim do livro impresso?”. Para o autor Roger Chartier (2009) o livro eletrônico não é “a revolução”, uma vez que existiram muitas antes disso. Com o mesmo padrão e formato até hoje, o livro manuscrito e o livro pós-Gutenberg possuem estruturas semelhantes ao códex, entre elas: a

encadernação, a superfície da página, a paginação, os índices e sumários que já existiam no manuscrito e continuam até hoje. Assim, levando em conta que uma invenção não erradica outra, podemos falar em uma determinada “continuidade”.

De acordo com a autora Bruna Vieira, ao questionarmos se a Editora Gutenberg cogitou a hipótese de uma versão *ebook* do livro *Depois dos Quinze*, ela declarou que haviam conversado sobre o assunto, mas que não era uma prioridade no momento e que o blog continua sendo o melhor espaço para os leitores encontrarem seus textos, fotos e vídeos. Apesar de não adentrarmos em nosso trabalho na questão dos *ebooks*, uma vez que o livro *Depois dos Quinze* não está disposto em formato de livro eletrônico, apenas em forma de textos de postagens do blog, é importante lembrar que o livro eletrônico intervém na relação dos consumidores com o livro impresso. O livro eletrônico é marcado pelo fluxo sequencial, pelo embaralhar de informações, pela memória e pelos hipertextos. Todas essas características somadas resultam em novas maneiras de ler e diferentes estruturas do suporte. E foi por meio das discussões relativas ao *ebook*, que os pesquisadores da área de produção editorial voltaram-se ainda mais para questão da materialidade, pois conforme Chartier (2009) o impresso em nossa sociedade atual é como uma condição para a compreensão das novas tecnologias, essas são as novas formas dos tradicionais suportes de leitura.

Ao romper a conexão anterior entre textos e objetos, e entre discursos e sua forma material, a revolução digital introduziu uma revisão radical dos gestos e das noções que associamos com a palavra escrita. Apesar da inércia de um vocabulário que tenta domar a novidade designando-lhes palavras familiares, os fragmentos de textos que aparecem na tela do nosso computador não são páginas, mas composições singulares e efêmeras. (CHARTIER, 2014, p. 22)

Em meio aos estudiosos e autores renomados da área do livro, encontramos quem relate que o futuro é digital, como Robert Darnton (2010), assim como Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010) revelam que o livro impresso é insuperável. Darnton, em sua obra *A questão dos Livros*, reflete sobre a tecnologia que permeia o campo editorial e nota nos *ebooks* um caminho para a democratização do conhecimento. Por outro lado, Eco e Carrière percebem a obsolescência programada dos novos suportes de leitura, têm medo de atulharem-se em artefatos ultrapassados e argumentam que a ciência e a história comprovam a superioridade do livro enquanto objeto da indústria cultura nas últimas décadas. Para os dois autores, o livro é facilmente transportável e resistente ao tempo. Ainda, conforme Eco e Carrière, os livros poderão ter dois possíveis desfechos: “ou o livro



permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia” (ECO e CARRIERE, 2010, p. 17).

O livro, por mais que se reinvente e sofra diversas metamorfoses, sua função permanece a mesma ao longo das épocas. Talvez o suporte que concede materialidade ao texto se modifique, mas a leitura e os leitores sempre existirão, porque somos herdeiros da história que define o livro.

O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. [...] O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é. (ECO e CARRIERE, 2010, p. 17)

Segundo Chartier (2002), o livro é concomitantemente um objeto material e uma obra intelectual (ou estética), pois a materialidade influi na leitura de modo não-verbal, através da disposição e da organização do texto, assim delimitando as formas de leitura. É preciso levar em conta a materialidade do livro, a sua impressão, a sua tipografia, porque a materialidade do livro é indissociável da materialidade do texto. O texto é algo fixo na página, mas o livro é móvel.

Roger Chartier, em seu livro *Práticas de Leitura*, afirma que o suporte material permite a efetuação das práticas de leitura e esclarece que a materialidade do suporte não pode ser separada das representações e usabilidades, logo o conceito-chave do ato de ler é apropriação do livro pela leitura. Assim, podemos dizer que a leitura ocorre em três instâncias, que se ligam concomitantemente: conteúdo, suporte e representação. Os livros são objetos dotados de formas, que abrigam o texto e sugerem usos e apropriações.

Para Chartier (2014, p.11) “a ‘mesma’ obra não é de fato a mesma quando muda sua linguagem, seu texto ou sua pontuação”. A partir do ponto de vista de Chartier, então o *Depois dos Quinze* não é a mesma obra, mesmo contendo a mesma narrativa em diferentes suportes. Enquanto o blog é marcado pela descontinuidade, o livro impresso caracteriza-se pela percepção da totalidade textual. Ao contrário do pensamento do autor, aferimos que, apesar das alterações derivadas do processo de preparação de originais e de revisão dos textos do blog para que constassem no livro impresso, a narrativa manteve-se com o mesmo sentido.

A descontinuidade e a fragmentação da leitura não têm o mesmo significado quando são acompanhadas por uma percepção da totalidade textual contida pelo objeto escrito e quando a tela iluminada nos possibilita ler fragmentos de escritos não mais exibe os limites e a coerência do *corpus* do qual são extraídos. (CHARTIER, 2014, p.23)

Por meio da entrevista<sup>16</sup> com a *publisher*, Alessandra Ruiz, compreendemos que o intuito da edição do livro *Depois dos Quinze* era dar unidade para um conjunto de textos publicados no blog, uma vez que no ambiente virtual encontram-se diluídos em postagens de outras temáticas e porque também dessa forma os leitores teriam a experiência de ler esses textos todos de uma vez só. A autora Bruna Vieira também declarou em nossa entrevista, que a ideia do livro era transformar o blog em um produto e levar o conteúdo dele para um público mais amplo. Para que isso se tornasse possível, a edição do livro dispôs de uma identidade visual, uma estrutura do livro e paratextos editoriais que deram a materialidade de uma publicação impressa para os textos que antes eram somente dispostos na web.

Conforme Genette (2009, p. 9), “o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. Ainda segundo o autor, os paratextos editoriais são elementos que cercam o livro e o apresentam ao leitor. Esses recursos acompanham os textos desde a época do códice, se modificam conforme o passar do tempo e variam de acordo com a cultura. Eles não possuem uma regra fixa, cabe ao editor escolher os paratextos que convém ao objetivo de cada publicação. É o conjunto orquestrado de paratextos editoriais que guia a leitura. Os paratextos são como uma sutil sugestão e que influenciam na produção de sentidos.

### 1.3.1 Paratextos do livro *Depois dos Quinze*

Para a compreensão da narrativa *Depois dos Quinze* enquanto livro impresso, analisaremos os paratextos editoriais que compõem a obra, com base nos estudos de Genette (2009) sobre esses recursos e Araújo (2008) com seus estudos sobre a estrutura do livro (parte pré-textual, parte textual e parte pós-textual).

O livro impresso *Depois dos Quinze* possui o formato brochura, medindo 14x21 cm (compatível com A5) e com duas orelhas dobráveis de 14x8 cm. Com 200 páginas distribuídas em seis cadernos costurados. O tipo de papel das páginas do

---

<sup>16</sup> Entrevista realizada pela pesquisadora por meio do chat do Facebook em 20 de novembro de 2014

miolo é o pólen, papel amarelado que permite melhor leitura sem cansar tanto os olhos do leitor.

Segundo Genette (2009), a capa e a contracapa impressa em papel ou papelão são também paratextos editoriais que dão materialidade ao livro, mas que são invenções recentes, do início do século XIX, visto que na era clássica os livros tinham encadernações em couro, constando somente o título da obra e às vezes o nome do autor na lombada. Assim, em cada época e a cada gênero literário configuram-se novas disposições dos elementos das capas. Abaixo verificamos na Figura 1 a autora e a capa do livro *Depois dos Quinze*:



Figura 1 — Bruna Vieira em entrevista para a Revista Capricho

Considerando nosso estudo de caso, na capa do livro impresso *Depois dos Quinze*, há o nome da autora centralizado no início da capa, seguido por indicação genérica de gênero (“crônicas e contos”). Os outros elementos da capa são: o título da obra centralizado, o logotipo da Editora Gutenberg na parte inferior esquerda e a indicação do número da edição, que é a 7ª, centralizada. A capa da obra em questão possui ilustrações que remetem a aparência da autora, bem como seus animais de estimação e a cidade que é o plano de fundo das histórias: São Paulo. Outro elemento da ilustração são as andorinhas, símbolo tatuado no braço de Bruna Vieira.

A contracapa é a continuação da ilustração da capa acrescida de um pequeno texto no qual consta uma breve biografia da autora e um resumo de quatro linhas sobre o livro, visando envolver e estimular o leitor a comprar/ler o livro em questão. Na contracapa da edição desse livro impresso há a disposição do ISBN no canto esquerdo e o logo da Editora Gutenberg no lado inferior direito.

A orelha do livro é a dobradura do papel da capa e da contracapa na parte interna, na qual consta uma resenha de Paula Pimenta, também autora da Editora Gutenberg. Na segunda orelha do livro, na parte da contracapa há uma imagem da

autora e sua biografia. As orelhas são aparatos que permitem breves informações, e também podem ser usadas como marcador de página pelos leitores. O tom juvenil das ilustrações se faz presente em detalhes do livro também, como nas orelhas, quando há a disposição da ilustração de um gato e de uma máquina de escrever.

A parte pré-textual do livro, segundo Emanuel Araújo (2008), é composta por uma grande variedade de elementos que possuem diferentes disposições no livro e nas páginas. Além disso, há elementos que podem ser omitidos ou acrescentados, tudo depende da casa editorial. O autor, mesmo com as oscilações dos elementos que mudam de edição para edição, fixou alguns elementos sob uma ordem ideal, sendo ela: falsa folha de rosto, folha de rosto, dedicatória, epígrafe, sumário, lista de ilustrações, lista de abreviaturas e siglas, prefácio, agradecimentos e introdução. No livro *Depois dos Quinze* não há a disposição de todos os elementos citados anteriormente, constando a presença de apenas: falsa folha de rosto, folha de rosto, folha de crédito e ficha catalográfica, dedicatória, epígrafe e sumário.

Conforme Araújo (2008) a falsa folha de rosto foi uma das inovações do livro impresso, e surgiu no fim do século XVI. Esse aparato pré-textual tem como finalidade proteger a folha de rosto. É disposto na página ímpar, apesar de ser a primeira folha do livro: ao deixarmos a obra aberta ocupa o lado esquerdo da visão do leitor. O título encontra-se no centro óptico da página e situa-se na mesma medida em que o título da folha de rosto se encontra. Portanto, a falsa folha de rosto é um elemento simples, sendo uma página destinada somente ao título do livro.

A folha de rosto ou página de rosto é o local de apresentação inicial do livro. Em nosso estudo de caso, o título da obra se sobrepõe aos outros elementos da página por causa do tamanho da fonte e a utilização do recurso de negrito, além de encontrar-se centralizado. Enquanto o nome da autora está disposto na parte superior da página com o tamanho de fonte também destacado, embora não tanto quanto o título. Abaixo encontramos a indicação do gênero textual do livro, o número da edição e por fim o selo da Editora Gutenberg.

A folha de créditos encontra-se disposta no verso da folha de rosto, ocupando uma página par. O primeiro elemento dessa página é o *copyright* da autora Bruna Vieira e da Editora Gutenberg, que acompanha um pequeno texto explicativo explicitando que nenhuma parte do livro pode ser reproduzida sem autorização prévia da editora. Após a lista de crédito, encontramos a ficha catalográfica, que é “um resumo catalogado que permite a identificação bibliográfica da publicação”

(ARAÚJO, 2008, p.407), de acordo com elementos obrigatórios e facultativos decididos pela Câmara Brasileira do Livro.

A dedicatória encontra-se na página cinco (ímpar), alinhada à direita, e em itálico, escrita em linguagem concisa, localizada na parte inferior da página. Segundo Chartier (1998, p.41), “a dedicatória pertence às preliminares da obra ou ao “paratexto”, isto é, aos textos que precedem e acompanham a obra propriamente dita”. Bruna Vieira dedica à obra para os meninos com quem se relacionou e que a fizeram escrever, à sua família e as suas leitoras.

O livro em seu projeto gráfico se baseia em ilustrações delicadas, tais como, o símbolo das andorinhas, encontrados na ilustração da capa e da contracapa, bem como no miolo, antecedendo a epígrafe. As andorinhas são relacionadas a primeira tatuagem de Bruna Vieira feita em 2010, quando publicou em seu blog a postagem intitulada *Guia da Primeira Tatuagem*, na qual justifica seus motivos:

Sempre tive vontade de fazer uma tatuagem, e achei que esse era o momento certo já que em breve, muita coisa vai mudar por aqui. Quero dizer, acaba de vez essa fase de morar na casa dos meus pais e cursar o ensino médio e começa a vida independente de faculdade/trabalho em São Paulo. Mas não é só essa liberdade que a tatuagem representa [...] quero que os movimentos desses pássaros me lembrem que independente do que aconteça, estarei sempre livre para tomar novas decisões, e deixar o que não me faz bem, no passado. (Bruna Vieira, *Depois dos Quinze*, 2010)

A citação usada como epígrafe do livro *Depois dos Quinze* é de Oprah Winfrey, apresentadora americana de TV. A citação dessa epígrafe também foi tatuada por Bruna Vieira em seu braço, sendo sua segunda tatuagem, realizada em maio de 2012.

Na nona página, situada após a epígrafe, encontramos essa expressão que é um trocadilho criado pela autora: “Vi(ver) (a) Lou(cura)”, frase que representa a visão positiva de Bruna sobre a vida. A frase precede o sumário da obra, não sendo enquadrada como um dos paratextos editoriais de Genette, tampouco como elemento da parte pré-textual do livro conforme Araújo. A inserção tange os limites entre o pré-textual e o textual: é um recado da autora aos leitores.

O sumário “constitui uma ordenação sistemática e não alfabética da estrutura do livro” (ARAÚJO, 2008, p. 410). Na obra em questão, inicia-se na página 11, sendo o último elemento pré-textual da publicação. Segundo Araújo (2008), a disposição do sumário como último recurso antes do texto, torna-se, na prática, algo incômodo para o leitor, o qual precisa encontrar o sumário no interior da obra. O sumário do livro impresso *Depois dos Quinze* está distribuído em três páginas, nas

quais constam os 59 textos e suas paginações. O tipo de sumário empregado nesse caso é o sumário com fólios (número das páginas) à esquerda dos títulos, apesar de não ser convencional, permite a inteligibilidade e uma página arejada.

Após o sumário, inicia-se a chamada parte textual, conforme Araújo (2009), na qual há um padrão estabelecido por meio do projeto gráfico para toda a extensão do texto. Como o livro não é uma narrativa contínua como um romance, divide-se em textos no formato de crônicas e alguns contos. Mas antes da primeira crônica do livro, encontramos “O começo”, uma espécie de introdução escrita pela autora relatando resumidamente o início de sua vida enquanto blogueira e escritora.

No miolo do livro, em meio às crônicas e contos, há um caderno de oito folhas, que se destaca por ser colorido e abrigar fotografias do acervo pessoal da autora como plano de fundo. A diagramação do miolo é simples, constando apenas o título da crônica e o texto.

A parte pós-textual não se baseia nos elementos citados por Emanuel Araújo, tais como posfácio, apêndices e colofão. O livro utiliza paratextos editoriais distintos criados especificamente para a obra em questão, inovando-se ao dispor a *playlist* “Leia este livro ouvindo” e o *QR Code*<sup>17</sup> na parte final da obra. A lista de músicas é relacionada à paixão da autora pela música, bem como, recria a leitura dos textos nos blogs, quando o leitor pode ler e ao mesmo tempo ter uma trilha sonora em sua história. Enquanto, o *QR Code* é um código de acesso que permite que o leitor do impresso navegue em um conteúdo extra do livro na web. Ao utilizarmos o código, somos redirecionados para uma página da Editora Gutenberg destinada ao livro.

Podemos aferir que o design editorial do livro *Depois dos Quinze* é perpassado por outras mídias, principalmente ao incorporar elementos da web (tais como, *hashtags* e *playlist*) em uma narrativa em um suporte impresso, em busca de uma leitura intercalada, ora impressa, ora digital. Na última página do livro há um breve texto escrito pela editora com a divulgação da *hashtag* #livrodepoisdosquinze e o pedido por resenhas em blogs.

Assim, a partir da análise dos paratextos editoriais, notamos que a obra mescla os elementos principais para a edição de um livro, com o incremento de novos aparatos criados com base no ambiente digital, na tentativa de carregar para o impresso pequenas vivências do modo de ler o blog.

---

<sup>17</sup> Sigla do termo inglês Quick Response. Código que pode ser convertido em algum elemento multimídia após o escaneamento pela câmera de algum dispositivo móvel.

## 2 A TRIÁDE REGENTE DAS NARRATIVAS

---

O livro possui um ciclo, uma cadeia produtiva no qual está inserido desde sua produção até seu consumo. Esta subseção tratará dos três agentes protagonistas desse ciclo: a autora, a editora e os leitores.

### 2.1 A autora

Antes, mais especificamente durante a Idade Média, o escritor era apenas o propagador e escriba da palavra de Deus, espantando todo e qualquer conceito de originalidade. O antigo intuito de escrever era pautado em reproduzir e distribuir certas histórias, sem adicionar nomes por trás delas. Conforme Chartier (2009), em meados do século XVII, alguns autores franceses e italianos viram-se na mesma situação de autores clássicos e padres da igreja, recebendo atributos por suas obras. Eram escritores: escreviam suas próprias obras e não copiavam mais a fala divina, “eles compõem uma obra, e as imagens os representam, de um modo um pouco ingênuo, no ato de escrever a obra que o leitor tem nas mãos” (CHARTIER, 2009, p. 32).

A partir desse fato, começam a circular os manuscritos com várias obras de alguns autores de acordo com um mesmo tema, rompendo com a ideia de manuscrito como conjunto de textos de diferentes localidades, origens e tempos, tornando-se manuscritos que identificam seu real autor.

Segundo Chartier, essa “situação mudou quando a afirmação da originalidade criativa entrelaçou a vida do autor e suas obras, situando-as dentro de um contexto biográfico e tornando os sofrimentos e momentos de felicidade do autor a matriz de sua escrita” (CHARTIER, 2014, p. 10).

Para a consolidação da existência de um autor, Roger Chartier (2009), afirma que é necessário delimitar critérios, e demarca o principal deles: “o escritor é aquele que escreveu um texto que permanece manuscrito, sem circulação, enquanto o autor é também qualificado como aquele que publicou obras impressas” (CHARTIER, 2009, p. 32).

Atualmente, com a crescente expansão da web 2.0 e das mídias digitais, notamos que há diversos indivíduos que anseiam ter seus textos publicados por uma casa editorial e encontram na web um caminho alternativo até as grandes editoras, como no caso da autora Bruna Vieira. Conforme Henry Jenkins (2009), em seu livro *Cultura da Convergência*, vivemos novos processos culturais, principalmente no

âmbito de produção e de consumo de informações, e isso pode ser estendido ao campo editorial. Assim, a autoria ainda tem sua importância em nossa sociedade, publicar para muitas pessoas em meios tradicionais ainda é um sonho para muitos autores, mesmo que a web possibilite o exercício de autoria, embora de forma diferenciada, em diversas plataformas, seja em *fanfictions*, blogs, *ebooks* autopublicáveis.

A autoria tem uma aura quase sagrada, num mundo onde as oportunidades de circular suas ideias a um público maior são limitadas. À medida que expandimos o acesso à distribuição em massa pela web, nossa compreensão do que significa ser autor - e que tipo de autoridade se deve atribuir a autores - necessariamente muda. (JENKINS, 2009, p. 252)

Podemos relacionar isso ao caso da autora Bruna Vieira, que *bloga* desde 2008, quando tinha 14 anos e inicialmente fazia de seu blog um diário virtual, no qual compartilhava seus desabafos. A autora e blogueira nasceu em Leopoldina, Minas Gerais em 18 de maio de 1994. Mudou-se para São Paulo com 17 anos em busca de seus sonhos e por acreditar que a cidade grande tinha um lugar reservado para ela.

Em 2012, pouco tempo após a chamada da Editora Gutenberg, Bruna recebeu o convite para ser colunista da Revista Capricho e assinar a última página da revista *teen*. Hoje, Bruna se denomina uma empresária, uma vez que define seu blog como uma empresa — afinal de contas é dele que retira a maior parte de sua renda mensal. Além do blog, utiliza outras mídias digitais, tais como o *Facebook*<sup>18</sup>, *Twitter*, *Tumblr*, *Instagram* e *Youtube*.

A vida da autora e sua personalidade são referenciadas tanto no blog, quanto no livro em meio a elementos gráficos e ilustrações, promovendo o que Zygmunt Bauman (2008) diz ser a venda de si mesmo, em uma sociedade confessional, na qual não há mais fronteiras entre o público e o privado. Assim, as pessoas são ao mesmo tempo os promotores das mercadorias e as próprias mercadorias que promovem. Afinal de contas, esses indivíduos estão sempre engajados em promover o marketing de si mesmos, para obter a atenção e o reconhecimento que tanto anseiam. O que era espaço social tornou-se mercado de bens de consumo, que é detentor do poder soberano, enquanto o consumo se tornou algo natural e não é mais somente um direito do cidadão. Toda mercadoria colocada à venda deve ser consumida. Os consumidores desejam obter mercadorias para consumo com o

---

<sup>18</sup> O perfil oficial de Bruna Vieira no Facebook conta com 3.767 amigos e 170.926 seguidores. .



intuito de satisfazer seus desejos. Em relação ao preço da mercadoria, o leitor/consumidor em busca de satisfação está pronto para pagar pelas mercadorias dependendo de sua credibilidade da promessa de compra e satisfação e da intensidade do desejo de ter esses objetos.

Bauman (2008) divide a sociedade em duas formas históricas e sociais marcadas pela relação à produção e o consumo, denominando-as de sociedade de produtores e sociedades de consumidores. Na sociedade de consumidores não há diferenças entre seres humanos e mercadorias, pois antes do indivíduo ser sujeito, ele é uma mercadoria. Assim sua subjetividade não está segura, porque logo se torna vendável, como no caso de Bruna Vieira.

A sociedade de consumidores vê a invisibilidade como uma forma de morte, pois nesse período histórico é como uma regra se destacar da massa uniforme e o bem sucedido será o que conseguirá captar o olhar de terceiros. Esse tipo de sociedade é permeada pela cultura agorista, em que tudo é apressado para ser adquirido e depois descartado. Por outro lado, a sociedade de produtores era marcada pela apreciação do corpo, a valorização do trabalho e os indivíduos tinham como filosofia de vida a apropriação e a posse de matérias apenas para gerarem segurança, conforto e respeito. E todas as escolhas de compras eram pensadas para longo prazo, assim como a produção de bens fazia objetos duráveis.

A sociedade dos produtores encaixava-se na fase sólida da modernidade, regida pelo amor ao trabalho e ao adiamento da satisfação. A sociedade de consumidores é o oposto, é a fase líquida da modernidade, pautada pelo consumo e pelo imediatismo. Esta é marcada igualmente pela individualização, pela não-satisfação e pela felicidade (e amor) de consumir, logo o indivíduo não quer satisfazer suas necessidades, mas sim suprir seus desejos. Nesta cultura dos consumidores, o tempo não é cíclico, nem linear, é pontilhistas: o presente rege o passado e o futuro, e isso pode ser relacionado ao *boom* das redes sociais. Outras características secundárias dessa sociedade de consumidores são o excesso de informação, a melancolia e a irracionalidade. A sociedade de consumo está baseada na identidade juvenil, sendo esta uma identidade fluída, não homogênea e que muda constantemente de padrão de consumo. Este fato está ligado ao seu fortalecimento após a Primeira Guerra Mundial, na qual as crianças e jovens passaram a serem os principais agentes de consumo.

O corpo é fundamental para a subjetividade que exala da sociedade de

consumidores, não como essência para a realização do trabalho, mas como algo estético, sendo essa uma das essências do ato de consumir. A autora Bruna Vieira não expõem somente seus textos na web, expõem a si e isso engloba seu corpo e as vestimentas que o adornam. A autodefinição do indivíduo consumidor da modernidade líquida baseia-se na seleção de ideias e no esforço para se tornar reconhecido publicamente, principalmente para os jovens internautas que desejam obter inúmeros seguidores em diversas redes sociais, blogs e canais do *Youtube*. No entanto, a internet com sua facilidade de acesso, nos torna indivíduos mais plugados e exigentes. Dessa forma, só será reconhecido quem souber utilizar suas melhores ideias e se sobressair a milhões de outros internautas que também desejam se tornar reconhecidos em seus confessionários eletrônicos nos quais a visibilidade é a regra.

Bruna Vieira não é somente uma escritora, é até certo ponto uma *lovemark*, definida por Jenkins (2009) como marca que conquista afetivamente os consumidores, por meio de respeito e amor, sendo vias para estabelecer relações e contatos com os consumidores, levando em conta, principalmente, o fato de seus leitores-consumidores se sentirem próximos e terem uma relação afetiva, mesmo que por redes sociais. Bruna não é uma empresa, mas é uma mercadoria, como todos nós somos, a cada dia vende determinada face em suas postagens e por causa de sua personalidade, conquista os seus seguidores de blog e seus leitores dos livros.

De acordo com Paula Sibilia (2008), nos últimos anos há uma fome de realidade, que incentiva o assistir ao espetáculo da vida do outro, alguém real, com seus relatos não-ficcionais, seja pela web ou por *reality show* na televisão. Podemos analisar o caso de Bruna Vieira enquanto blogueira, com base na obra *Show do Eu: a intimidade com espetáculo*, de Sibilia (2008) ao relacionar os escritos autobiográficos de Nietzsche com a intimidade exposta na internet. No tempo de Nietzsche, ser um indivíduo megalomaniaco, ter uma supervalorização mórbida de si — ou em outras palavras — ter mania de grandeza, era algo visto com maus olhos. Antigamente, as pessoas que apresentavam essa característica eram vistas como doentes mentais, enquanto hoje, se expor na web ao compartilhar a vida privada é algo corriqueiro.

Como interpretar essas novidades? Será que estamos sofrendo um surto de megalomania consentida e até mesmo estimulada? Ou, ao contrário, nosso planeta foi tomado por uma repentina onda de extrema humildade, isenta de

maiores ambições, uma modesta reivindicação de todos nós e de “qualquer um”? O que implica esse súbito resgate do pequeno e do ordinário, do cotidiano e das pessoas “comuns”? (SIBILIA, 2008, p. 9)

O jogo é antigo, mas ainda atual: o jogo da humildade e da vaidade pulsante da multidão que quer compartilhar o seu “eu” e seu cotidiano. O que antes se restringia a escritos, muitas vezes guardados e reforçados com cadeados, agora é compartilhado em redes sociais e blogs. O que os autores escreviam antes era baseado em um leitor ideal, um leitor imaginário, enquanto os escritores de blogs possuem o contato direto com os seus leitores, recebem opiniões diretamente e escrevem sob demanda das necessidades desse público.

Os jovens dos anos 1990 tinham como ídolos cantores de bandas, atores, atrizes de novela e apresentadores de televisão. Por outro lado, notamos que os jovens de hoje querem se espelhar em pessoas “mais comuns”, personalidades de fácil acesso na internet, blogueiros (as) e *youtubers* que possuem milhares de seguidores. Esses são os novos ídolos: populares entre indivíduos de sua idade no ambiente virtual, no qual expõem diariamente suas opiniões e compartilham coisas cotidianas com seus fãs. Não é preciso ser ator da novela das nove para ser capa da Revista Capricho, basta ter um *vlog*, como na penúltima edição <sup>19</sup>da revista em formato impresso que contou com as entrevistas de Bruna Vieira, Taciele Alcolae<sup>20</sup> e Kéfera Buchmann, visto que essas pessoas que são as atuais formadoras de opinião para juventude brasileira.

Nesse sentido, para nossa coleta de dados, entrevistamos Bruna Vieira via *Facebook* e obtivemos algumas respostas relacionadas ao blog e ao livro impresso, e sobre a sua relação com a editora e os leitores. Algumas respostas serão abordadas ainda neste capítulo, enquanto as outras estarão em capítulos subsequentes.

Servindo como exemplo da sociedade de consumidores conceituada por Bauman (2008), temos Bruna Vieira e o blog *Depois dos Quinze*, que apesar de ter criado a página na web, apenas com a pretensão de ter um espaço pra desabafar, posteriormente, investiu no marketing de si mesma e no marketing de seu blog, confessando ter se dedicado para obter bons resultados.

O Depois Dos Quinze nasceu sem grandes pretensões. Em 2008 eu era uma adolescente que gostava de internet e queria um espaço pra desabafar. A diferença é que eu levei a sério a brincadeira e me dediquei

<sup>19</sup> Publicada em maio de 2015.

<sup>20</sup> Blogueira e Vlogueira na página <http://www.tacielealcolea.com/>

por bastante tempo. Abri mão de coisas pra fazer dar certo, sabe? Não foi de um dia pro outro que o blog se tornou o que é hoje. O melhor reconhecimento é que aquele que vai crescendo aos pouquinhos. Acho que é o mais verdadeiro também. (Entrevista Bruna Vieira, 2015)

Após compreendermos as motivações de Bruna Vieira como blogueira, buscamos compreender igualmente sua função de autora e sobre sua relação com a editora. O primeiro contato de Bruna com a Editora Gutenberg ocorreu por causa da indicação de uma professora do Ensino Médio para a editora executiva Rejane Dias. A editora acessou o blog *Depois dos Quinze*, gostou do conteúdo e a convidou para uma reunião. “Foi uma grande aposta porque naquela época não existiam muitos blogueiros no mercado editorial. Confesso que me senti a garota mais sortuda do mundo!”, comentou a autora.

Apesar de o editor ser o profissional responsável por coordenar o processo de editoração, o autor deve participar exercendo escolhas e dando opiniões em relação a sua obra. Bruna afirmou em entrevista, que participa de todo o ciclo de edição dos seus livros, comentando:

Aliás, sou extremamente detalhista. Gosto de participar de todo o processo. Desde o desenvolvimento da capa até a divulgação. Eles sabem que eu conheço o meu público, afinal de contas trabalho com isso há quase 6 anos, então confiam em mim. (Entrevista Bruna Vieira, 2015)

Logo após o livro *Depois dos Quinze* ser publicado, Bruna Vieira concedeu uma entrevista a Revista Capricho contando sobre sua entrada no universo literário e a emoção de ter seu livro em mãos:

Quando peguei o livro pela primeira vez senti uma coisa muito boa dentro do peito. Como se um ciclo da minha vida estivesse terminando. Nos textos, coloquei todos os sentimentos que vivi durante quatro anos mais intensos da minha vida. Mudança, bullying, amor platônico, amizade... Cada palavra ali carrega uma história vivida ou imaginada por mim. Fazer com que outras pessoas, de alguma forma, vivam tudo isso é com certeza incrível. (Entrevista Capricho, Bruna Vieira, 2012)

## 2.2 A editora

Nosso tema de pesquisa inscreve-se em um campo de estudos ainda recente, o que torna necessário a investigação acerca da relação que se estabelece entre editoras e o atual cenário cultural e midiático. A questão da migração de um conteúdo da web para o impresso é algo característico da chamada cultura da convergência, conceituada por Jenkins (2009) como:

[...] mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera

e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. (JENKINS, 2009, p. 43)

A tecnologia, que permite essa convergência, tanto de suportes, como de leitura, de consumo, de reformulação de indústrias e de mercados, é vista como um processo, não como um passe de mágica. A convergência não é roteiro de filme futurístico, é o que se vivencia no cotidiano, como por exemplo, a partir do uso de diversas mídias em um único suporte, como o computador; ou até mesmo o uso de duas mídias de suportes distintos – computador e livro impresso – para o mesmo fim: a leitura.

Assim, temos o âmbito social da convergência, que engloba as práticas de leitura, e o âmbito comercial, o qual abordamos nessa pesquisa a partir do viés editorial por meio do estudo de caso da Editora Gutenberg, que publica livros altamente vendáveis destinados ao público jovem. Dessa maneira, esbarramos no conceito de literatura vendável e de entretenimento, no qual a autora Regina Zilberman descreve a questão da mercantilização da literatura, de tal forma: “Os gêneros literários obrigaram-se a submeter-se às leis do mercado, industrializaram-se e tornaram o formato de mercadoria; para não aceitar a nova situação, só ignorando o leitor, o bebê jogado fora junto com a água do banho.” (ZILBERMAN, 2001, p.72).

Com a cultura da convergência ocorre o empoderamento do consumidor, que durante a cultura de massa teve poucas chances de participação e de decisão nas mídias tradicionais. Assim, todas as ideias e participações são oportunas, tanto de crianças e de jovens ao criarem algo na web, sentados em seus quartos, quanto de donos de grandes conglomerados empresariais. Logo, a convergência pode ocorrer como um processo corporativo de empresas para consumidores, quanto pode ser alternativa, tendo o fluxo mudado, de consumidores para empresas. Muitas organizações de mídia compreenderam a noção da atual cultura que tem regido o cenário informacional, perceberam que era necessário aumentar e acelerar o fluxo de informações e conteúdos por distintos canais midiáticos, porque, dessa forma, conseguiriam conquistar o público e ao mesmo tempo obter lucros maiores. A convergência alternativa e a convergência corporativa podem coexistir e juntamente se fortalecerem, tecendo novas relações entre produtores e consumidores, assim como podem se gladiar como em uma guerra.

Em relação ao nosso estudo de caso — a Editora Gutenberg —, notamos que a convergência ocorre na editora juntamente com o público leitor, logo se estabelecendo uma aliança entre convergência corporativa e alternativa. Quando há novos incrementos nessa convergência que os leitores dispõem, acabam sendo captados pelas editoras que procuram investir no que o público anseia no momento, pois os novos consumidores são visíveis e possuem voz nas redes sociais. Os leitores não são mais considerados passivos, qualquer leitor tem a chance de expor sua opinião, que pode ser ouvida e aceita pela editora. Desse modo, podemos dizer que a editora busca compreender os leitores ao mesmo tempo em que visa o lucro, assim como os leitores buscam expressarem-se ao mesmo tempo em que desejam ter o conteúdo publicado.

Após compreendermos as novas formas de produção e de consumo que a convergência propicia e o quanto a tecnologia influencia na publicação de livros, precisamos saber quem é o profissional que tem seu trabalho “invisível” nas páginas dos livros. O editor, personagem dos bastidores, é como um maestro que rege todo o processo de edição. Conforme Chartier (2014) é o editor que transforma o texto em livro. O editor é quem detecta os originais, quem confere consistência física à literatura, proporcionando ao leitor o apego ao material.

Autores não escrevem livros, nem sequer seus próprios livros. Livros, sejam manuscritos ou impressos, sempre são resultados de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnica e habilidades. (CHARTIER, 2014, p. 38)

Para que as crônicas do blog *Depois dos Quinze* tomassem forma e dispusessem da materialidade do livro impresso foi preciso que um dos agentes da cadeia produtiva do livro entrasse em jogo: a editora. Levando isso em conta, voltamos o foco para a editora Gutenberg que concebeu o livro *Depois dos Quinze: Quando tudo começou a mudar*. Essa editora faz parte do Grupo Autêntica, que se divide em cinco editoras, sendo elas: Autêntica (Obras acadêmicas e educacionais), Autêntica Infantil e Juvenil, Gutenberg (Literatura para jovens e adultos), Nemo (Quadrinhos e graphic novels) e Vestígio (Romances policiais de autores consagrados).

A Editora Gutenberg foi criada em 2003 com o intuito de suprir a necessidade de realocar no Grupo Autêntica, livros que não se encaixavam na linha editorial da editora carro-chefe do grupo, mantendo, dessa forma, o foco em livros mais vendáveis e investindo em originais da web, como, por exemplo, de páginas do

*Facebook*, como o *Indiretas do Bem*, e de blogs, como o *Depois dos Quinze*. Essas publicações ganharam espaço no catálogo da editora, pois já possuem públicos definidos: os leitores que ao mesmo tempo são internautas.

A popularização da editora aconteceu concomitante ao sucesso de vendas de Paula Pimenta, em 2012, com a série *Fazendo Meu Filme*, graças ao empenho da autora, juntamente com a editora que investiu em seu trabalho, e ao seu público leitor juvenil. Rejane Dias<sup>21</sup> e Alessandra Ruiz<sup>22</sup>, editoras que atuaram na edição dos livros das autoras Paula Pimenta e Bruna Vieira, veem os leitores de Bruna com o mesmo perfil dos leitores de Paula: leitores sedentos por novidades e ligados na web. Silva e Martha (2010) explicam o fenômeno da afeição dos jovens pelos blogs:

Os jovens são os indivíduos mais propícios a aceitar as mudanças que acontecem com o decorrer dos anos. Além da influência sobre os jovens, estas mudanças, principalmente o aparecimento deste mundo virtual, influenciam também diversos aspectos da vida como a arte, o lazer, as relações cotidianas entre outros. (SILVA; MARTHA, 2010, p.4)

A editora executiva e criadora do Grupo Autêntica, Rejane Dias, definiu a Gutenberg como a casa publicadora de literatura comercial e, em meio à palestra que ministrou no *VII Seminário O Negócio do Livro* em Porto Alegre, confessou:

Eu era uma editora muito preconceituosa [...] Jamais imaginei fazer livro de entretenimento, a história do entretenimento veio com o case Paula Pimenta, que pra nós tem um significado enorme, que deu um outro encaminhamento para todo o grupo. (Palestra Rejane Dias, 2015)

Ainda na mesma palestra, Rejane classificou em dois segmentos os livros do Grupo Autêntica: os livros literários, que denominou de “classudos”, e os livros *trade*, que são os livros de entretenimento. Enquanto os primeiros possuem a coordenação de uma editora, os outros ficam sob a coordenação de uma *publisher*, no caso dos livros de Bruna Vieira, sob a coordenação da *publisher* Alessandra Ruiz. Segundo Chartier (2001) a distinção entre editor e *publisher* é uma questão difícil, pois existe uma confusão de termos. Poderíamos distinguir o editor como a pessoa responsável pelo texto e o *publisher* como a pessoa voltada para as finanças e o lado empresarial, mas isso implicaria em outra confusão: como ficariam os *publishers* que são editores, mas que também desempenham os cargos empresariais?

Naturalmente, o editor do século XIX tem uma atividade comercial, mas se caracteriza por seu papel como coordenador de todas as possíveis seleções que levam um texto a se transformar em livro, e

<sup>21</sup> Editora executiva do Grupo Autêntica.

<sup>22</sup> Publisher da Editora Gutenberg até a primeira metade do ano de 2015. Atualmente trabalha na Editora Sextante,

tal livro em mercadoria intelectual, e esta mercadoria intelectual em um objeto difundido, recebido e lido. (CHARTIER, 2001, p.48)

Ainda no século XXI impera a lógica do papel do editor definida por Chartier, muitas atribuições são destinadas às editoras grandes, como a Editora Gutenberg, é preciso fazer o livro em si, distribuí-lo e divulga-lo. É nessa última etapa que a editora se aproxima ainda mais dos leitores, e conseqüentemente, faz com que os leitores se aproximem da autora. Com a web 2.0, as editoras notaram um espaço potencial para divulgação nas redes sociais, podendo entregar mensagens diretamente para o público-alvo de uma obra, que está curioso para obter informações de lançamentos de determinados autores. Na web, os leitores encontram facilmente a editora, por meio de redes sociais, como, por exemplo, no *Facebook*, assim podendo dar sugestões diretas sobre diagramação, capas e lançamentos de livros.

Para o autor Daniel Goldin (2012), os editores são construtores de leitores, quando os estimulam à leitura, mas a relação editor/leitor não é algo unívoco, assim como, apesar de existir uma construção mútua, não é algo isolado, se dá num contexto mais amplo e engloba outros agentes, como bibliotecários, publicitários e etc. Antes, durante séculos, a produção de livros era um ofício que servia de recrutamento e formação de profissionais, esses entravam no campo com aprendizes e iam crescendo hierarquicamente de acordo com suas apropriações do saber e suas funções eram designadas a partir de suas especificidades. Atualmente, os agentes envolvidos nas editoras são pessoas de formações distintas e que têm em comum o objetivo de vender livros. O leitor é como um objetivo da editora, porém sempre foi um desconhecido para o profissional que produz e edita as publicações, porque as decisões de publicação acabavam sendo tomadas pelo gosto do editor. Mas esse fato começou a mudar quando as editoras começaram a se apropriar das redes sociais e passaram a compreender os anseios dos seus leitores.

Num momento em que os seres humanos estão cada vez mais conectados e, paradoxalmente, mais isolados, nós, editores, devemos nos perguntar de que diabos falamos quando falamos em *construir* leitores. Não é apenas uma questão de princípios; é uma questão empresarial: devemos saber qual é o nosso capital e onde devemos investir para potencializa-lo. (GOLDIN, 2012, p. 120)

Retomando a questão do que é literatura e o que caracteriza a literatura comercial, utilizaremos o suporte teórico de Muniz Sodré (1985), que trata de questões ainda enraizadas em nosso campo editorial e literário, tais como a



discriminação literária: de um lado temos os “grandes autores”, “os clássicos”, ou como disse Rejane Dias, “os classudos”, do outro lado temos os *best-sellers*, que quando narrativas são também chamados de literatura de massa. Logo, podemos resumir com essas classificações com a clássica questão da Literatura (com letra maiúscula) e a literatura (com letra minúscula), ou seja, a problemática entre literatura culta e literatura de massa. A própria editora-executiva do Grupo Autêntica, considera o livro *Depois dos Quinze* como um produto da literatura de massa, uma vez que esse tipo de obra está relacionado a algo intrínseco à experiência de consumir, enquanto a Literatura é algo aclamado pela crítica literária. Segundo Sodré (1985) da literatura de massa pode se dizer que “[...] ‘é envolvente’, ‘emocionante’, etc. São juízos que partem diretamente do mercado consumidor” (SODRÉ, 1985, p. 6).

O que inebria o leitor da literatura de massa são os conteúdos fabulativos, o clímax de uma história ou um enredo tenso, que capturam o leitor por meio da sensibilidade, com personagens marcantes e muitos diálogos no decorrer da narrativa, o que evidencia a curiosidade de quem lê.

Curiosidade é, como entretenimento, outra palavra-chave. Com efeito, do século XIX até hoje, o homem urbano do Ocidente define-se progressivamente como um “ser-voltado-para-o-prazer”. Trata-se de um imperativo social (cada vez mais forte sob o influxo da ordem do consumo): ele deve satisfazer-se, deve maximalizar a sua existência pelo uso sistemático de todas as virtualidades de prazer. Daí, uma curiosidade de estrutura: tudo deve interessá-lo. (SODRÉ, 1985, p. 16)

Marisa Lajolo (2001) afirma que os *best-sellers*:

podem ser escritos em uma espécie de linha de montagem, começando a produção da obra por um levantamento das expectativas do público: tipo de história de que gosta mais, frequência esperada de cenas de sexo e de violência, cenários e ambientes preferidos, coisas assim. Com base nesses dados, pode-se escrever um romance sob medida para certo tipo de público. (LAJOLO, 2001, p.6)

É a essa técnica que Bruna Vieira recorre, em seus livros posteriores, investiga seu público leitor, questiona quais seus gostos e logo obtém respostas por meio de comentários em seu blog ou em suas redes sociais. A autora Marisa Lajolo (2001) também imergiu nas questões referentes ao que é e ao que não é literatura, interrogando-se:

Por que não chamar de literatura a história de bruxas e de bichos que de noite, à hora de dormir, sua mãe inventava para você e seus irmãos? Por que não seriam literatura os poemas que a jovem poeta escreve no computador, põe na internet e convida os internautas a lerem? (LAJOLO, 2001, p.12)

A autora critica o fato de a literatura ser considerada somente algo escrito, editado, impresso e vendido ao público, enquanto vivemos em uma era em que histórias se iniciam em plataformas como *Blogger*, *Wordpress* e sites de *fanfictions*. Os novos escritores, ou melhor, os jovens escritores querem fazer literatura, seja ela descontraída ou não. Seja a Literatura que Sodré se refere, ou a literatura ampla de Lajolo, aquela que engloba até as histórias contadas por nossos pais antes de dormirmos, porque “tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do significado que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura” (LAJOLO, 2001, p.16).

E para Michèle Petit (2008) as classificações de leituras úteis, leituras de distração e leituras de alta cultura, esquecem-se da dimensão mais importante do ato de ler: o encontro dos leitores com palavras que lhes despertam experiências e sentidos vividos.

Até certo tempo atrás, a internet era vista como uma inimiga do livro impresso, mas como vemos atualmente, a internet passou de vilã para um meio de divulgação e promoção da leitura em geral, além de ser um terreno fértil para novos escritores. É preciso aceitar que a web pode ser um espaço literário. Conforme Daniel Goldin (2012), os editores têm de se adaptar ao mundo globalizado e as mudanças que ele impõe, para não caírem imobilidade de um mercado sem consumidores. Logo, o editor deve compreender o que é eficiência e eficácia, em busca da contenção de gastos, da reformulação da profissão e do próprio negócio em um cenário impregnado pela cultura da convergência.

Por meio de entrevista com Alessandra Ruiz, descobrimos como iniciou a relação entre autora e editora: após questionarmos se a autora enviou o original para a seleção ou se o livro foi escrito sob demanda da editora, Alessandra respondeu que a ideia do livro partiu da Editora Gutenberg.

A editora Rejane Dias comentou sobre o fato na palestra no seminário *O Negócio do Livro*, contando que estava em um almoço quando encontrou a professora de Bruna, que indicou a escritora, dizendo que ela possuía um blog chamado *Depois dos Quinze*. Rejane hesitou e somente depois de três meses resolveu ligar para a autora, apesar de ter ouvido rumores de que a blogueira já possuía um contrato com outra casa editorial. Bruna ainda não tinha uma editora e acabou aceitando a proposta da Gutenberg.

A autora já tinha o livro pronto e em 45 dias estava finalizado com todos os cuidados editoriais, com a tiragem inicial de 10 mil exemplares — e que na terceira semana precisou de mais uma remessa de 10 mil. Rejane estima que o livro tenha vendido mais de 50 mil exemplares em dois anos, assim podemos relacionar o livro *Depois dos Quinze*, ao conceito de Sodré (1985, p. 74) ao dizer que *best-seller* é “todo livro que obtém grande sucesso de público.”. Nesse sentido, a literatura *best-seller*, entendida como sinônimo de literatura comercial, é designada como “todo tipo de narrativa produzida a partir de uma intenção industrial de atingir um público muito amplo.”(SODRÉ, 1985, p.75)

Diferentemente de Paula Pimenta, que escreve somente romance e contos, Bruna Vieira escreve crônica e romance, possuindo três livros de crônica e dois de romance. Rejane comenta que os livros mais vendidos da Bruna são os livros de crônica e ainda ressalta o quão interessante é o caso, pois no Brasil não existem muito sucesso de venda com livros desse gênero, ainda mais no segmento infanto-juvenil.

Para compreendermos o fenômeno da transação de textos do digital para o impresso, realizando uma espécie de trajeto inverso, Alessandra explicou que o objetivo de publicar textos de um blog em forma de livro impresso era dispor os textos em uma obra com uma identidade própria, em um suporte que permitisse a ideia de unidade, sendo assim, um material em que os leitores acessassem os textos todos de uma só vez. Por outro lado, no blog, os textos são tipos diferentes, e os textos que compõem o livro e que demonstram o lado literário e autoral de Bruna estão “diluídos” em meio a outras postagens. Em resumo, a editora confessou que os textos do blog da autora tinham grande potencial para comporem um bom livro de uma boa autora, e se mostraram assim, pelo resultado que obtiveram com as vendas.

Retomando o assunto da relação com os leitores e se a editora realiza pesquisa para conhecer os leitores de futuras publicações, Rejane responde:

Se chega um título de uma literatura parecida, a gente imagina que o leitor seja mais ou menos o mesmo [...]se chega um bom texto, que a gente percebe que tem uma similitude, uma parecência com esses outros autores que a gente publica, as chances de a gente fazer bem feito aquele livro, divulgar bem, para o mesmo público, é enorme. Quando é uma coisa completamente nova, aí a gente pesquisa um pouco indo em livrarias, tentando saber se essa pessoa tem obviamente mídias sociais, se tem algum canal, a gente começa a perceber que universo ele lida, acho que muito desse trabalho é intuitivo. (Entrevista Rejane Dias, 2015)

Em relação à participação da autora no processo de edição, Rejane diz que o trabalho é feito em conjunto, e pondera que “isso é uma coisa muito clara pra gente, quanto mais o autor gostar do livro, mais ele vai ajudar a divulgar, ele tem que amar o livro dele” (Entrevista Rejane Dias, 2015). A Editora Gutenberg permite e deseja a participação do autor em tudo, do início até o fim, na revisão, na diagramação, na capa. Bruna diz que os editores sabem que ela conhece o seu público, pois trabalha com isso há quase seis anos, então a editora lhe confere confiança.

No que concerne à venda dos livros de Bruna Vieira, Alessandra Ruiz relatou que têm uma venda explosiva no lançamento e permanecem vendendo muito ainda em cauda longa após serem lançados, considerando Bruna como uma autora em franca ascensão, e que cada novo lançamento seu impulsiona a venda de seus títulos prévios.

Para Chris Anderson (2006) os grandes sucessos não são mais tão estrondosos como na época em que somente existia a cultura de massa. Segundo o autor, “o campeão é ainda campeão, mas as vendas daí resultantes perderam o viço do passado” (ANDERSON, 2006, p. 2). As pessoas ainda anseiam por *hits* em vários setores comerciais, mas eles já não possuem tanta força. Para o autor, os consumidores, que antes eram inebriados pelos lançamentos efêmeros, ainda existem, mas não se aglomeram somente em uma direção, eles compõem e movimento inúmeros mercados de nichos.

A tecnologia está remodelando a cultura de massa do século XX e o mercado que ela abrange, agora no século XXI, transformando-o em diversos nichos, que, no entanto, são consumidos com a mesma intensidade dos grandes hits massivos. O autor atribui o sucesso e a popularização de terminados produtos e tendências dominantes à economia e a incompatibilidade de oferta e demanda. A cauda longa leva em consideração a variedade do produto, o público que deseja consumir o produto mesmo tendo outras escolhas. Assim, a cauda é composta pela democratização das ferramentas de produção, redução dos custos de distribuição e a conexão entre oferta e demanda.

### **2.3 Os leitores**

Nesta subseção tentaremos abarcar a leitura e os leitores em seus aspectos biológico, histórico e cultural social.

### 2.3.1 O leitor enquanto ser biológico

O autor francês Stanislas Dehaene, em seu livro *Os Neurônios da Leitura*, comenta que desde o tempo do *Australopithecus*, o cérebro passou por profundas modificações e conseqüentemente evoluções, no tamanho, na quantidade de neurônios e na organização, mas principalmente em relação ao desenvolvimento do córtex cerebral, mais especificamente em sua região pré-frontal.

O uso da comunicação oral influenciou o progresso da espécie humana, pois a partir dela “foi possível categorizar e classificar, designar e nomear, unir o som ao significante” (DEHANE, 2012, p.10). Por meio da linguagem, o ser humano pode organizar o mundo e dar a ele um sentido, permitindo adentrar em um nível superior de consciência. Através da fala, os indivíduos passavam suas informações e transmitiam suas tradições, e para “suprir as falhas da memória, o homem inventou a escrita, aproximadamente há 5.000 anos” (DEHAENE, 2012, p.10). Enfim, a escrita seria e é como uma memória artificial, uma conservação de vivências e fatos por meio de palavras impressas.

Conforme o autor há um paradoxo da leitura: mesmo que nosso cérebro pareça adaptado perfeitamente para o ato de ler e que essa atividade exista há milhares de anos, esse tempo comparado com todo o processo evolutivo pode ser considerado apenas um mero instante, tanto que o genoma humano não teve tempo suficiente para se modificar e desenvolver circuitos neurais exclusivos para a leitura.

Dehaene ainda propõe a “reciclagem neural”, opostamente ao relativismo cultural, este último vê o cérebro como algo altamente maleável, no qual se imprimem os sentidos, o ambiente e a cultura. Os indivíduos seriam então “construídos” de acordo com a imersão em determinada cultura, assim pessoas de culturas diferentes teriam poucos pontos em comum, sendo o principal deles a capacidade de aprender. Com o avanço da tecnologia e dos estudos em neurologia, não é possível mais aceitar essa ideia simplista, pois a aprendizagem é algo também limitado, assim sendo, nosso cérebro não é infinitamente maleável. Nossos cérebros são arquitetados com base na genética e em pré-representações. E para a leitura, reciclamos os outros circuitos cerebrais utilizados para outras atividades, inclusive que foram herdados por nossos ancestrais primatas.

A leitura, biologicamente, acontece em primeira instância no olhar, por meio da retina, mais especificamente da sua área central, a fóvea, responsável por capturar detalhes das letras. Dessa forma, através do olhar sobre a página, seguido de pequenas pausas sobre algumas palavras, essas são desconectadas em inúmeros fragmentos pelos neurônios, transformando-se em uma cadeia de letras, que logo são reconstituídas e reconhecidas pelo sistema visual, para então, ganharem significação por meio da via fonológica (som da língua) ou por meio da via lexical (serve como um dicionário mental, com os significados das palavras). Assim, manchas sob o papel tornam-se conteúdos inteligíveis.

Outros autores, como Gonçalves e Guimarães (2015), encaram a leitura como algo mais amplo, e teorizam que a leitura se constitui além do olhar, uma vez que outros sentidos também são utilizados durante a leitura de um livro impresso. O leitor encontra no olfato um modo de guardar uma lembrança de um livro pelo cheiro que suas folhas ou sua tinta exalam. O leitor por meio do tato sente o livro, sente a gramatura do papel e suas saliências. Dessa maneira, o tato e o olfato enriquecem o ato de ler, pois criam e retomam memórias, o que promove igualmente a afetividade do leitor em relação ao objeto de leitura. O fato de ter o livro em mãos e possui-lo, confere a ele um significado diferente na hora de ler. E para os pesquisadores, o corpo em si tem papel importante no contato com o suporte de leitura:

Finalmente, deve-se levar em conta que sempre lemos com o corpo em determinadas posições ou situações, com o corpo se colocando de um determinado modo em relação ao texto, e essa dimensão global da corporeidade é tão parte do ler quando o visual ou os outros sentidos mencionados acima (GONÇALVES e GUIMARÃES, 2015, p.4)

Por outro lado, a leitura em meio digital, principalmente por meio do computador, segundo Santaella (2007), delinea novas habilidades motoras, perspectivas e mentais por parte do leitor, que se diferencia do espectador de imagens e do leitor do impresso. Nesses processos cognitivos, há certo teor de interatividade na integração do corpo e do pensamento, nossos sentidos sondam e há sincronia entre o corpo e a mente, como em uma dança.

Por trás do instantâneo movimento nervoso do *mouse* e do hipnotismo ocular, processam-se inferências lógicas sintonizadas com processos perceptivos complexos, numa junção inconsútil das atividades mentais com atividades perceptivo-corporais. É a combinação instantânea de ambos que possibilita a leitura imersiva. (SANTAELLA, 2007, p.14)

Para Lúcia Santaella há três classificações de níveis de raciocínio do leitor em movimento do ciberespaço, que determinam a forma de leitura e perfil cognitivo do

leitor, sendo eles: abduativo, indutivo e dedutivo. O primeiro refere-se ao internauta errante, que busca os conteúdos que deseja encontrar na web por meio da abdução e do instinto. O outro nível concerne ao internauta detetive, aquele que utiliza a indução lógica, após aprender com a experiência e com a transformação da dificuldade em adaptação. O último nível tange ao internauta previdente, que usufrui da dedução e da memória de longo prazo.

### 2.3.2 O leitor enquanto ser social

A leitura é uma atividade social e cultural que sofreu e ainda sofre diversas metamorfoses ao longo do tempo. Ler é a faculdade empenhada na extração de sentido de palavras ou símbolos impressos. Conforme Zilberman, a leitura “é um processo do qual o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas de sua capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los”. (ZILBERMAN, 1989, P. 24).

Por conseguinte, é importante compreender os fatores que moldam o ato da leitura, o universo no qual se insere os leitores que a guiam, uma vez que muitas variantes interferem na leitura, sejam elas, econômicas, materiais, sociais, representativas e que esboçam concepções de individualidade. Podemos considerar que o ato de ler é permeado pelas práticas de leitura, que são expressas por Chartier (1996) como:

‘apropriações’ do texto pelo leitor, que muitas vezes, como todos os estudos vão acentuar, escapam completamente ao controle ou previsões significativas do texto, submetendo-o a desvios semânticos e imprevistos pragmáticos notáveis. Para conhecer essas apropriações, o caminho mais imediato que se oferece é o da confiança dos leitores a respeito de seus modos de ler, dos sentidos que descobre nos textos. (CHARTIER, 2011, p. 12)

As formas de ler mudam de acordo com o tempo: como sabemos que só na Idade Média a leitura passou a ser algo silencioso, o ato de ler restringia-se ao ler somente com o olhar, fato instituído com o silêncio nas bibliotecas, depois de anos de uma cultura expressivamente oral. Então, o tempo da verbalização, da pronúncia do que era lido era ocupado por outros processos, como o buscar em sua memória livros semelhantes já lidos, exaltando um conhecimento íntimo, uma interpretação única. Além disso, a leitura solitária era mais rápida e marcava a troca de uma experiência pública pelo conforto da experiência em privado. A leitura que antes acontecia em coletivo, principalmente entre membros da mesma família, que

exigia boa entonação e dramatização, cedeu lugar à leitura individualizada, resguardada e privada, que estreitava a relação leitor/livro.

Segundo Chartier (1999) a leitura coletiva e oral pode ser classificada também como leitura intensiva, porque é marcada pela escuta, pela memória e por um número pequeno de exemplares de livros. Enquanto a leitura extensiva é marcada por muitos textos, mas sem aprofundamentos nas obras, é uma leitura mais rasa. Ambas as formas de ler, oral ou silenciosa, intensiva ou extensiva, ainda existem e ainda são utilizadas como forma de leitura na atualidade. A leitura não possui uma regra, porque por meio dela é possível criar diferentes sentidos a partir da linguagem,

[...] uma vez que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria. (CHARTIER, 2011, p.20)

No livro *Navegar no Ciberespaço*, Lúcia Santaella (2007) elabora a tipologia de três leitores baseada em competências sensoriais e cognitivas que envolvem o ato de ler: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo. O leitor contemplativo deriva da Idade Pré-Industrial e é o leitor de publicações impressas. O leitor movente é dinâmico, surgido na Revolução Industrial, juntamente com a Era da Televisão e dos grandes centros urbanos. O leitor imersivo é o leitor do ciberespaço, que dispõe da virtualidade.

Apesar de Santaella tentar compreender de uma forma mais didática o perfil cognitivo do leitor, notamos que sua classificação mostra-se baralhada em determinados casos em nossa atualidade, uma vez que esses leitores se misturam na maioria das vezes. O leitor da atualidade é conseqüentemente movente, quando dispomos de um tempo pontilhista. O leitor contemplativo pode exercer sua leitura no ciberespaço, lendo páginas escaneadas. Vemos surgir o leitor-espectador-internauta, a qual Néstor Garcia Canclini (2008) menciona, o indivíduo que lê inúmeras linguagens diferentes em um mesmo suporte, devido à globalização e à tecnologia, que transformam nosso cotidiano ao mudarem nossos hábitos. Ler e ver audiovisual em um espaço virtual, nesse sentido, são processos intercambiáveis, fazendo com que o internauta desempenhe a posição de leitor e espectador. Nem o internauta, nem o espectador e tampouco o leitor são passivos. O leitor influi na obra impressa seja por meio da rasura, ou conforme Iser (1999), ao dar sentido ao texto.



Por outro lado, com relação ao espectador, somos esse indivíduo sempre, pois vivemos em uma sociedade espetacularizada. Assim para Canclini (2008), há fusões multimídias, que possibilitam o consumo cultural integrado, sendo esse um consumo de mensagens em diferentes formas.

Canclini ainda expõe, por meio do relato de Ítalo Calvino, sobre as histórias que não findam, nas quais existe a intertextualidade com outras obras, bem como a interação com o mercado editorial. Os livros não são escolhidos apenas pelo valor simbólico que carregam ou pelo prazer da leitura, mas também pela satisfação de estar por dentro das novidades do mercado. Assim, Canclini, utiliza a classificação de Calvino ao dizer que existem livros feitos para outros fins que não a leitura e livros que todos leram, e complementa que “a inter-relação da leitura solitária com essas formas industrializadas da cultura, e com a televisão, apresenta-se como enfrentamento.” (CANCLINI, 2008, p.12)

Para o autor, em meio à globalização, surgem trocas culturais entre diferentes nações, entre diferentes línguas, concomitante a troca de experiências que a web e os meios de massa permitem. As decisões e inquietações do leitor, do espectador e do internauta são as mesmas, por serem as mesmas pessoas. Assim, os leitores que assistem Bruna Vieira por meio de uma reportagem do programa de TV Fantástico ou por meio de algum vídeo de seu canal no *Youtube*, que liam suas crônicas na coluna da Revista Capricho ou que leem diariamente suas crônicas em seu blog, são concomitantemente leitores, espectadores e internautas.

Apesar de o cenário digital mudar as práticas de consumo e de leitura, as políticas públicas de incentivo à leitura insistem em formar leitores somente de livros, separadamente dos espectadores do audiovisual, mesmo que o mercado cultural esteja promovendo a união de múltiplas linguagens e plataformas. Assim, Canclini também acredita que com essas mudanças culturais, estamos mudando o modo de ser cidadão e consumidor, pois a democratização do conhecimento pela web e o aumento da escolaridade propiciam melhores condições de apreciação de produtos culturais e estéticos. Afinal de contas, ao se tornarem internautas, os indivíduos aumentam a possibilidade de se tornarem também leitores e espectadores, uma vez que a internet facilita o acesso à informação, permite que o internauta adentre no universo dos livros por meio de resumos, de resenhas em canais do *Youtube* e de blogs, facilita a compra de livros em ambiente eletrônico, bem como, facilita o

contato com a cultura audiovisual, por meio do *Youtube* e de sites de resenhas de filmes.

Contrapondo a visão de Santaella (2007) e de Canclini (2008), os autores Daniel Goldin (2012), Michelle Petit (2008) e Paulo Freire (1987) notam a leitura como uma construção singular e única para cada indivíduo.

O livro é algo incompleto, que só encontra sua plenitude de sentido quando o leitor exerce sua imaginação e seu olhar sobre ele. O que o autor escreve é como um breve resumo, que é expandido somente com a visão e o aprofundamento caleidoscópico do leitor, depositando nele sua subjetividade, sua leitura de mundo, ou como diria Paulo Freire, a sua “palavramundo”<sup>23</sup>.

Paulo Freire também enxerga a leitura da palavra como algo posterior à leitura de mundo. Além disso, o autor percebe o elo entre linguagem e realidade, porque a leitura crítica contempla a compreensão do texto e o contexto que o envolve.

O leitor pode ser um observador da história, que acompanha e imagina o desenvolver da história com base nos protocolos de leitura que o autor exerce sobre o texto. Conforme Chartier (2011) o autor distribui elementos pelo escrito, na tentativa de assegurar, e/ou indicar, a correta interpretação que se deveria dar ao texto. O leitor, muitas vezes, é como um personagem que observa a história de longe, mas que, ao mesmo tempo, tenta ocupar o papel de autor ao tentar desvendar o que não está explicitamente dito. A leitura é certamente uma espécie de jogo: o leitor tentando se colocar no lugar do autor, enquanto o autor idealiza seu leitor.

Em sua obra *Os jovens e a leitura*, Michele Petit enfoca duas vertentes de leitura: a leitura empoderada pelo texto escrito e a leitura empoderada pela liberdade do leitor. A primeira refere-se ao ato de introduzir os jovens a um rito de compartilhamento dos clássicos e grandes textos, que seriam modeladores dos leitores, como se esses fossem uma página em branco. A autora confessa que em suas investigações prefere se colocar ao lado dos leitores, pois notou a pluralidade dos fatores e das interpretações da leitura, levando em consideração os leitores enquanto seres particulares, mas não os desassociando do viés social. O conceito de Petit aproxima-se do conceito de Roger Chartier e de Paulo Freire, que levam em

---

<sup>23</sup> Experiências do leitor expressas por meio das palavras.

consideração todo o arsenal de vivências do indivíduo mesclado com sua realidade social. Ao mesmo tempo Petit e Goldin percebem a leitura como forma de construção (de subjetividade e cidadania) e como forma de imaginação, como algo atrelado entre realidade e sonho. Segundo Michele Petit, a leitura ajuda os jovens a “encontrar mobilidade no tabuleiro social” (PETIT, 2008, p. 19).

A leitura é vista como molde para a construção da subjetividade no período conturbado da juventude, bem como uma forma de adquirir conhecimento. Esta visão é partilhada pelos leitores entrevistados de diferentes classes e idades por Michele Petit. Para alguns jovens os livros são superiores aos filmes, pois a partir da leitura de um livro eles mesmos formulam seus personagens e seus cenários, essa visão existe mesmo em um território em que tentam restringir a juventude às leituras “úteis”. Apesar de falar sobre a leitura na França, Petit aproxima exemplos que podem ser aplicáveis ao Brasil. Conforme Petit:

A leitura – que era, de início, uma atividade que se prescrevia para enredar as pessoas na malha das palavras – converteu-se em um gesto de afirmação de singularidade. Tornou-se atalho, cada vez mais utilizado, para escapar do tempo e do lugar em que supostamente se deveria estar; escapar desse lugar predeterminado, dessa vida estática e do controle mútuo que uns exercem sobre os outros. (PETIT, 2008, p.28)

O autor Daniel Goldin também percebe a leitura como uma forma de fugir de si próprio, quando confessa: “meu desejo mais intenso é o de me perder dentro das narrativas, esquecer-me de mim; e, embora reprove moralmente essa intenção, embora os desejos corram paralelos, esse costuma ser primordial.” (GOLDIN, 2012, p. 33). Mas sabe-se que a leitura não é só a evasão da realidade, imersão no imaginário de outrem, a leitura proporciona também identificação dos leitores com os personagens ou com o próprio autor, como no caso do livro *Depois dos Quinze*, no qual os leitores se veem nas experiências narradas por Bruna. Portanto, não existe somente esse leitor que Goldin diz ser, o leitor que imerge na narrativa para esquecer-se de si próprio e viajar “para lugares”. Temos também o leitor que gosta de ler coisas que envolvem o seu próprio cotidiano e que percebem os personagens como espelho. A leitura serve até mesmo para a consolação, porque ao lermos vivemos, por meio da história, outras vidas, outros amores, outras profissões, outras viagens, que não as nossas.

Para o autor Goldin é mais relevante o ato de ler e de escrever enquanto pensamento e construção de mundo, partindo da análise somente do sujeito que

exerce uma das ações. Diferentemente de Daniel Goldin, Chartier (2014) nota que a materialidade e o suporte da escrita são igualmente importantes como o leitor que lê os textos. Enquanto, para Daniel Goldin (2012) a cultura baseia-se na inclusão e na exclusão, fatores que possibilitam a participação individual ou coletiva, logo, para ele, isso não pode dar-se pela comparação de obras culturalmente distintas em busca de diferenças, mas pelo que acontece ao leitor durante a leitura delas.

Daniel Goldin considera que em cada texto há uma voz silenciosa que nos acolhe. A leitura pode nos oferecer conforto e ao mesmo tempo estranhamento, nos fazendo questionar nossa identidade, nos permitindo tornarmos outro que não nós mesmos. O autor acredita que, mesmo com a indicação das pesquisas de que há a diminuição do número de leitores, esse fato seja discutível. Apesar de não deter-se nessa questão, toma-a como certa, todavia, percebe que atualmente há uma diversidade de usos e de perfil de usuários dos produtos impressos e da cultura escrita no geral.

### 2.3.3 O leitor consumidor

A antiga sociedade de produtores, a qual era regida pela necessidade, transformou-se, por volta de 1920, na sociedade de consumidores. E essa nova sociedade transformou os conceitos das relações de consumo e do que é ser consumidor, que antes era visto como indivíduo que contemplava a mercadoria (objeto). O centro dessa relação move-se, e o sujeito passa a interagir com os objetos, por meio de apropriações, descartes e pelo uso. No livro *O mundo dos Bens*, Mary Douglas e Baron Isherwood, esclarecem que o consumo é uma escolha e não algo imposto, bem como é um processo social, que permite a criação da identidade do indivíduo e construção/tradução do mundo que este habita. Assim, o consumo também é visto pelos autores como item que permite a integração e classificação dos indivíduos. Para eles, “os bens de consumo definitivamente não são meras mensagens; eles constituem o próprio sistema” (DOUGLAS, ISHERWOOD, 2009, p.118).

Para Bauman (2008) o consumo orienta, sustenta e redimensiona as mediações sociais. Assim, as relações sociais são mediadas pelo consumo, ato não só de consumir produtos, mas hábitos, valores e experiências. E, a partir da exposição de padrões do mercado, se dá a construção de identidades com o intuito de pertencer a determinado grupo social. Logo, o consumo é o ponto-chave das

relações sociais. Apesar da liquidez e da rapidez do tempo, construímos nossas identidades sociais no espaço que ambicionamos pertencer.

Conforme Douglas e Isherwood (2009), os indivíduos ao mesmo tempo em que constroem o mundo, são construídos a partir dos bens simbólicos e materiais, que, por sua vez, são formatados por nós e também nos formatam. Ler é uma forma de consumir, e, logo, é uma forma de desejo de pertencimento. Com o consumo de livros, tem-se o conceito de afetividade e de materialidade, que marcam a época em que estamos vivendo, pois apesar de se esboçar um cenário digital com blogs, sites e *ebooks*, o consumidor-leitor ainda anseia pelo folhear das páginas de um livro impresso, como veremos no capítulo quatro, de acordo com as respostas dos leitores da narrativa disponível no blog *Depois dos Quinze* que desejam ter o livro impresso em mãos.

Como mencionado anteriormente, Bauman (2008) afirma que um dos pilares da sociedade de consumo é a cultura agorista, esse fator se faz presente no consumo de livros impressos e até mesmo de postagens do blog, quando notamos que o leitor tem a urgência de ler, seja por prazer ou por estar informado. Além disso, resulta na urgência de comprar o livro, pois tê-lo em sua estante lhe confere uma relação entre leitor/livro ainda mais próxima, porque o livro, com sua materialidade, estará sempre disponível em sua estante, o legitimando como consumidor.

Bauman, ainda sobre a sociedade de consumidores, diz que ela tende a romper as relações em grupos, sendo algo mais individualista, mas em nossa pesquisa percebemos a grande profusão de grupos de fãs e de leitores, em ambiente virtual e real, que, em nosso caso, são os grupos no *Facebook*, que se reúnem em um espaço virtual para falar do “consumo”, da “apropriação” dos textos e das postagens de um blog e de um livro. Então, o consumo pode se dar no âmbito individual primeiramente, mas é necessário exteriorizar a experiência de leitura e se legitimar em um ambiente que valorize a atividade de ler.

Mas podemos também optar por enxergar nossa questão-problema pela ótica de Douglas e Isherwood, ao notarmos que os livros modificam os leitores, da maneira que os leitores modificam os livros. O livro e a leitura têm a capacidade de transformar o indivíduo em cada ato de ler, assim como o processo pode dar-se ao contrário: o leitor deixando suas impressões sobre a superfície de papel.

Em nossa sociedade regida por bytes, os consumidores não querem somente consumir algo. Inúmeras vezes querem ser, ao mesmo tempo, construtores e participantes ativos de um mundo à parte que a narrativa transmidiática proporciona. Na cultura da convergência, o leitor está constantemente em busca da narrativa transmidiática, que lhe permite participar de um universo à parte. Assim como, esse leitor pretende integrar-se a seus pares, por meio da troca de ideias com outros leitores. Mas a noção de interação não ocorreu com a tecnologia, ela foi precedida muito antes, pela leitura. O leitor, segundo as teorias literárias, principalmente sobre a visão de Wolfgang Iser (1999), sempre interage com o texto. O texto só tem seu sentido completo após o indivíduo realizar a leitura. O texto só indica o que deve ser produzido, não sendo ele o resultado final do processo. Conforme o autor, “a estrutura do texto e a estrutura do ato constituem, portanto dois polos da situação comunicativa; esta se cumpre à medida que o texto se faz presente no leitor como correlato da consciência”. (ISER, 1999, p.9)

A cultura da convergência também pode ser chamada de cultura da participação. Para Shirky (2011), os indivíduos mesmo esgotados pela falta de tempo que rege nossa sociedade, acabam encontrando um instante do dia para dedicar a seus interesses e suas paixões. Muitos indivíduos tornam-se participantes, quando agem como se sua importância e sua presença fossem importantes para determinado evento. E muitas vezes, a voz do participante dessa cultura é ouvida, porque ele, enquanto consumidor de mídia, tem gosto pelo ato de consumir, mas também de produzir e compartilhar. Mesmo que essas duas últimas habilidades tenham sido permitidas aos consumidores há pouco tempo, desfazendo a visão de mídia massiva e reprodutora de poucas vozes, a web deu aos leitores a chance de interagir com os outros leitores, com a editora e com a própria autora, em um contato direto, geralmente realizado por meio de redes sociais ou de email.

Muitos dos leitores de Bruna Vieira deixam sugestões, ideias e críticas para a autora sobre seus textos e seus livros em suas redes sociais. Além disso, esses mesmos leitores contatam a Editora Gutenberg para pedir os lançamentos e encontros dos livros de Bruna. Todavia, os leitores não se contentam somente com o contato direto. Criam páginas no *Facebook* em homenagem a Bruna Vieira, criam *Tumblrs* com as imagens da autora e criam eventos de leitores, assim como reproduzem as ideias de Bruna ao criarem blogs inspirados no *Depois dos Quinze*.

São leitores, participantes e seguidores do blog, comentam, compartilham em seus perfis, criam ilustrações e textos. Conforme Goldin:

Ler e escrever é, sobretudo, construir e ter acesso a um território compartilhável com outros leitores e escritores. É abrir novas possibilidades de participar desse espaço simbólico em que as ações dos homens cobram sentido e, simultaneamente, ressignifica-las. (GOLDIN, 2012, p. 81)

Com a cultura da convergência, segundo Jenkins (2009), há uma transformação cultural, tanto na forma de produzir quanto de consumir, principalmente no âmbito em que incentiva os consumidores a procurarem novas informações e buscarem conexões de conteúdos de diferentes mídias, pois a narrativa transmídia, é como um quebra cabeça e cabe ao consumidor montá-lo. No caso do blog e do livro *Depois dos Quinze*, a narrativa é a mesma, mas se dá em dois suportes distintos. Além disso, o consumidor que adentra no universo dos escritos de Bruna Vieira encontra os textos da autora publicados na Revista Capricho e também seus vídeos publicados em seu canal do *Youtube*. Apesar de não ser uma narrativa transmídia na sua essência, o *Depois dos Quinze* se embebe da parcialmente do conceito de Jenkins, porque, ainda assim, cabe ao leitor/consumidor ir à busca das suas publicações, tanto impressa como no blog.

Estamos constantemente vivenciando transformações no mercado editorial, e a tendência do trajeto inverso de publicação da web para o impresso reforça que essas obras são consequências das transformações do perfil dos leitores e não a causa disso. Os leitores do tipo de publicação do mesmo segmento do livro *Depois dos Quinze* possuem práticas de leitura diferentes, são jovens que usufruem do livro impresso e ao mesmo tempo exploram o ciberespaço, e para isso contam com suportes diferentes de uma mesma narrativa. Segundo Roger Chartier (2014), ao lerem no digital, como no caso do blog *Depois dos Quinze*, realizam “uma leitura dispersa, segmentada, ligada ao fragmento, mais do que à totalidade da obra” (CHARTIER, 2014, p. 22).

Conforme Chartier (2014) leitura do impresso e do digital possuem semelhanças e diferenças: o ato de ler no suporte do impresso é uma leitura mais atenta, ligada ao materialismo, ao ato de folhear as páginas, de sentir o livro. Enquanto a leitura do digital é de certa forma mais distante, descontínua e fragmentada, em busca de palavras-chaves.

O ponto-chave da convergência é o do não extremismo em relação à morte dos meios tradicionais, da interação e intersecção entre diversas mídias de forma mais complexa, como no caso do blog e do livro impresso. A web não está

erradicando os livros, mas sim tendo uma nova relação. A web acaba servindo como trampolim para as vendas dos livros impressos e não como causa da morte dos livros impressos como os apocalípticos previam.

#### 2.3.4 O jovem leitor em ascensão

Conforme a pesquisa *Retratos da Leitura 3*, aplicada no ano de 2011, com o intuito de compreender o comportamento e o perfil do leitor brasileiro, ficou demonstrado que as pessoas realizam mais leituras quando estão na escola, desde o ensino básico até o ensino médio. Esse fato evidencia que necessitamos de estratégias para conquistar o leitor, não o tornando um leitor por obrigação, mas sim o incentivando para adentrar no mundo literário. Os leitores devem ser cativados por conteúdos envolventes e que aflorem emoções, livros que deem ao leitor um universo a parte.

Ainda na terceira pesquisa *Retratos da Leitura* há o perfil do leitor brasileiro: o número total de leitores estimados pelo estudo é 88,2 milhões de leitores, sendo 57% do sexo feminino; 43% dos leitores residem na região sudeste. Além disso, a maior parte dos leitores encontra-se residindo em grandes cidades e capitais. O percentual de leitores que estudam é de 74%; sendo que 76% têm nível superior. Em relação à classe econômica, 79% pertencem à classe A. Enquanto, a faixa etária predominante, com 84%, é de 11 a 13 anos.

O livro ainda é visto como objeto de estudo utilizado por estudantes, apesar dos livros impressos não serem mais considerados como algo inacessível. Os livros de ficção não possuem tanto valor simbólico para os respondentes da pesquisa *Retratos da Leitura*, tanto que 42% das respostas referentes ao último livro lido era a *Bíblia*.

Anteriormente, o livro era visto pela classe média como forma de acesso à cultura, principalmente por meio das enciclopédias. Hoje, esse cenário se esboça de forma diferente: em vez do livro, as famílias de baixa renda consideram o computador como a principal forma de acesso à informação e a cultura. O livro no imaginário da população tornou-se algo vinculado à escola, ao estudo, à aquisição de conhecimento.

O ranking dos livros mais lidos em sua maioria não apresenta leituras indicadas pela escola e reforça a crescente perspectiva da leitura a partir de uma



escolha pessoal. A grande maioria das obras que constam nas listas dos livros mais vendidos, geralmente, são *best-sellers*, autores famosos, tendências do momento, livros que possuem versão em filmes (principalmente próximo ao lançamento cinematográfico). E o livro *Depois dos Quinze*, durante o ano de 2012 e 2013, entrou para o ranking com sua fórmula: ter uma escritora reconhecida na web e ter um público cativo.

Há algumas contradições para a definição de literatura juvenil, pois alguns autores a definem como os textos voltados para adolescentes de 9 a 15 anos. Porém, como no caso das publicações de Bruna Vieira, como veremos no capítulo de análise de dados, a faixa etária dos leitores varia de 10 a 22 anos. Temos a classificação da ONU<sup>24</sup> para juventude como a faixa etária dos 15 anos aos 24, já o conceito de adolescência ganha determinada conotação de acordo com cada país, no Brasil, os indivíduos são considerados adolescentes a partir de 13 anos, completos aos 18 anos. Segundo Groppo (2004) legalmente a adolescência se inicia aos 12 anos e se finda aos 16, enquanto a juventude é iniciada aos 16 anos e não há consenso sobre o seu fim e ainda explica a necessidade de categorizarmos em faixa etária determinada etapa da vida, apesar da questão da juventude ser muito mais complexa.

A idade contada em anos, dado objetivamente determinado, parecia ser o melhor critério para o julgamento das ações individuais e a atribuição de deveres e direitos, dada sua universalidade e caráter quantitativo. Também, permitia às ciências, principalmente no ponto de vista positivista, elucidar as pretensas determinações “naturais”, de caráter bio-psicológico, do desenvolvimento humano. (GROPPO, p. 10, 2004)

Para Groppo (2004) a faixa etária não é algo universal, é apenas algo para institucionalizar direitos e deveres de estatutos. A juventude se dá a partir da interpretação de instituições da sociedade, sendo assim uma categoria social, que engloba o imaginário e a estrutura da sociedade. É uma realidade social, não apenas ideologia, nem algo somente natural do ser humano. A juventude não é algo homogêneo, mas algo formado por diversos e diferentes grupos juvenis.

Com relação a isso, a definição de juventude é vista de acordo com várias vertentes e a literatura juvenil também não possui um consenso. Raquel Cozer, colunista da *Folha Ilustrada*, percebe que os livros são dificilmente classificados no Brasil, pois o segmento da literatura juvenil é muito abrangente, ainda mais com seu grande crescimento nos últimos anos. Além disso, em nosso país temos dificuldade

---

<sup>24</sup> Organização das Nações Unidas.

de nos adaptarmos ao termo *Young Adult*, que tem como público alvo leitores de 13 a 18 anos. Assim, em nosso mercado editorial, temos a literatura juvenil dividida em algumas subdivisões, sendo elas: infantojuvenil (8 aos 12 anos), *young adult* (13 aos 18 anos), *new adult* (18 aos 25 anos) e *crossover* (todas as faixa etárias anteriores e pessoas mais velhas). As duas classificações que mais nos interessam são *young adult* e *new adult*, que abrangem os leitores do *Depois dos Quinze*. Ao tratar do gênero *young adult*, Cozer faz referência à Paula Pimenta, que possui em seus livros temáticas semelhantes aos livros de Bruna Vieira, sendo que as duas autoras tratam de questões identitárias, cotidianas e sociais dos jovens.

Antes de J.K. Rowling, era notório o modo de escrever e publicar livros juvenis, a maioria dos títulos tinha por trás a voz institucional da escola, da leitura do espaço escolar. No Brasil, eram autores desejosos de obterem editais do governo para publicações, ao invés de terem como foco saciar ou promover ainda mais as dúvidas e inquietações dos jovens. O jovem desejoso por algo além do convencional, algo que não fosse regido por teor didático, viu em *Harry Potter* a fuga da realidade e ao mesmo tempo o encontro dela, ao ler questões relacionadas à amizade e outros assuntos. O jovem deseja novidades, quer uma visão de mundo parecida com a sua, mesmo que distorcida pela utopia de seres imaginários, como os criados pelos escritores brasileiros Carolina Munhóz e Rafael Draccon. A escrita de outros jovens escritores como Bruna Vieira e Paula Pimenta que colocam em destaque o cotidiano de jovens, que possuem problemas e conquistas, serve como espelho, seja apenas como superação ou como identificação por semelhança dos leitores com os personagens.

Michele Petit (2008) argumenta que não existem “os jovens”, porque é um modo generalizante de tratar rapazes e moças, que são marcados por características diferentes, “dotados de recursos materiais e culturais variáveis, dependendo da posição social da família e do lugar em que vivem” (PETIT, 2008, p.16). Em seu livro *Os jovens e a leitura*, Petit notou que a leitura tem vantagens específicas para a juventude, que se distinguem das outras formas de lazer e entretenimento. Quando esses jovens se encontram lendo, adentrando no universo dos livros, mesmo que de forma breve ou esporádica, eles acabam encontrando formas de resistência, seja o ato de resistir à marginalização, seja o ato de resistir contra as pressões sociais. Os leitores de Bruna Vieira enquadram-se na segunda

definição de resistência, quando eles superam o *bullying*, encontram autoestima e conforto com mudanças de cidade e com recomeços.

Para a autora, ao realizar sua pesquisa, procurou nos filmes e em sua própria percepção o sentido da adolescência, em busca de algo que se mantivesse e perdurasse para além das gerações, da sexualidade, dos países. Em sua procura notou que adolescência é quando o mundo está ocupado e há pessoas em todos os lugares e que, para encontrar um lugar para si, o adolescente teria que remover tudo que não tem intenção de se deixar remover. Ser jovem é estar em um mundo lotado e questionar-se sobre seu lugar, onde poderia se encaixar. A adolescência é quando não sabemos nos definir e sentimos medo das definições dos outros. Para a autora, é quando o adolescente busca:

encontrar em palavras que, no fundo, mostrem que estamos apenas experimentando afetos, tensões e angústias universais, ainda que estas tomem aspectos diferentes, conforme se tenha nascido menina ou menino, rico ou pobre, habitante deste ou daquele canto do mundo. (PETIT, 2008, p. 50)

Além disso, a leitura é vista pela autora como forma de não pertencer somente a um pequeno grupo, a leitura permite driblar o isolamento e permite que os jovens leitores anseiem espaços mais amplos. A leitura permite que os jovens alcem voos em terras distantes, que viajem para países que não tem possibilidade de conhecer, ou que viajem até mesmo no tempo para diferentes eras.

A relação da adolescência com os livros dá-se como uma relação de companheirismo, pois os livros muitas vezes servem de consolo e como forma de expressarmos nossas emoções mais secretas. Porque encontrar um lugar no mundo, principalmente na juventude, engloba outros aspectos além do social e do econômico, são também utilizados aspectos relacionados ao afeto, a existência e a sexualidade.

Pedro Almeida em sua matéria *Como salvar o mercado editorial: sobre os fomentos para a formação de mais leitores*, para o site *PublishNews*, reflete sobre as questões de fomento a leitura em nosso país, e partir disso podemos constatar que os festivais e prêmios literários brasileiros não dão espaço para os autores da literatura jovem. A literatura comercial é vista como algo maldito entre os grandes intelectuais. Para tanto, esses autores se reinventam no modo de criar e divulgar seus textos, descampam o grande terreno da web e plantam suas ideias. Além disso, tem como chave-mestra a relação direta com os leitores. Até pouco tempo atrás, a Bienal do Livro também não era tão democrática, passou a abrir espaços

para os autores a partir de 2007, com a avalanche de leitores jovens, que passaram a criar aglomerados nos estandes de editoras, além de filas quilométricas para conquistar autógrafos de autores da temática jovem. Os eventos literários continuam propagando uma cultura enraizada há muito tempo, esquecendo-se de desbravar novos meios, que poderiam ser encontrados na cultura jovem, *geek*, *nerd* e outros nichos marginalizados do mercado editorial.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

---

O percurso metodológico dessa pesquisa consolidou-se em quatro etapas: pesquisa bibliográfica, análise dos suportes (livro e blog), coleta e análise de dados, a partir do questionário online e de entrevistas pelo programa *Skype* com os leitores.

#### 3.1 Estudo de Caso

Decidimos adotar a metodologia de estudo de caso, uma vez que o tema tratado nessa pesquisa é um campo abrangente. Além disso, este caso ilustra a transição do online para o impresso, movimento que nem sempre é notado. E o estudo de caso nos permite compreender uma pequena parcela de um dos produtos editoriais em voga na atualidade, os livros impressos originados a partir de blogs e páginas na web. Para utilizar tal metodologia, nos baseamos em Yin (2001) que afirma que:

o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidências são utilizadas. (YIN, 2001, p.32)

Entre outros exemplos de blogs que viraram livros, escolhemos o *Depois dos Quinze* por ser um blog aclamado pelo público adolescente. Outro fator que influenciou em nossa escolha foi o fato da figura da autora Bruna Vieira ter grande visibilidade no ambiente virtual e na mídia tradicional, mantendo uma coluna mensal na Revista Capricho, e ter participações em programas televisivos e radiofônicos.

Desse modo, acreditávamos que seria mais fácil de localizar os leitores dessa narrativa, fato que no decorrer da pesquisa não se consolidou de tal maneira. Apesar de a autora ter bons números de vendas com seus títulos e seu blog receber inúmeros cliques diários, a colaboração dos leitores não correspondeu às nossas expectativas iniciais. Durante o questionário recebemos um número suficiente de respostas, mas algumas delas se mostraram vagas e não correspondiam ao tema proposto. Além disso, na etapa das entrevistas por *Skype*, somente quatro pessoas se prontificaram a participar.

#### a) Pesquisa Bibliográfica

A importância da revisão bibliográfica é retratada por Barros e Junqueira, que afirmam que “as teorias são como prismas através dos quais o observador olha e

procura enxergar, reconhecer e interpretar o mundo” (BARROS e JUNQUEIRA, 2009, p.33). Assim, a visão do pesquisador, é dependente do contexto no qual se insere e do modo como é constituída sua leitura de mundo. Dessa maneira, utilizamos teorias em nossa pesquisa, que vão ao encontro das habilidades da pesquisadora e as suas possibilidades de estudo, e que, posteriormente, influenciaram em sua interpretação e avaliação dos dados coletados.

Conforme o referenciado anteriormente, para a construção desta monografia, adotamos uma metodologia baseada na revisão bibliográfica de conceitos-chave da área de produção editorial, a partir dos autores: Araújo (2008), Chartier (1999; 2002; 2009; 2011; 2014), Genette (2009), Darnton (2010), Eco e Carrière (2010) e Melot (2012). Uma vez definido o corpus da pesquisa, sendo ele, a obra impressa e o blog *Depois dos Quinze*, começamos a dar enfoque a teorias relacionadas ao ato de ler e ao perfil do leitor com autores como Petit (2008), Goldin (2012), Lajolo (2001), Santaella (2007), Freire (1987), Iser (1999) e Zilberman (1999; 2001). Ademais, adotamos o viés do leitor enquanto consumidor por meio das pesquisas de Bauman (2008), Canclini (2008), Jenkins (2009) e Douglas e Isherwood (2004), assim como, abordamos o leitor enquanto ser biológico através dos estudos de Dehaene (2012) e Gonçalves e Guimarães (2015).

Em relação às questões teóricas, esclareceremos que esse trabalho poderia contemplar o viés da cultura fã, visto que muitos leitores promovem encontros para discutir sobre o blog e sobre os livros de Bruna Vieira, criam páginas em redes sociais em homenagem à autora e organizam fã-clubes. Não abordaremos esse assunto, porque acreditamos que a autora, apesar de ser uma “celebridade” da web é vista de outra forma por seus leitores. Antes de ser “ídolo”, ela é alguém comum que sabe dar conselhos e que compartilha seu cotidiano com inúmeras pessoas. Além disso, a própria autora, ao ser questionada em nossa entrevista sobre seus fãs, respondeu: “Não gosto de falar que tenho fã-clubes. Isso me parece meio distante e vai contra o que acredito ser o mais interessante no mundo dos blogs: a proximidade” (Entrevista Bruna Vieira, 2015).

## b) Coleta de dados

A ideia inicial dessa pesquisa era coletar dados a partir de leitores encontrados na rede social especializada em livros *Skoob*, na qual cada leitor organiza uma espécie de “estante virtual” e pode interagir com outros usuários,

concorrer a sorteios de editoras, cadastrar livros, fazer resenhas e classificar seus livros. Como o *Skoob* permite a criação de páginas para livros e autores — de forma similar ao *Facebook* — procuramos os leitores por meio dessas páginas, que possuíam informações do status de leitura das pessoas, permitindo classificar a leitura como: lido, lendo, quero ler, relendo e abandonei. A página do livro *Depois dos Quinze* no *Skoob* nos forneceu dados numéricos, como o total de pessoas que leram, 4.001 leitores, 272 lendo no momento, 4.534 querendo ler, 11 pessoas relendo e 118 abandonaram a leitura da obra. Além disso, é possível classificar o livro como: favorito, desejado, tenho, emprestei, troco e meta de leitura. Portanto, tínhamos em uma única página dados relevantes para a pesquisa, além de encontrar na rede social as pessoas que leram e que possuíam o livro, mesmo que para achá-las tivéssemos que procurar nas “estantes” de cada um dos 4.001 leitores e dos 11 leitores que relem o livro.

Primeiramente tentamos localizar pessoas da região central do Rio Grande do Sul ou da Grande Porto Alegre, para fazermos um primeiro contato pela rede social e marcarmos encontros presenciais para a realização das entrevistas. Não conseguimos localizar essas pessoas, pois poucas residiam nas cidades que a pesquisadora teria acesso. Então, resolvemos ampliar a seleção dos entrevistados, assim recorrendo à web por meio de questionário online, para compreendermos a opinião dos leitores de outros locais do Brasil. Logo, abandonamos a ideia de fazermos entrevistas presenciais.

Entramos em contato com 30 leitores por meio do *Skoob*, porém apenas sete pessoas responderam e se disponibilizaram a responder futuramente o questionário. Então, voltamos para a possibilidade de encontrar os leitores pelo *Facebook*, por ser uma rede social de ampla participação e porque assim também conseguiríamos ter uma noção de quantos leitores liam só o blog ou só o livro e os leitores que liam ambos os suportes. Foi no *Facebook* que encontramos o grupo *Brunetes*, criado por leitores da autora Bruna Vieira, no qual se reuniam leitores do blog, do livro e dos dois modos. Além disso, o *Facebook* nos proporcionou respostas mais imediatas, uma vez que o usuário do *Skoob* demorava uma semana ou mais para responder a mensagem deixada, o usuário do *Facebook* respondia no mesmo dia de envio das perguntas. Talvez isso ocorra pelo fato de o *Facebook* ser algo já intrínseco à “rotina digital” de muitos internautas, enquanto o *Skoob* é usado mais esporadicamente.

### c) Questionário

Pensamos primeiramente na possibilidade de entrevistas semiabertas presenciais com leitores da obra em questão como percurso metodológico, porém não encontramos um número tangível de pessoas na região de Santa Maria. Tínhamos como ideia inicial compreender as diferentes formas de leitura em dois distintos suportes, sendo eles, o blog *Depois dos Quinze* e o livro homônimo, da autora Bruna Vieira. Na fase de rastreamento dos leitores na região central do estado, encontramos um número ínfimo de pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa, contudo concluímos que a pequena quantia de leitores poderia comprometer o resultado do estudo. Concomitante a isso, recebemos uma boa aceitação no grupo *Brunetes*, que conta com 526 membros, entre eles seguidores do blog e leitores do livro de outras regiões do país que se dispuseram a ajudar na pesquisa. Pensando nisso, resolvemos criar um questionário online para que essas pessoas pudessem compartilhar suas práticas de leitura em relação ao blog e ao livro.

O questionário foi criado na plataforma do *Google Docs* em formato de formulário, com quatro questões destinadas à identificação (nome, idade, cidade/estado e escolaridade) e com informações que ajudaram a delimitar o perfil geral dos respondentes. Logo após as perguntas relacionadas aos dados básicos de identificação, dispusemos a pergunta sobre os suportes de leitura, sendo uma pergunta com três alternativas, assim o leitor poderia assinar: “livro e blog”, “só blog” e “só livro”. De acordo com determinada resposta, o questionário seria direcionado para questões específicas para a leitura de determinado suporte. Somente quem marcasse “livro e blog” responderia a soma das perguntas de ambos os suportes. Ao todo foram seis questões de múltipla escolha e seis dissertativas para quem leu somente o livro, duas de múltipla escolha e três dissertativas para quem leu somente o blog. E para quem leu ambos os suportes foram oito questões múltipla escolha e nove dissertativas (sem contar os dados de identificação e o modo de leitura). Adotamos essa estrutura com base em Novelli (2009), que define o questionário de tal forma:

O questionário pode ser composto de perguntas abertas e/ou fechadas. O que diferencia estes dois tipos é a forma como o entrevistado irá responder à questão. Caso a pergunta seja aberta, o próprio entrevistado pode formular livremente sua resposta, que será registrada no questionário em forma de texto. Caso a pergunta seja fechada, o entrevistado deverá



selecionar uma ou mais opções dentre uma lista prévia de respostas que será apresentada. (NOVELLI, P.172, 2009)

A linguagem do questionário é simples e concisa, além de buscar um contato direto com o respondente, utilizando o pronome de tratamento “você” para estabelecer a sensação de familiaridade e de proximidade. Além disso, procuramos não fazer perguntas técnicas, em razão de deduzirmos que o público leitor seria constituído por adolescentes e até mesmo por crianças.

No cabeçalho do questionário reunimos informações sobre a pesquisa e os dados da pesquisadora e sua orientadora. Conforme Novelli (2009, p. 169), “O questionário deve ser apresentado ao entrevistado com um texto introdutório, que deve variar de acordo com o tipo de método de coleta selecionado”. Dessa forma, descrevemos nossa pesquisa na introdução do questionário de tal forma:



Figura 2 — Cabeçalho do questionário online

O questionário foi divulgado na rede social *Facebook*, mais especificamente, no grupo *Brunetes*, na página do livro *Depois dos Quinze* e *Família Depois dos Quinze*, bem como no perfil pessoal da pesquisadora, relacionando e “marcando” o perfil da autora Bruna Vieira para ganhar mais visibilidade. Mas somente após termos contato com alguns leitores e após termos analisado algumas postagens no grupo *Brunetes*, percebemos que era realmente conveniente postar o link do questionário no grupo.

Esse questionário foi criado com o intuito de conhecer o perfil dos leitores do blog e/ou do livro *Depois dos Quinze*, além de servir como triagem para a escolha dos leitores de ambos os suportes para as entrevistas por *Skype*.

#### d) Elaboração das Entrevistas Estruturadas semiabertas com leitores, editora e autora

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. (DUARTE, 2009, p.62)

Começamos a etapa das entrevistas a partir da entrevista da *publisher* da Editora Gutenberg, Alessandra Ruiz, em dezembro de 2014, pelo chat do *Facebook*. Após a entrevista com a editora, obtivemos uma entrevista com a autora Bruna Vieira, igualmente pelo *Facebook*, em março de 2015. Em junho de 2015, conseguimos uma entrevista presencial com a editora-executiva do Grupo Autêntica, Rejane Dias, durante o *VII Seminário do Negócio do Livro*, em Porto Alegre. Isso serviu como instrumento para podermos compreender a cadeia produtiva do livro pesquisado em sua totalidade e os agentes que atuaram em sua produção, edição e até a sua leitura. Então, para termos uma noção desses três agentes — editor, autor e leitor —, demos voz a eles. Concomitante a isso, buscamos entender a relação do leitor com a narrativa disposta em dois suportes, procurando aprofundar as questões contidas no questionário e outras perguntas específicas por meio de entrevistas via *Skype*.

#### e) Entrevistas via *Skype*

A partir do questionário online, escolhemos quatro respondentes para entrevistas via *Skype*. O *Skype* é um programa para computadores, mas também disponível como aplicativo para dispositivos móveis, que permite a troca de mensagens instantâneas em grupo ou somente entre duas pessoas e conta com chamadas de áudio e vídeo em tempo real. Escolhemos esse programa pelo fato de permitir conversas em áudio e vídeo simultaneamente, e ele nos possibilitava uma “falsa” presença, que preenchia as lacunas de não termos conseguido utilizar uma metodologia presencial por não termos encontrado o número suficiente de leitores em Santa Maria para suprir a necessidade de informações para a pesquisa.

Assim nos baseamos na ideia de Braga e Gastaldo (2012) ao afirmarem que as pesquisas utilizando o *Skype* são formas de renovar as pesquisas qualitativas que ficam estagnadas ao uso do email e do telefone. A comunicação mediada pelo computador não substitui a comunicação face a face, mesmo que os participantes

das conversas possam ver seus rostos, estão em ambientes distintos, mas essa técnica incrementa as antigas vias de coletas de dados, permitindo assim, o uso do áudio e da imagem em tempo real, sendo propícia para usar juntamente com a entrevista semiaberta, pois é possível ter um contato com leitor de forma mais “naturalizada” do que somente em questionários. Obviamente o *Skype* não permite diversos fatos que o encontro presencial propicia e, principalmente, impossibilita a visualização de determinadas ações dos indivíduos envolvidos, não é possível sentir cheiros, nem notar tremores nas mãos ou trocar olhares diretamente. A postura corporal muitas vezes também não é notada, pois a câmera é usada em determinado plano. Além disso, há um espaço na tela que serve como um espelho que permite que a pessoa, que se comunica com outra(s), fique atenta a sua própria imagem, resultando numa ação pouco natural, pois em interações face a face não carregamos espelhos para verificarmos nossa imagem a cada segundo.

Apesar de vermos os leitores entrevistados por mediação de uma câmera, acreditamos que a situação se torna menos embaraçosa, porque ao fazermos uma entrevista presencial precisaríamos filmar a entrevista, o que certamente levaria os leitores não acostumados com esse tipo de situação se sentirem envergonhados. Enquanto isso, a webcam permite mais liberdade, talvez por ser algo menos formal, devido aos leitores terem o costume de utilizar o programa e por sentirem a entrevistadora em posição de igualdade.

O fato de realizarmos as pesquisas em ambiente virtual remete ao modo como alguns leitores conheceram os textos e a própria blogueira Bruna Vieira, ou seja, através da web. Por que nos prendermos a pesquisas presenciais ou ao uso de telefone se é possível desfrutarmos do ambiente virtual que acolhe os materiais estudados, bem como possibilita o contato com os leitores das obras em questão?

Assim, nessas entrevistas buscamos compreender a interação do leitor com seu livro, entender a navegação no blog e a leitura em si dos textos. Todas as entrevistas realizadas foram gravadas com o programa *My Screen Recorder* versão para teste, para posteriormente serem analisadas.

Estruturamos a entrevista em dois eixos: o primeiro referindo-se ao blog e o outro relacionado ao livro. Durante a primeira etapa realizamos perguntas de identificação do entrevistado e sobre a primeira modalidade de leitura. A partir disso, conduzimos a entrevista com base em perguntas semiestruturadas. Por seguinte, pedimos ao entrevistado que acessasse o blog e narrasse seu percurso

até ele. Após isso, o entrevistado precisava encontrar a crônica *Não é deixar para trás, é viver!*, escolhida por ser um tema mais geral, e narrar simultaneamente o passo a passo para localizá-la no blog. Ao fim dessa etapa, o leitor lia a postagem e compartilhava suas impressões sobre o texto.

A última etapa da entrevista era voltada ao livro, então inicialmente pedíamos para o entrevistado mostrar em frente à câmera o seu livro, para que pudéssemos identificar possíveis rasuras ou adornos. Além disso, essa etapa aprofundava questões mais inerentes ao texto e sua linguagem, buscando compreender o que motivava o leitor a gostar de determinadas crônicas do livro e entender se o leitor se identificava com a autora em questão. Por fim, o leitor lia o mesmo texto no impresso e pedíamos para que ele relatasse se encontrou alguma semelhança ou alguma diferença e relatasse se compraria o livro mesmo sabendo que os textos de ambos os suportes são semelhantes.

Realizamos um projeto piloto com a entrevistada T. W., de 17 anos, de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. A entrevista foi realizada no dia 21 de maio de 2015, com duração de 35 minutos, com tempo excedido devido a falhas técnicas, pois prevíamos o tempo de duração em torno de 15 minutos.

Utilizamos um protocolo para início da conversa enviado pelo chat de mensagens do *Skype*, de forma acessível e informal, para que a entrevistada se sentisse mais a vontade para relatar sua experiência de leitura. A partir desse projeto piloto encontramos falhas que foram sanadas para as futuras entrevistas via *Skype*. E após sua realização encontramos prós e contras que foram desenvolvidos na tabela disposta no Apêndice D.

#### f) Análise dos suportes

Além de utilizarmos a metodologia para compreender o modo de como leitores se apropriavam da narrativa em dois suportes distintos, buscamos entender o modo como essa narrativa está inserida em determinado suporte. No caso das crônicas abrigadas no blog, desbravamos o contexto no qual elas estavam inseridas, com o intuito de compreender como é sucedida a procura pelos textos literários por parte do leitor, analisando assim a arquitetura da informação do blog, por meio de *print screen* obtidos no mês de julho de 2015.

Dessa forma, para apreendermos o modo como os textos estão dispostos no livro impresso, esmiuçamos cada parte da estrutura do livro, bem como analisamos seu formato e alguns outros itens que lhe conferem materialidade.

Notamos que para compreender as diferenças dos modos de leitura de um suporte para o outro, precisávamos abarcar em nossa pesquisa a questão da linguagem dos textos, assim buscamos nas crônicas e contos, as semelhanças e as diferenças entre eles em cada suporte.

#### g) Participação em congressos da área

Ao longo da pesquisa, inscrevemos alguns artigos para apresentação em congressos da área de comunicação. Durante a apresentação no evento ALCAR 2015, *10º Encontro Nacional de História da Mídia*, realizado em Porto Alegre, recebemos a contribuição de outros pesquisadores de áreas afins, tais como a sugestão de abordar o desejo dos jovens leitores de tornarem-se blogueiros e escritores devido ao exemplo de Bruna Vieira. Além disso, algumas participantes do grupo de pesquisa no qual apresentamos o trabalho relataram que seus filhos acompanhavam blogueiros que acabaram tendo seus textos publicados em livros impressos e ressaltaram o quanto o assunto está em voga na atualidade.

Apresentamos nossos impasses metodológicos no evento *III Jornadas de Pesquisas sobre Tecnologias Comunicacionais Contemporâneas*, realizado nos dias 31 de agosto e 01 e 02 de setembro de 2015, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assim como no evento anterior, recebemos dicas de pesquisadores da área, mas dessa vez em relação ao processo metodológico.

Outro evento que participamos foi o *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, realizado em setembro de 2015, no Rio de Janeiro, no qual apresentamos um resumo expandido de nossa pesquisa, dando enfoque para um dos agentes da narrativa em dois suportes, a editora, em nosso estudo de caso, a Editora Gutenberg.

Nos três eventos, foi possível constatar que o tema dessa pesquisa é algo que realmente é atual no mercado editorial, bem como foi possível trocar ideias e sugestões com os participantes, assim, influenciando na melhoria e na credibilidade da pesquisa.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

No presente capítulo apresentamos a análise dos dados coletados por meio do questionário *online* destinado aos leitores da obra e do blog de Bruna Vieira, ambos intitulados *Depois dos Quinze*. Da mesma forma que, analisamos as entrevistas semiestruturadas com os leitores por *Skype*, em busca de respostas para as perguntas que norteiam esse trabalho em relação às práticas de leitura.

### 4.1 Análise dos Questionários

O questionário criado na plataforma do *Google Drive* obteve 41 respostas dos leitores do blog e/ou do livro *Depois dos Quinze* no período de respostas delimitado de 8 de maio de 2015 a 01 de junho de 2015. Para melhor compreensão das respostas dividimos o material em subseções de acordo com cada pergunta utilizada no questionário. A análise das questões de múltipla escolha será disposta em gráficos com o percentual de respostas e o número de respostas, enquanto as questões discursivas serão dispostas em formato textual. E a ordem a seguir corresponde à ordenação utilizada no questionário aplicado.

#### 4.1.1 Perfil dos entrevistados em geral

Nesta categoria analisamos o perfil de todos os participantes do questionário, sem distinção dos modos de leitura, portanto, esses dados abarcam os três tipos de leitores (leitores só do blog, leitores só do livro impresso e leitores do blog e do livro impresso) e delimitam características gerais.

##### a) Sexo

Dos 41 participantes do questionário online, 39 são mulheres e 2 são homens.

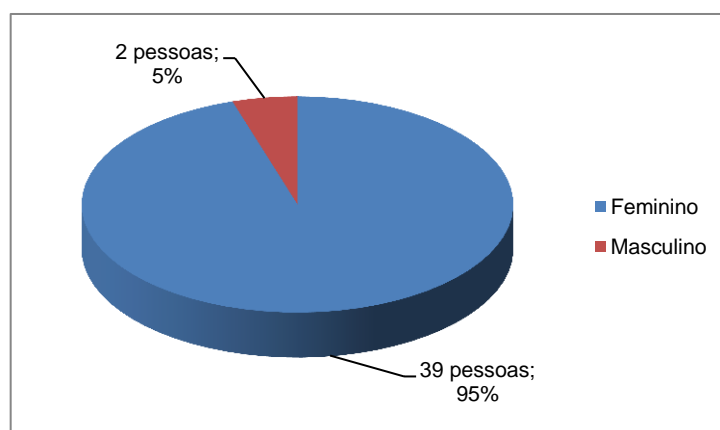


Figura 3 — Sexo dos participantes do questionário

## b) Faixa Etária

Para melhor interpretação dos dados, dividimos em três categorias de classificação a faixa etária dos leitores, de acordo com a faixa etária que abrange cada classificação de literatura juvenil proposta. Na primeira categoria proposta apenas uma pessoa foi enquadrada. O maior percentual de todas as categorias foi da faixa etária de 13 a 18 anos, possivelmente devido ao título do livro que instiga leitores mais jovens a quererem desvendar o futuro que os espera, na ânsia pelos 15 anos ou o período após a idade completada. Além disso, desperta a nostalgia de quem já viveu essa etapa da juventude, mas que procura no livro uma identificação, ou que simplesmente se vê no livro quando mais novo passando pelos mesmos percalços da autora.

A partir do conceito de Groppo (2004), podemos definir que a maioria dos leitores respondentes do questionário são adolescentes, porque se enquadram na classificação de 12 a 16 anos de idade, período o qual o autor denominada de adolescência. Nesse sentido, 12 dos respondentes somados aos outros quatro, são considerados pessoas no período de juventude. Em nosso trabalho, resolvemos dividir em três classificações de faixa etária apenas para melhor tabularmos os dados e verificarmos em qual classificação de literatura juvenil o livro se situa.

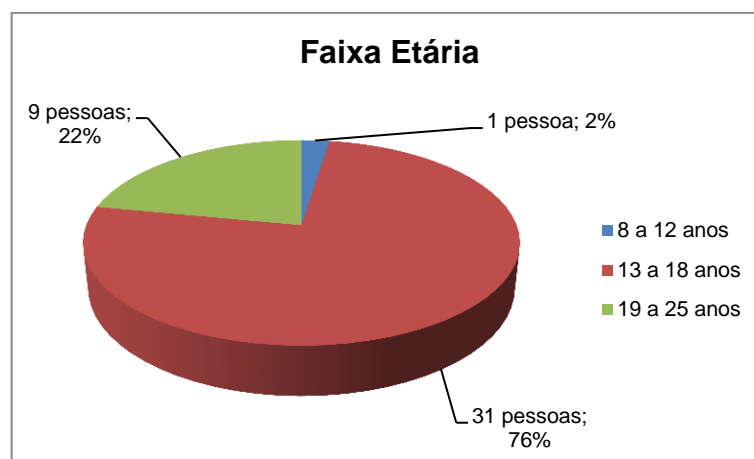


Figura 4 — Faixa etária dos participantes do questionário

## c) Localização

A localização geográfica dos participantes é relevante para compreender a abrangência do livro e do blog pelo país. Apesar de o questionário ter sido disponibilizado na web por meio de redes sociais de ampla participação, notamos que o maior número de participantes é do estado do Rio Grande Sul, fenômeno que

ocorreu devido ao fato da pesquisadora residir em Santa Maria e divulgar sua pesquisa entre seus contatos da rede social *Facebook*.

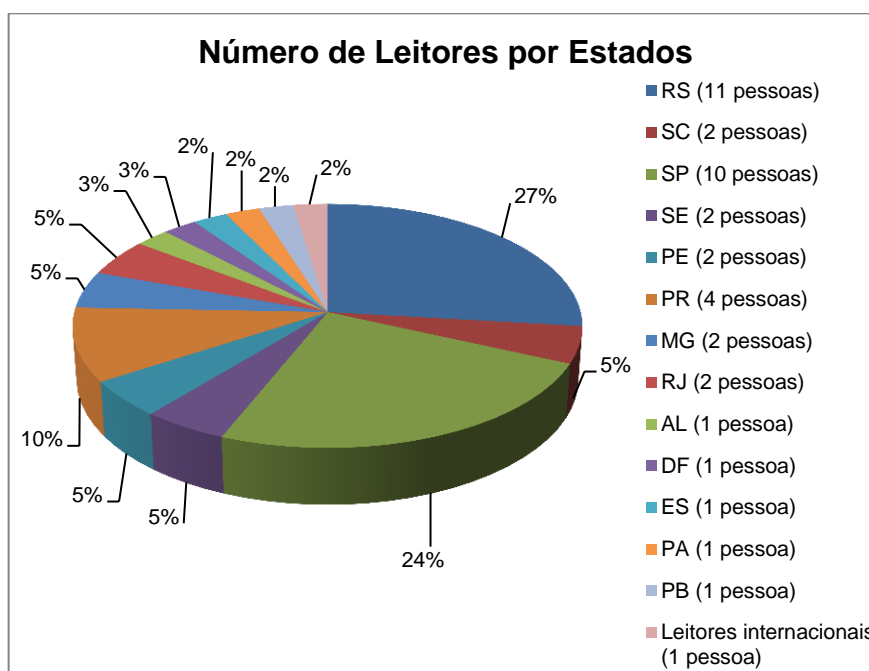


Figura 5 — Número de leitores do blog e/ou do livro por estado

#### d) Escolaridade

Conforme as respostas obtidas, notamos que a maioria dos jovens leitores encontra-se no ensino fundamental e no ensino médio, escolaridade condizente com a faixa etária em evidência de 13 a 18 anos.

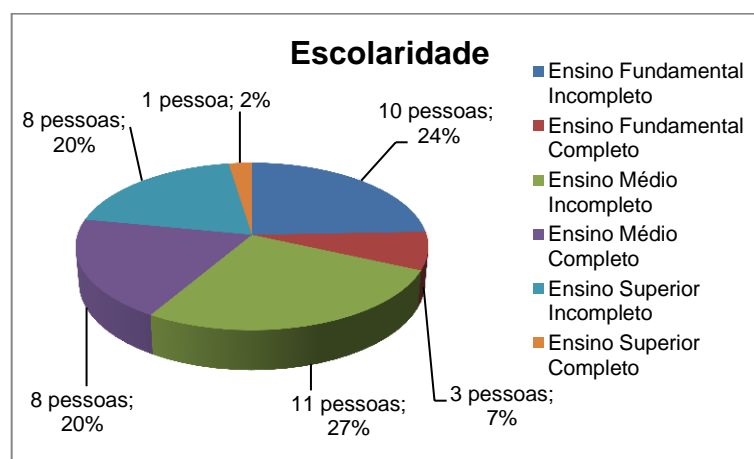


Figura 6 — Escolaridade dos participantes do questionário

## 4.2 Modalidade de leitura (blog/livro)

Aqui dividimos em três categorias os participantes do questionário: os leitores só do blog, os leitores só do livro e os leitores de ambos os suportes. A partir de uma



questão decisiva, na qual os participantes se identificavam com uma das três categorias supracitadas, decidia-se o teor das perguntas destinadas aos participantes do questionário, uma vez que cada opção redirecionava para grupos distintos de perguntas.

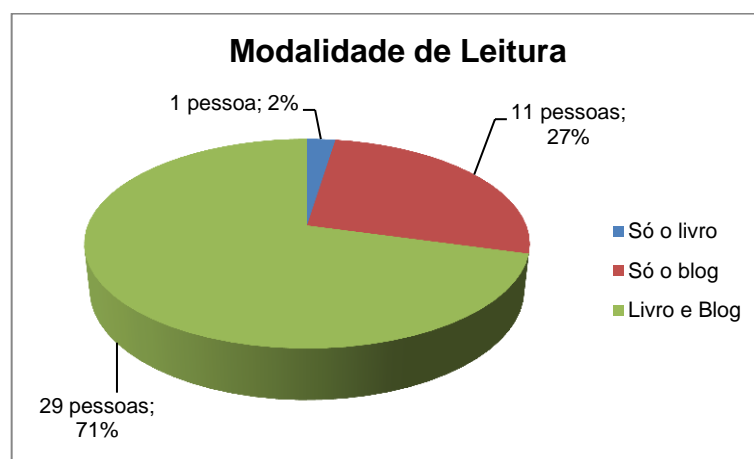


Figura 7 — Modalidades de leitura

#### 4.2.1 A leitora só do livro

Apenas uma leitora respondeu ter lido apenas o livro *Depois dos Quinze*. A jovem comprou e leu o livro em 2012, mas não se limitou a ler um único título da autora, acabou lendo todos os livros de Bruna Vieira.

Apesar de ter assinalado a opção “só livro” no questionário, em suas respostas se contradiz, ao falar que lia o blog mensalmente. Em um primeiro contato com a pesquisadora via *Facebook*, a jovem leitora disse ter acompanhado o blog somente no período que lia os livros. O que a tornou, na verdade, leitora dos dois suportes, mesmo que não acompanhe mais o blog.

Ao relatar suas práticas e seus hábitos de leitura<sup>25</sup> relatou que prefere ler no quarto e costuma ler um pouco todos os dias, muitas vezes lendo mais de um livro ao mesmo tempo. Possui em torno de 30 livros e os risca com caneta. Confessou que sentiu mais atraída pelo título do livro e que gostou da capa do livro *Depois dos Quinze*, porque descreve a autora muito bem fisicamente. A leitora gostou das imagens internas que eram acompanhadas de pequenas crônicas da autora, achou o conjunto criativo. Se interessou e acessou o *QR Code* disponível no fim do livro,

<sup>25</sup> Frequência de leitura.

conforme o mencionado no capítulo 1, assim trafegando no site e exercendo a leitura de dois modos: impresso e digital.

#### 4.2.2 Os leitores somente do blog

##### a) Leitura das Postagens

A primeira pergunta para esse tipo de leitor é relacionada ao modo como lia as postagens do blog. Sete pessoas liam de uma só vez o texto, enquanto quatro liam os textos em “blocos” ao mesmo tempo em que dividiam suas atenções com outros sites. Fato justificável, pois as postagens literárias não tinham hiperlinks e possuíam uma linearidade, de certa forma parecida com a do livro.

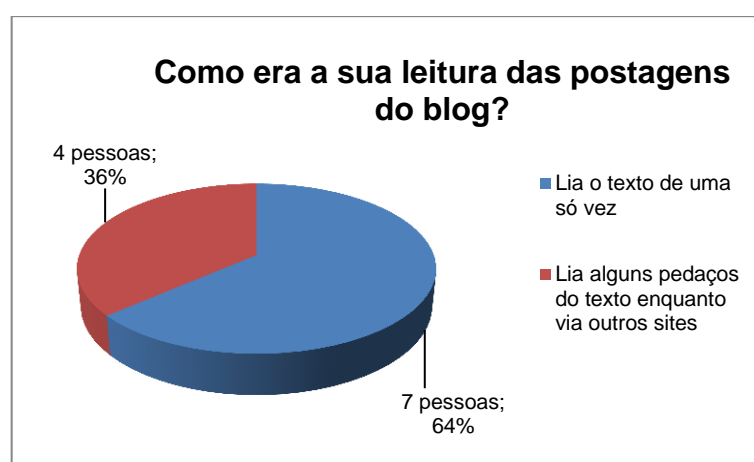


Figura 8 — Modos de leitura das postagens dos leitores só do blog

##### b) Apropriação

A segunda pergunta também se referia ao modo de leitura, mas mais especificamente, aos modos de apropriação do texto. Perguntamos para esses leitores se eles salvavam os textos que liam no computador ou compartilhavam em alguma rede social. As respostas variaram: dois pesquisados relataram salvar em arquivos no próprio computador, enquanto seis pessoas preferem compartilhar as frases em suas redes sociais — foram citados duas vezes o *Facebook* e o *Twitter*, mas também ganharam menção o *Tumblr* e o *Instagram*.

A resposta mais diferenciada é de uma leitora que diz escrever um “caderninho de frases e inspirações”, principalmente se repararmos que ela é adepta somente da leitura no blog. Apesar de sua leitura ser na tela, prefere se apropriar de forma material das suas citações preferidas, escolhendo o papel como suporte para suas anotações em vez de uma página em branco do *Word* ou o compartilhamento

de postagens em redes sociais. Essa prática de apropriação é derivada do que Darnton (2010) nomeia como livros de lugares-comuns (*commonplace books*), em que os leitores ingleses, no início da Era Moderna, copiavam trechos de textos preferidos de alguns autores e relacionavam à sua vida cotidiana em um caderno, caracterizando, dessa forma, o ato de ler e escrever como algo intrínseco.

#### c) Sugestões de melhoria

Perguntados sobre as postagens literárias da Bruna e se elas deveriam dispor de mais atrativos além do texto, obtivemos dos leitores do blog seis respostas afirmando que as informações fornecidas eram suficientes e atrativas. Uma leitora se absteve de resposta e outra disse não ter opinião formada sobre o assunto. Duas respostas mencionaram como melhoria o acréscimo de mais imagens para complementar as postagens.

Geralmente, os leitores literários da *Blogosfera* são pessoas interessadas nos textos literários, que se envolvem com a história, apesar de o leitor do ciberespaço ser mais curioso, querendo ser seu próprio guia, querendo desatar nós e desbravar links. O usuário que procura textos literários em um blog, em nosso caso, no blog *Depois dos Quinze*, quer ler linearmente a crônica, quer compreender seu início e seu desfecho.

#### d) O caminho até o texto

Dois leitores somente leem quando a blogueira Bruna Vieira posta e divulga o link da postagem em redes sociais (*Twitter* e *Facebook*); um leitor procura nas *tags* do blog; seis procuram nas categorias do blog.

Duas leitoras marcaram “outra opção” e a descreveram. Uma delas relatou que acompanha o que Bruna Vieira posta através do link do blog, o qual fica salvo em seus favoritos no computador. A outra leitora também compartilhou sua resposta, que não se encaixava nas alternativas sugeridas: “Não acompanho o blog fielmente, às vezes uma amiga manda um texto dela ou então eu vejo algo no *Tumblr* ou no próprio *Facebook* que me chame à atenção e vou olhar, mas nada disponibilizado diretamente por ela, mas sim o compartilhamento de terceiros (sic)”.

O fato de 50% dos usuários do blog encontrarem as postagens literárias por meio das categorias que o próprio espaço dispõe demonstra a importância da arquitetura da informação, que situa o leitor em meio aos conteúdos. Em relação aos

20% dos respondentes que relatam que somente leem quando a autora compartilha em redes sociais, reafirma o ponto de vista de Bruna Vieira, ao notar que as redes sociais são um jeito simples de convencer e conquistar leitores.

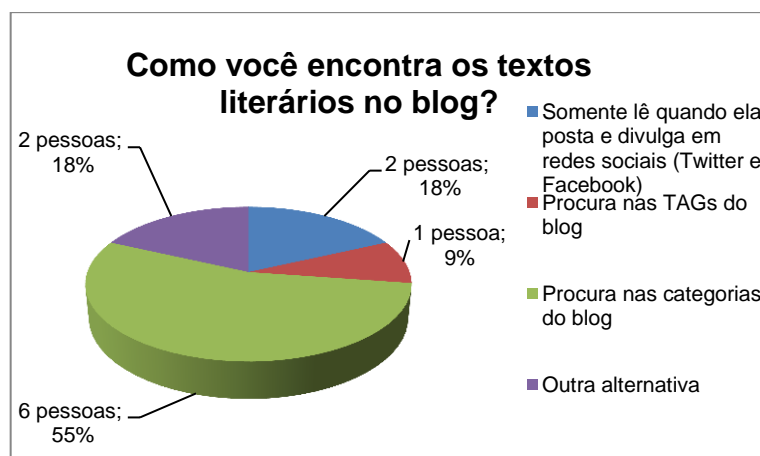


Figura 9 — Caminho até os textos das postagens por parte de leitores só do blog

#### e) O ano que começou a acompanhar o blog

Bruna Vieira começou o blog *Depois dos Quinze* em 2008. Inicialmente possuía poucos seguidores/leitores, mas aos poucos foi conquistando espaço na *Blogosfera*. Os leitores respondentes do questionário não a acompanharam desde o início, sendo os primeiros leitores datados de 2010. Foi somente em 2012, que o blog começou a se tornar mais popular, com a publicação do livro impresso e com o ingresso da autora na coluna mensal na Revista Capricho. O auge de acessos do blog é referente ao ano de 2014, impulsionado, provavelmente, pelo desenvolvimento das redes sociais, mais especificamente o *boom* dos *youtubers*, e o aparecimento da autora em mídias tradicionais.

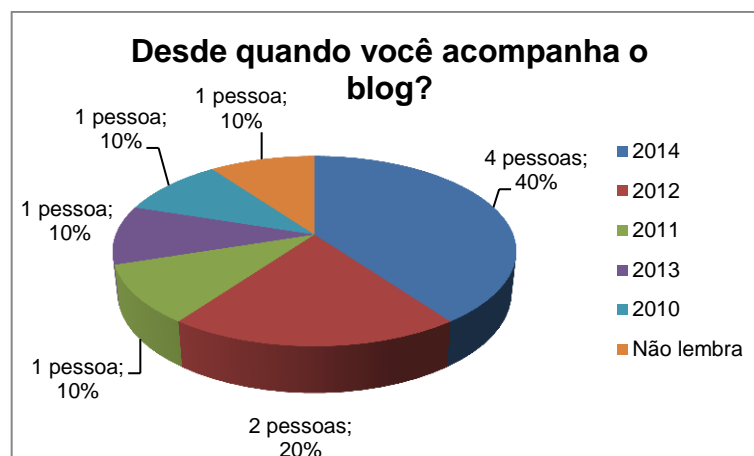


Figura 10 — Ano que começou a acompanhar o blog

#### 4.2.3 Os leitores do blog e do livro

Para os leitores de ambos os suportes, unimos as perguntas das duas seções acima referentes ao blog e ao livro impresso.

##### a) Como encontrou o livro?

A maioria dos entrevistados, mais especificamente 69% deles, comprou o livro impresso. O ato de comprar é mais do que comprar coisas, envolve a satisfação emocional do consumidor. Ter um livro impresso, físico, palpável promove no ser uma sensação distinta de quem somente lê no digital, um sentimento de apropriação, de posse. Esse fato é relacionável aos estudos de Juremir Costa (2004), que define a relação do ser humano com o ato de comprar objetos de tal forma:

Os objetos não são, de forma “intrínseca”, impróprios ou irredutíveis à conversão afetiva. Na relação do sujeito com o mundo, todo objeto cede de sua concretude física à imaginação emocional e toda intencionalidade emocional recorre à matéria física dos objetos para ganhar consistência e durabilidade culturais. (COSTA, 2004, p. 162)



Figura 11 — Modo como encontrou o livro

#### b) Diferenças que os leitores perceberam nas modalidades impresso e digital

Durante o processo, os participantes foram questionados se notaram diferenças entre os textos publicados no blog e no livro. Um entrevistado acredita que no blog a autora trata de temas mais variados, enquanto no livro são textos de romance. Duas pessoas notaram o amadurecimento da autora em relação à escrita. Outra entrevistada disse acreditar que no livro a autora “escreve sentindo o que o personagem sente”, mas que no blog é algo mais pessoal. Essa ideia é fundamental com relação aos primeiros conceitos de blogs, que eram vistos somente como diários virtuais.

Outra entrevistada disse notar mais semelhança entre ela e a autora por meio dos textos do livro, enquanto os do blog pareciam mais distantes. Assim, como uma leitora acredita que os textos do livro são mais “profundos”. Nesse mesmo sentido, outra respondente disse que no livro a Bruna expressa mais os sentimentos, enquanto no blog ela tem mais receio.

Uma pessoa comentou sobre a liberdade diferenciada da criação dos livros em relação aos *posts* e acredita que a autora tem mais facilidade para escrever no livro impresso. Um dos pesquisados notou a exclusividade de alguns textos para o livro, enquanto outro mencionou o fato da estruturação diferente dos dois suportes, relacionando a tipografia, acreditando que no livro ela teria mais espaço para usos diferenciados de fontes.

Uma das entrevistadas acha que os textos do livro “parecem mais detalhados, e com muito mais sentimentos envolvidos”, enquanto outra acha alguns textos mais “infantis”. E nove dos entrevistados não notaram diferenças.

### c) A identificação com os personagens

Apenas duas leitoras não se identificam com as personagens dos textos de Bruna Vieira. As leitoras que se veem nas personagens justificam suas respostas positivas de diferentes maneiras. Algumas raramente se identificam, outras se identificam apenas em parte. Encontram características próprias nas personagens, pensamentos compatíveis, a mesma forma de olhar para a vida. Relembra de anos anteriores, quando eram mais novas. Uma leitora enfatiza a maneira como a autora coloca a felicidade em primeiro lugar. Enquanto outras preferem notar e reviver situações e dificuldades passadas. Algumas compartilham o amor pela escrita, assim como Bruna e suas várias facetas ao longo de uma crônica ou de um conto. Por um instante, vivem a personagem ao longo do texto, a autora as descreve como bem mencionam nas respostas do questionário. A maioria das respostas possui relação com a forte representação dos adolescentes nos textos. Assim, podemos usar dois comentários feitos por leitoras para finalizar esse assunto: “acho que todas as meninas se identificam de alguma maneira com a Bruna porque ela relata em seus textos a realidade da adolescente, os conflitos interiores e exteriores que passamos nessa fase da nossa vida”; “tudo que ela escreveu foi numa época da vida dela, que hoje eu estou passando ou irei passar, e se parece comigo mesmo”.

O escritor Daniel Goldin (2012) encontra na leitura e na escrita uma forma de contornar a realidade e se afastar do mundo, enquanto os leitores respondentes desse questionário preferem se encontrar nas entrelinhas. Não existe só esse leitor que Goldin diz ser, o leitor que emerge na narrativa para esquecer-se de si próprio e viaja para outros lugares, temos também o leitor que gosta de ler coisas que envolvem o seu próprio cotidiano e perceber a história como um espelho que os reflete nos personagens.

### d) Ano em que leu o livro

O livro *Depois dos Quinze* foi lançado em 2012, mas, a partir do gráfico a seguir, notamos que ele ainda é lido e o quanto ainda tem destaque entre os outros livros da autora.



Figura 12 — Ano em que leu o livro

#### e) A leitura inicial (blog ou impresso) e sua frequência

Uma das perguntas incorporadas ao questionário interrogava qual o suporte de leitura o leitor teve acesso primeiro, ou seja, se ele leu o blog antes de ler o livro. Investigamos também, através dessa pergunta, a frequência da leitura das postagens no blog.

Partimos primeiramente da hipótese de que o que levava o leitor a comprar e/ou ler o livro era o fato de o blog ser popular, mas notamos a partir dessa pergunta que a apropriação dos dois suportes (blog e livro) pode se dar de duas maneiras: primeiro a leitura do livro e depois a busca pelo blog, da mesma forma que há pessoas que procuram inicialmente o blog e então desejam ter/ler o livro impresso.

Para ilustrar esse fato selecionamos alguns comentários dos leitores no questionário que esclarecem ter lido primeiro o livro e depois terem migrado para o blog: “Eu li antes todo o livro e depois busquei o blog, isso referente ao primeiro livro. Já com o segundo, eu lia o livro e acompanhava os conteúdos do blog”; “Não lia, mas a partir da leitura do livro eu comecei a frequentar o blog diariamente”; “Não, comecei a ler o blog, após a descoberta do livro”. Por outro lado, existem leitores que dizem ter acompanhado primeiro o blog e depois buscaram a leitura no impresso: “Eu lia já as crônicas da Bruna lá na época de 2012, quando ela postava textos com mais frequência e comprei os livros por influência da própria.”; “Eu lia os textos no blog antes de comprar o livro, não era sempre, porém tentava acompanhar.”; “Sempre li os textos no blog da Bru todos os dias (até mais de uma)”.

A importância desses relatos encontra-se na essência da representação dessas jovens enquanto leitoras do blog/e ou do livro de Bruna Vieira. Em relação à



identificação com o blog podemos utilizar as ideias de Stern e Willis ao afirmarem que:

Especialmente durante a adolescência, quando dizer determinadas coisas, vestir determinadas roupas e assumir determinados relacionamentos pode ter consequências graves, os blogs e as páginas pessoais podem possibilitar que os adolescentes se sintam mais livres para expressar suas ideias, tratar de assuntos-tabus e inaceitáveis e experimentar diferentes estilos de autoapresentação. (STERN e WILLIS, 2009, p.263)

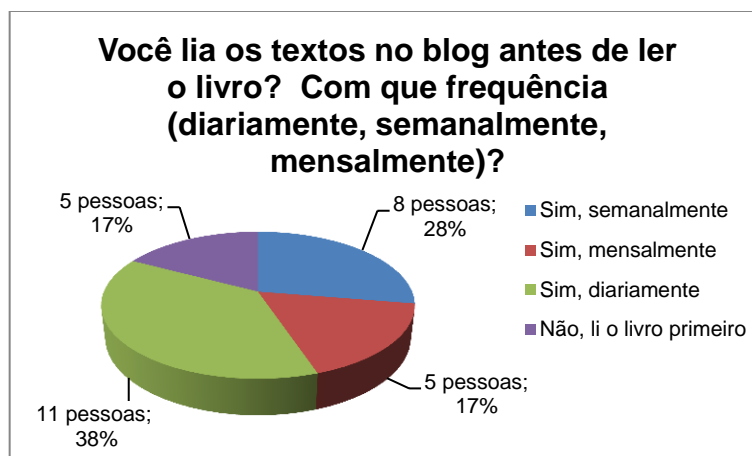


Figura 13 — Frequência de leitura das postagens

#### f) Ler algo novo?

Perguntamos aos leitores dos dois suportes se a compra do livro foi com o intuito de ler algo novo escrito por Bruna Vieira ou queriam ler o que já havia sido publicado no blog. Além disso, perguntamos se o fato de os textos serem semelhantes nas duas plataformas era um incômodo.

Dez pessoas estavam desejosas por novidades em relação aos textos do livro, mas nenhuma se sentiu incomodada ao saber que os textos eram semelhantes aos do blog. Alguns leitores ressaltam que compraram o livro por causa da Bruna Vieira, e não somente pelo texto. Assim, algumas pessoas também responderam que compraram o livro pensando em outros fatores, não levando tanto consideração se os textos seriam exclusivos ou não. Aqui, algumas respostas mais completas e que merecem destaque: “Quando eu comprei o livro eu nem conhecia a autora. Eu comprei porque eu tinha achado a capa bonita e o título interessante, já que eu queria fazer 15 anos logo... Eu comecei a ler o livro na livraria mesmo e eu já estava amando e quando cheguei e casa eu fui procurar saber mais sobre a autora e então eu me apaixonei mais ainda! E eu não e incomodo com o fato de os textos serem semelhantes aos do blog.”; “Eu queria ler os livros da Bruna, então comprei todos,

eu sabia que ia ficar parecido o livro e o conteúdo do blog, mas eu amo tudo que a Bruna escreve então não me importo”; “Na verdade eu comprei o livro pela capa, mas foi amor à primeira vista! e não me incomoda os textos serem semelhantes, pois a Bruna expressa o que ela realmente sente e se encaixa muito com os meus pensamentos e cotidiano”.

Assim, percebemos a importância da relação mais direta da autora com seus leitores. Bruna é vista por eles como uma estrela, uma celebridade, mas ao mesmo tempo é vista como uma melhor amiga conselheira. O importante não é ter o livro *Depois dos Quinze*, o que vale é ter o livro de Bruna Vieira. Portanto, ao mesmo tempo em que a autora vende um livro, acaba vendendo sua própria personalidade, o que podemos relacionar ao que Bauman (2008) conceitua como a construção de nós mesmos enquanto mercadorias, uma vez que precisamos nos vender a todo instante. E, nesse sentido, a internet é um fértil mercado para a exposição das subjetividades e a venda de uma personalidade a inúmeras pessoas de uma única vez.

g) Rasurar ou não, eis a questão.

Há quem goste de rasurar os livros. Há quem tenha pânico de qualquer rasura. Há quem goste de destacar coisas importantes com o lápis ou com o marcador de texto. Há quem prefira marcar em um caderno ou colar *post its* e há quem somente coloca delicadamente um marcador de página. Há inúmeras maneiras de se apropriar desse objeto, desse livro impresso.

O fato de dar destaque para algo tem a ver com a cultura da interface, quando a memória visual se faz presente até em nossa leitura. Esse colar de *post its*, o escrever nas margens ou o sublinhar de uma frase é característico da interação. Conforme analisamos nos capítulos anteriores, a interação do leitor com o texto é antiga, muito antes do advento da internet, qualquer livro, qualquer texto é interativo, segundo Iser (1999), uma vez que o texto só adquire sentido após a leitura do leitor.

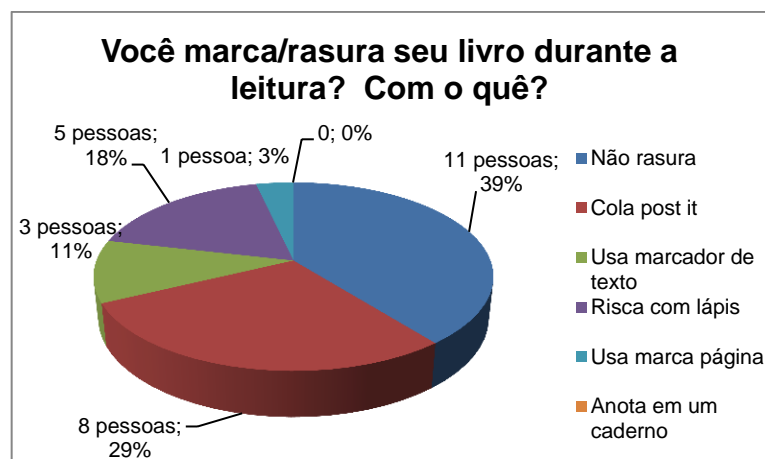


Figura 14 — Modos de rasura

#### h) Como vai a sua estante?

O leitor de livros impressos é denominado por Santaella (2007) como leitor contemplativo ou meditativo. É característica desse leitor o apego pelas páginas, pelo ato de folhear, o instinto de reler suas histórias preferidas e a afeição com a materialidade das obras. São esses fatores que levam os leitores a possuir uma estante para seus livros, uma vez que, ao possuir o livro, esse indivíduo poderá dispor dele quando quiser. Assim, os leitores respondentes do questionário possuem mais de um livro; alguns estão iniciando o gosto pela leitura, outros já possuem um arsenal bibliográfico. Além disso, o desejo de possuir e de colecionar livros é um sentimento antigo, não é algo exclusivo das novas gerações consumidoras.

A ideia de colecionar livros é muito antiga. Portanto, não aconteceu com os livros o que aconteceu com os filmes. O culto da página escrita, e mais tarde do livro, é tão antigo quanto a escrita. Os romanos já queriam possuir rolos e colecioná-los. (ECO e CARRIÈRE, 2010, p.29)

Conforme Chartier (1998), dispomos da leitura intensiva e da leitura extensiva: a primeira é o modo mais antigo de ler, por meio da oralidade, compartilhando o texto com outras pessoas, propagando memórias comuns por meio de poucos livros; a outra, na qual nossos leitores se enquadram, é a leitura de muitos textos ou livros, mas sem muitos aprofundamentos, ou seja, o leitor não pesquisa a fundo um livro somente, preferindo dividir seu tempo com diversos livros.



Figura 15— Número de livros na estante

i) O que te atrai em um livro?

O texto, o título e a capa são os principais atrativos de um livro para os leitores respondentes de nosso questionário. O texto, logo quando é selecionado pela editora, deve ser algo que prenda a atenção do leitor, assim a narrativa precisa ser instigante. Os leitores do livro *Depois dos Quinze*, que leram o blog anteriormente, já tinham uma prévia de como seriam as crônicas de Bruna Vieira, o que lhes deu mais segurança na hora da compra.

Podemos então compreender que o título em questão é algo chamativo para os leitores, porque é relacionado ao blog e porque causa uma identificação com quem possui a faixa etária mencionada. A própria editora, Rejane Dias, mencionou em nossa entrevista, que o livro *Depois dos Quinze* foi muito bem recebido pelos leitores, que ainda é muito querido por eles e tentou explicar o porquê disso acontecer.

Não sei se é só por causa do blog, porque remete muito ao blog, acho que é porque talvez seja porque as crônicas são muito bacanas, as meninas entram pelo universo da Bruna por esse livro, eu acho que talvez seja pelo fato de ter o nome do blog também. (Entrevista Rejane Dias, 2015)

A capa atrai os olhares dos leitores em meio a outros livros nas livrarias, por causa da ilustração que remete muito à personalidade da autora, sendo retratada fisicamente com verossimilhança. Além disso, a capa e as imagens de dentro são condizentes com a temática adolescente do livro.



Figura 16 — Atrativos do livro

#### j) Práticas de leitura

Dez leitoras dizem não ter práticas de leitura. Duas leitoras gostam de analisar a forma do livro antes de lê-lo, enquanto uma se detém mais na análise da capa e da contracapa. Outra leitora faz uma análise mais ampla observando as “orelhas”, a textura da folha, o número de páginas e sentindo o cheiro.

Duas leitoras gostam de ler no silêncio. Uma gosta de ler na sala de aula, antes do começo da aula. Uma gosta de ler depois banho, outra antes de dormir. Uma vê no livro um modo de ficar sozinha consigo mesma, em dias que prefere não “socializar”.

Uma leitora relata que sempre precisa comer antes da leitura para não se sentir entediada. Outra tem o hábito de ler a última frase do livro antes mesmo de iniciar a história.

Temos então, distintas práticas e modos de ler, de distintas leitoras. Há quem goste de ler diferentes gêneros para ter uma noção de cada assunto e quem preza por terminar a leitura do capítulo antes de fechar o livro. Existe a leitora que gosta de ler diariamente, a que busca inspiração para postagens em seu blog próprio e a que busca inspiração para continuar publicando livros.

#### k) Onde ocorre a leitura

O local de leitura que obteve mais respostas foi o quarto, por ser um local mais privado e mais silencioso, propício para estimular a atenção durante o ato de ler. Conforme Chartier (1998) essa leitura individual e silenciosa se tornou dominante a partir do século XVI, quando era realizada em um lugar distante dos

lugares de divertimento, consolidando por meio da privacidade a relação íntima do leitor com o livro impresso.

Sabemos que não existe uma regra para a leitura, mas sim práticas e modos de ler, bem como a escolha do local para realizar o ato de ler. Tudo depende das escolhas e da forma de concentração do leitor. Existem os leitores que preferem a leitura em sala de aula ou no ônibus, ambiente que não são tão silenciosos, assim como existem leitores que se inebriam pelo livro e o leem em qualquer local.

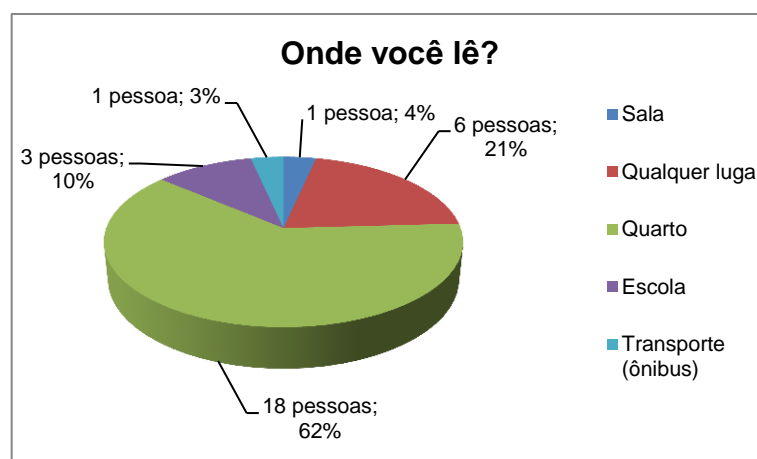


Figura 17 — Local de leitura

#### l) (Não) Julgue o livro pela capa

Perguntamos no questionário aos leitores do livro impresso o que eles acharam da capa e das imagens do miolo da obra. Todos os entrevistados revelaram terem gostado da capa, considerando as “lindas”, “fofas” e “perfeitas”. Além disso, acharam apropriada a relação da capa com os conteúdos tanto do livro quanto do blog e com a temática adolescente. Uma das leitoras acha que a capa transmite diretamente a imagem da autora, fazendo referência à Bruna Vieira, a qual considera meiga. E uma leitora acha que tanto a capa quanto as imagens internas são esteticamente bonitas e esse fato ocasiona a disseminação das obras.

#### m) Outros títulos de Bruna Vieira

A venda do livro *Depois dos Quinze* promove a venda dos outros títulos publicados da autora. Muitas vezes ocorre uma compra de kits, principalmente em grandes redes livreas virtuais, nas quais na compra de mais de um título da autora, o outro livro possui desconto.

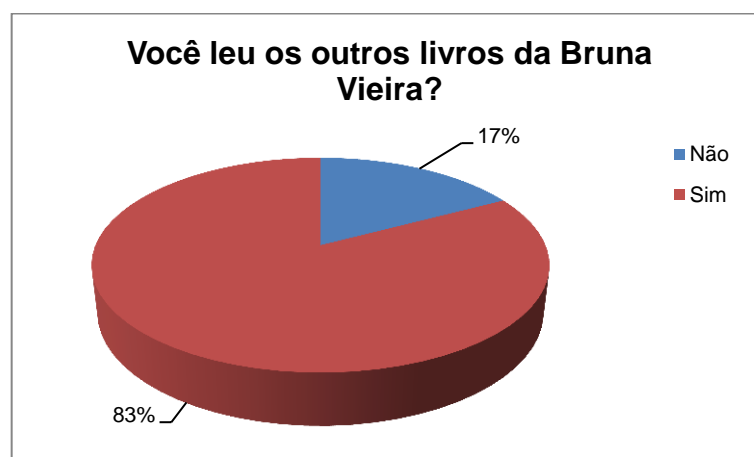


Figura 18 — Leitura de outros livros de Bruna Vieira

Doze pessoas disseram já terem lido todos os livros da autora, enquanto cinco confessaram terem lido somente o livro *Depois dos Quinze*. As pessoas restantes da pesquisa leram somente mais um ou dois títulos de Bruna Vieira.

#### n) De volta ao blog

O grande número de respostas de “lia o texto de uma só vez” caracteriza a falta de hiperlinks e o texto linear, assim como valoriza o leitor contemplativo, que, mesmo estando em um ambiente virtual, ainda utiliza um modo semelhante de leitura do impresso. Os links e o conceito de hipermídia ficam restritos para as outras postagens do blog, as não-literárias.

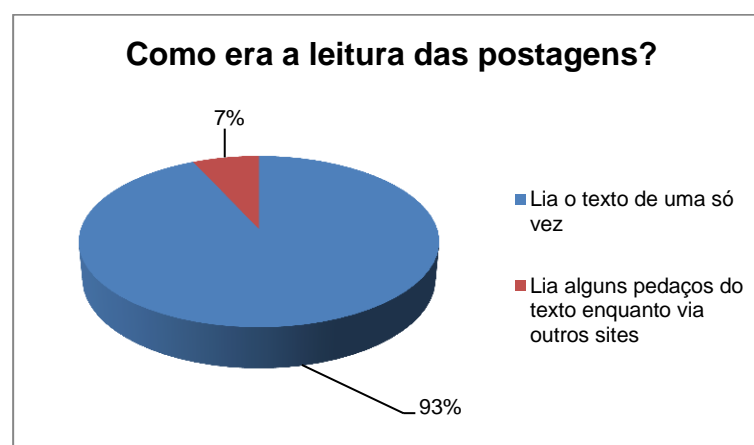


Figura 19 — Modo de leitura das postagens (leitor dos dois suportes)

#### o) Compartilhamento em redes sociais

Perguntamos aos leitores do livro e do blog *Depois dos Quinze* se eles tinham o hábito de salvar as frases preferidas em algum arquivo no computador ou se postavam em alguma rede social. Com isso, nove pessoas relataram que não salvam e nem publicam em redes sociais, enquanto quatro pessoas recorrem a um caderno, a um diário pessoal ou a pedaços de papel.

O blog *Depois dos Quinze* está presente em diversas redes sociais, tais como: *Skoob*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Tumblr*, *Snapchat* e *Youtube* (embora o *Youtube* não seja uma rede social propriamente dita, mas passa a ser no momento em que são utilizadas as *tags* nos vídeos).

Além das redes sociais geridas pela autora, há a divulgação voluntária por parte dos leitores, que criam grupos e páginas no *Facebook*, como por exemplo, a página *Família Depois dos Quinze* e o grupo *Brunetes*, bem como a criação de grupos de discussão no *WhatsApp*. Alguns projetos dos leitores de Bruna Vieira ultrapassam as redes sociais: “encontrinhos” são promovidos, sendo realizados em ambientes públicos ou privados, para a discussão dos livros e dos conteúdos do blog. Também trocam informações sobre a autora, promovem gincanas e realizam sorteios de brindes.

#### p) Sugestões de atrativos para as postagens

A autora não utiliza os hipertextos ao longo da publicação, pois poderia desviar a atenção do texto, que, nesse caso, não é algo informativo, mas sim um conjunto de crônicas de tom confessional. A hipermídia, por outro lado, fica reservada para os *posts* informativos e de assuntos gerais, nos quais a autora ainda utiliza o *vlog* do *Youtube* e o adiciona nas postagens. Abaixo uma relação das sugestões de melhoria e opiniões sobre as postagens por parte dos leitores: “Não sei, acho legal assim, às vezes quando existe muito conteúdo relacionado fica difícil pra o leitor selecionar o que quer ver ou restringe ele de ver outras coisas devido às várias informações e links que uma postagem tem.”; “Gosto da simplicidade dos texto dela, simples porém profundos.”; “Eu gosto do jeito que elas são, acho que se tivesse mais links poderia acabar saindo do foco”; “Ela poderia melhorar a escrita”.

#### q) Localizando os textos literários no blog

O caminho que o leitor percorre até as crônicas é importante para compreender a relação do usuário com o blog que abriga as crônicas de Bruna



Vieira. Em nossa pesquisa, constatamos que a maioria dos entrevistados não acessa diretamente o blog pela URL, mas o acessa por atalhos e compartilhamentos em redes sociais. Os leitores que procuram os textos literários nas categorias ou nas *tags* do blog são leitores ambientados com o blog, que possuem o hábito de navegá-lo, bem como o recurso da busca é utilizado por alguém que sabe especificamente o texto que deseja ler.

Sabemos que a web 2.0 é regida pelas redes sociais e pelo engajamento coletivo. E sabemos também que alguns dos principais protagonistas dessa cultura online são o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*. A autora Bruna Vieira, consegue orquestrar diversas mídias digitais para que todas elas possam convergir para o blog. Por isso, o blog possui grandes números de acesso, porque a autora não o deixa cair no esquecimento, busca sempre incrementá-lo com diferentes propostas de conteúdos e o filia a outras redes sociais mais utilizadas por seu público.

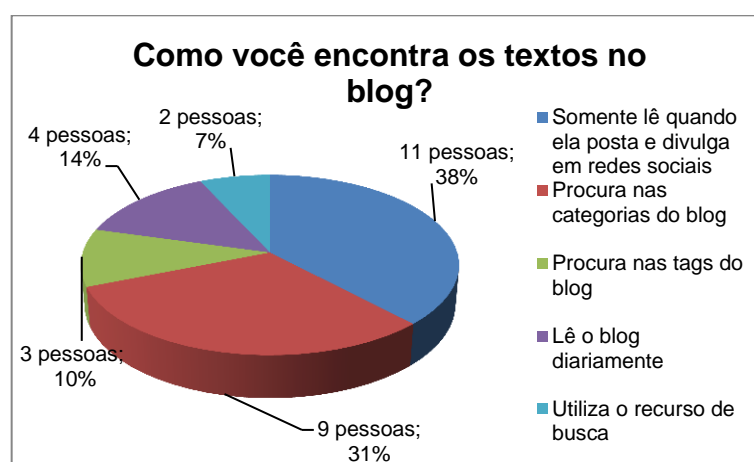


Figura 20 — Como encontra as postagens

r) Desde quando acompanha o blog

Apesar de o blog ter iniciado em 2008, nossos respondentes que acompanham o blog há mais tempo são de 2011.

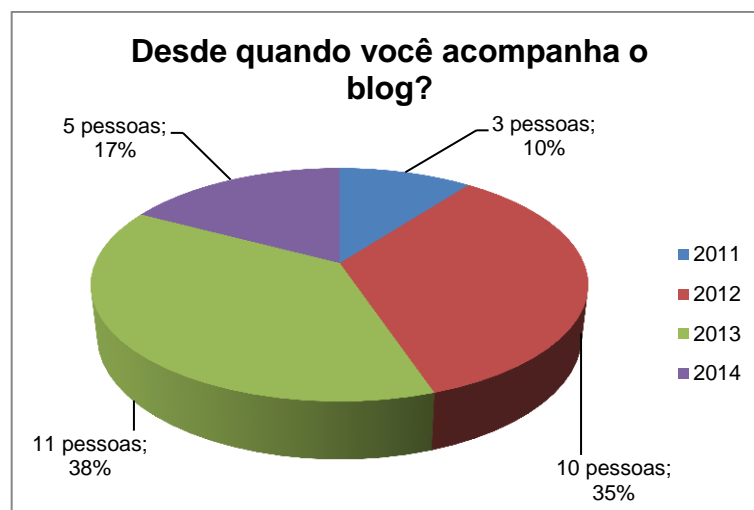


Figura 21 — Ano que começou acompanhar o blog

#### s) Playlist

Ao fim do livro impresso *Depois dos Quinze* encontramos uma *playlist* criada pela autora Bruna Vieira para que seus leitores leiam seus textos escutando músicas específicas. Perguntamos aos leitores se eles realmente seguiram a dica da autora e obtivemos 21 respostas positivas e oito negativas.



Figura 22 — Utilização da *playlist*

### 4.3 Entrevistas por Skype

#### a) Entrevistada 1

A primeira entrevistada é T.W., do sexo feminino, de São Leopoldo (RS), 17 anos e leitora de ambos os suportes. A entrevistada relatou ter lido primeiramente o blog, porque encontrou um link na internet. Após acompanhar por um tempo o blog, acabou comprando os livros no final do ano de 2013. Declarou ter se identificado

com as crônicas de Bruna Vieira, pois se vê refletida no texto. “Eu me identifico com os textos dela porque ela passou pelo que eu to (sic) passando ou vou passar. E eu acho muito bonito os textos dela...” (T.W). Podemos relacionar a declaração da entrevistada com o pressuposto de Marcel Proust ao declarar que toda a leitura nos proporciona um olhar para nós mesmos.

todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo (PROUST, 2012, p.79)

A identificação por parte da leitora também pode ser associada ao que Goldin (2012) ressalta sobre como os textos e outras criações culturais desvendam a paisagem a partir da qual construímos nossas vidas. Os textos, nesse caso, as crônicas e contos de Bruna Vieira, com suas paisagens, são como telas que ilustram o cotidiano de alguns jovens. O texto descreve os cenários que a juventude preenche: as boates, as escolas, as casas e etc, bem como descreve situações sociais, culturais e emocionais que se desdobram a frente desses panos de fundo.

Na primeira etapa da entrevista dedicamos tempo para questões voltadas para a navegação no blog *Depois dos Quinze*. A leitora contou como se dá o acesso a essa página da web. Navega na web por meio do *Google Chrome* e confessa ter o blog na barra de favoritos. E ainda acrescenta que sempre está acompanhando os textos e vídeos que Bruna posta.

Ao pedirmos para buscar a crônica *Não é deixar para trás, é viver*, a leitora narrou simultaneamente seu passo-a-passo dentro do blog na procura pelo texto. Assim, contou que procurou o texto do blog pelo uso da ferramenta de busca do blog, que, como mencionamos anteriormente no capítulo dois, é utilizada geralmente por pessoas que desejam uma informação específica e que sabem que está abrigada no blog em questão.

Após encontrar rapidamente o texto, ela realizou a leitura da postagem e compartilhou conosco suas impressões sobre a crônica. Dessa forma, relatou que concorda em partes com a autora, mas que possui uma visão diferente e um modo diferente de encarar as decepções da vida.

Eu concordo com o que ela diz no início, que agente divide o tempo em passado, presente e futuro, acho que ela tá certa nisso. E eu acho legal a parte que ela agradece por cada sorriso e lágrima, porque eu não agradeceria por cada lágrima que eu tive, acho legal essa parte mas nessa parte não concordo tanto com ela. (Entrevistada 1 - T.W.)

Ao relatar sua relação com o livro impresso em questão, T.W. transparece sua afetividade com o objeto e as emoções que o cercam. Ela o cuida com esmero, não o rasura e não permite que fique sujo.

Eu cuido bem dele e de todos os livros que eu tenho. Eu to sempre cuidando pra não pegar pó ou sujar e rasgar. E eu geralmente marco ele com marcador de texto, mas esse eu fiquei com pena e daí eu não marquei. (Entrevistada 1 - T.W.)

T.W tem as características do leitor contemplativo, principalmente ao confessar seu apego por seus livros. Em relação às suas práticas de leitura conta que geralmente lê antes de dormir, ou em tardes com clima agradável, pois gosta de ler fora de casa, num parque ou em algum lugar aberto.

A leitora entrevistada disse ter gostado mais do último texto do livro impresso, que é o conto *Vértices de um amor*. Contou que o que lhe fisgou na história foi desfecho inesperado e que acabou achando a história engraçada.

Após realizar a leitura da postagem no blog e da crônica no livro impresso, a leitora conclui que os textos eram iguais, referenciando que até a disposição dos parágrafos eram idênticas e acredita que se houve alguma mudança era em relação ao acréscimo de alguma frase entre os parágrafos.

Perguntamos à leitora se ela compraria o livro impresso mesmo sabendo que os textos do livro são semelhantes aos do blog e que esses são disponibilizados gratuitamente no *Depois dos Quinze*. T.W não percebeu as semelhanças das narrativas antes de comprar o livro impresso, mas confessa que compraria o livro mesmo se soubesse, “porque até lendo no blog e depois lendo no livro, é melhor de ler no livro, porque eu presto mais atenção”.

Mais uma vez, a jovem leitora se destaca como uma leitora contemplativa, que se envolve com a obra que lê e permite que percebamos que, quando lê na web, possui uma das características marcantes do leitor imersivo, a leitura fragmentada e a atenção compartilhada com outros sites.

#### b) Entrevistada 2

A segunda entrevistada é I.P., do sexo feminino, de Magé (RJ), 14 anos e leitora de ambos os suportes. O primeiro contato da leitora foi com o canal do *Youtube* do *Depois dos Quinze*, ao pesquisar *vlogs* sobre viagem para Nova York, em busca de orientações para sua primeira estadia na cidade. O contanto com o

canal logo a redirecionou ao blog. E somente no início de 2014 comprou o livro impresso.

Ao ser questionada acerca do modo como se identificava com as experiências vividas pela autora ou com os textos do livro e do blog, a leitora respondeu da seguinte forma:

Só que em relação a relacionamento e tal, os foras que a Bruna teve eu nunca tive um assim parecido. Mas acho que toda menina se identifica com ela de alguma maneira. Mas eu me identifico mais com os posts sobre sonho, sobre realização pessoal, essas coisas mais... relacionamento não porque eu sou muito nova, não tive quase nenhum. (Entrevistada 2 - I.P.)

Em relação ao caminho que percorre para chegar até o blog, I.P. relatou ter a página da Bruna como a primeira que abre em seu computador. Esse fato é algo totalmente relacionado à afetividade, que também se faz presente no espaço virtual. A autora não pode tocar no blog, não pode senti-lo como um livro impresso, mas pode adicionar a página aos favoritos de seu navegador, que lhe dá a impressão de ter aquilo sempre disponível — sentimento semelhante ao de ter um livro em uma estante. Algo imaterial, mas que promove a mesma sensação que algo material causa. Além disso, o ato de “favoritar” o blog sugere que entrar no blog é um hábito constante da leitora.

Assim, o trajeto da leitora em busca do texto solicitado se resume a abrir o navegador *Google Chrome*, procurar a página nos favoritos. Depois de estar no blog, entra em categorias e procura geralmente na categoria “Comportamento”. Nesse caso tínhamos uma leitora que sabia o que procurava no blog, mas não sabia da existência do recurso de busca por não ficar logo no início da página. Além disso, a leitora procura página por página da categoria pesquisada até encontrar o texto *Não é deixar para trás, é viver*, o que não é característico de um site/blog que possua boa usabilidade. O leitor/usuário deve ter nitidamente o local de busca, para que possa se situar caso necessite realizar alguma pesquisa, como no caso de I.P.

Eu geralmente vou nos marcadores lá embaixo, agora vou rolar a página até encontrar. O bom do Depois dos Quinze é que tem esse monte de paradinha pra destacar embaixo, aí a gente acha fácil... Vou tentar em relacionamento. Eu fui nas categorias, daí fui nas tags que tem lá embaixo e fui por sentimentos. (Entrevistada 2 - I.P.)

Por causa de problemas técnicos com o notebook, a leitora preferiu usar o celular para ler o texto solicitado. No celular possuía uma guia salva só para o *Depois dos Quinze*. No processo da procura pelo texto, realizou as mesmas etapas que havia feito por meio do notebook, recorrendo às categorias. “Baixo lá em baixo,

mas quando eu não acho nas categorias eu vou logo, pesquiso na barrinha que tem lá em cima que pesquisa do começo.” (Entrevistada 2 - I.P.)

Continua sua procura de texto em texto da categoria, o que demorou aproximadamente cinco minutos. A leitora perguntou de quando era o texto, a pesquisadora respondeu ser de 2012, ela se espantou e disse que iria procurar no computador que era mais rápido de achar do que pelo telefone. Devido ao fato de rolar a página por um computador ou por um notebook ser mais veloz do que a barra de rolagem de um celular, visto que não existe uma versão específica para *mobile*, ao acessarmos o blog pelo celular dispomos de uma coluna de postagens e a coluna lateral, que é disposta na versão desktop, passa a ser visualizada na parte inferior do site. Logo, as categorias e as *tags* ficam na parte inferior. Na versão da página no celular encontramos dificuldade ao clicar no índice das páginas, apesar do zoom.

A leitura pelo celular caracterizou-se pelo movimento dos dedos da leitora na tela do dispositivo, assim utilizando o tato como auxílio para os movimentos de rolagem de página. Primeiramente, a leitora segurou o telefone com as duas mãos e usando o polegar da mão direita como caneta. Após isso, apressa-se e usa o dedo indicador como instrumento para o movimento de rolagem. Surpreende-se em ter achado no computador tão rápido. Começa fazendo uma leitura oral baixinha e depois se silencia. E por fim exclama: “Ai, que legal, não tinha lido esse texto antes!”

Após ler o texto, a leitora expressou sua opinião e fez uma crítica referente ao modo de pensar e de encarar a vida da autora. I. P. diz ter um jeito diferente de pensar de Bruna Vieira, porque a autora não possui uma religião, e ela sim — é evangélica. Sua filosofia de vida condiz com seus preceitos religiosos, sendo assim, não gosta de “viver o que vem na cabeça” e de viver tudo o que se quer. Mas concorda com as outras partes do texto, em que a autora menciona o fato de esquecer o passado e de ser mais grata, a leitora acha que isso tem que se aplicar na vida de todo mundo.

Viver a vida que a Bruna vive acho que é a vida dos sonhos de qualquer garota e se ela não parar assim pra refletir e agradecer o que ela já conseguiu e que muita gente sonha, ela realmente ia explodir. (Entrevistada 2 - I.P.)

Logo, é possível notar que ao se referir da vida de Bruna Vieira, ela nota o cotidiano da autora e blogueira como uma vida dos sonhos de qualquer menina, por ser uma vida “glamourizada” pelos eventos que frequenta, pelos brindes, pelos *press kits* fartos que recebe de empresas renomadas, pelo fato de obter uma renda

mensal escrevendo em um blog e publicando livros. A ideia de vida dos sonhos é regada pelas conquistas profissionais e pelos bens materiais, algo típico de nossa sociedade consumista, ao qual Bauman (2008) se refere.

Perguntada sobre a sua relação com os livros enquanto objetos, a leitora declarou, que apenas rasura quando coloca o dia que ganhou a obra, mas que no caso do *Depois dos Quinze*, ela mesma que se deu de presente no final do ano passado de ano na escola com boas notas:

Eu sou muito chata com meus livros, eu não uso orelha, eu não marco, a única coisa que eu faço é por o nome na frente, mas eu tenho um caderninho que eu anoto todas as citações e no celular também. (Entrevistada 2 - I.P.)

O ato de ler a narrativa em dois suportes distintos da leitora I.P. demonstra a questão da convergência, quando a jovem utiliza dois instrumentos tecnológicos para ter acesso ao blog — o celular e o notebook —, além de ter acesso aos textos no livro impresso. Essa leitora lê de distintos modos e absorve o conteúdo que anseia ler. Contempla, cultua seus livros, relendo-os, anotando suas citações favoritas, degustando-os. É uma leitora movente ao ter de dividir sua atenção com outros inúmeros livros de sua estante além do *Depois dos Quinze*. É imersiva ao adentrar o ciberespaço, ao percorrer um blog em busca de um texto literário, mas que se permite clicar em diversos hiperlinks. I.P. é uma leitora-espectadora-internauta do *Depois dos Quinze* nos formatos: livro, blog e *vlog*. I.P. é diversas leitoras, embora seja uma única menina.

A leitora relatou ter muitos livros, em média 70 títulos, e nos mostrou a estante que possui no quarto. Em relação ao sentimento de apego pelos livros contou que empresta somente para as pessoas que tem certeza que cuidarão bem deles.

eu empresto pra gente que eu sei que vai cuidar...mas tipo, amassar um pouquinho a capa... tem até um que tava emprestado, minha prima me devolveu hoje... amassar a capa um pouquinho ou rasgar no canto eu não ligo tanto, mas tipo eu empresto desde que não marque meu livro nem rasgue as páginas. (Entrevistada 2 - I.P.)

I.P. confessa seu amor pelos livros, ao ser questionada sobre seus motivos e suas práticas de leitura:

eu gosto muito de ler, acho que remete a gente a um mundo que não pode viver assim na nossa vida acho que ler leva a gente para lugar que a gente não pode ir. Faz a gente viajar sem sair de casa... frase clichê... (Entrevistada 2 - I.P.)

Após lermos o livro *Os jovens e a Leitura* de Petit (2008), constatamos que muitos jovens possuem a mesma visão de leitura de I.P., que enxergam nos livros um passaporte para diversos lugares, ou como um avião que os conduz às terras distantes, e muitas vezes, mágicas. A leitura permite aos jovens experiências novas, de se abrir para o que está distante, também possibilita o contato com culturas diferentes, o sentimento de pertencimento de diversos grupos, pois, muitas vezes, a juventude traz consigo problemas de sociabilidade, que durante o processo de leitura são relegados a um segundo plano. O jovem se encontra nas páginas: quando emerge no mundo criado pelo autor, é como se vivenciasse a experiência narrada. O jovem leitor é como um camaleão que se modifica a cada história para a qual viaja.

A leitura, na realidade, é uma promessa de não pertencer somente a um pequeno círculo. [...] a leitura permite romper o isolamento pois possibilita o acesso a espaços mais amplos. (PETIT, 2008, p. 96)

Retomando a leitura específica do livro *Depois dos Quinze*, a leitora relatou ter lido a obra há bastante tempo, porque leu o livro emprestado e somente um tempo depois decidiu adquiri-lo. Logo, não lembrava detalhadamente dos textos quando perguntada sobre sua identificação com as crônicas. Inicialmente declarou que a primeira vez que leu não compreendia o universo de Bruna, pois não “tinha vivido nada”, era muito nova e por isso não havia passado pelas situações da autora descritas nos textos.

Ao vasculhar o livro impresso, lembrou-se do texto que mais lhe marcou:

Foi o Meu Primeiro Mês em São Paulo, que ela fala quando ela sai da casa dos pais dela e vai experimentar um mundo novo. Eu sou do interior do Rio de Janeiro, daí eu fico imaginando quando eu crescer, quando eu for fazer faculdade, que eu saia da casa dos meus pais, aí isso me deu inspiração para o que eu quero ser quando for mais velha. (Entrevistada 2 - I.P.)

I.P. ainda frisa que gostou de saber como a autora lidou com a saudade de casa, como ela conseguiu viver longe da mãe em uma cidade grande. Logo, Bruna Vieira ao escrever o livro *Depois dos Quinze*, possui um público alvo amplo, que engloba os jovens curiosos para vivenciarem os tão sonhados 15 anos, bem como os mais velhos, que se caracterizam por um caráter nostálgico.

Na segunda etapa da entrevista, ao ser solicitada a leitura do mesmo texto, *Não é deixar para trás, é viver*, no livro impresso, a leitora se surpreendeu ao perceber que era o mesmo texto do blog. Então, I.P. posicionou o celular ao lado do



livro, intercalando a leitura em busca de semelhanças e diferenças do texto. Ao fim, concluiu que o texto era igual em ambos os suportes.

Perguntada se compraria o livro mesmo sabendo que os textos estão disponíveis gratuitamente no blog em formato de postagem, exclamou: “Com certeza!”. I.P. acredita que os livros são concretizações do trabalho das blogueiras e ao comprá-los se sente mais próxima da autora. E explica a sensação de comprar um trabalho originado na web e que ganha a materialidade de um livro impresso, exemplificando através do lançamento do *Livro do Bem*, de Ariane Freitas e Jéssica Grecco, visto que já era leitora da página na web das meninas e “correu” para comprar o livro impresso.

### c) Entrevistada 3

A terceira entrevistada é A.S., do sexo feminino, de Belo Horizonte (MG), 18 anos e leitora de ambos os suportes. A entrevistada, A.S., conheceu o blog *Depois dos Quinze* quando tinha 13 anos. Com 16 anos comprou os livros de Bruna Vieira. E confessou gostar de ir aos lançamentos dela.

A leitora entrevistada se identifica com a autora e com as crônicas que ela escreve, dando destaque para as temáticas de mudança de cidades e autoestima.

Me identifico bastante com os textos dela, principalmente de mudança de cidade. É os textos dela de adaptação a São Paulo, eu me identifiquei bastante porque eu também morava no interior e eu mudei para Belo Horizonte, e passei pelo processo de adaptação a cidade grande que ela passou. E também me identifico com os textos que ela publicava sobre autoestima, sobre corpo, beleza, eu me identificava bastante e gostava muito, me ajudou bastante a gostar de quem eu sou. (Entrevistada 3 - A.S.)

Ao narrar seu passo-a-passo de acesso ao blog, a leitora declarou que costuma entrar pela página do *Facebook* da autora e do *Depois dos Quinze*, alegando ir até a página conferir se há novidades em relação às postagens recentes. Assim, o acompanhamento da atualização do blog é realizado por meio das redes sociais e das *hashtags* e raramente pelo acesso direto da URL do blog.

Eu vou lá nas redes sociais, quando entro vejo lá o que ela publicou o texto, clico no post dela na rede social e eu vou direto para o blog ler esse texto que ela acabou de publicar. Esse é o jeito que eu uso mais todo dia no blog dela. (Entrevistada 3 - A.S.)

Ao ser solicitada o acesso ao blog, a entrevista narrou seu caminho até o blog, que inicia pela abertura do navegador, com a digitação de “depoisdosquinze.com.br” na URL. A procura pelo texto já no blog se dá por meio das categorias.

Entro no blog e vou na parte de categorias e vou em “textos de amor”. Antes, quando eu era mais nova, geralmente eu lia hashtag “entre amigas”, mas não é ela que escreve, é outra pessoa. (Entrevistada 3 - A.S.)

Depois de uma breve procura do texto *Não é deixar pra trás, é viver*, a entrevistada resolveu modificar seu método de pesquisa, optando por utilizar o recurso de busca do blog. Assim, achou instantaneamente o texto.

Notamos que após achar e começar a realizar a leitura, a leitora apenas realizava o ato de olhar de um lado para o outro, como se estivesse olhando para um pêndulo. Com breves piscadas, com o semblante sereno e discretos movimentos com a cabeça. Esses movimentos dos olhos se dão por meio da estreiteza da fóvea, mencionada no capítulo 2 sobre a leitura em seu aspecto biológico. Segundo Dehaene (2012):

Ao orientar o olhar, nós “escaneamos” o texto lido, com a ajudada parte mais sensível do nosso captor visual, a única capaz de discriminar finamente as letras. Em adendo, não percorremos o texto de forma contínua. Ao contrário, nossos olhos se deslocam em pequenos movimentos discretos, por sacadas. Efetuam-se, na verdade, quatro ou cinco por segundo, a fim de trazer palavras à fóvea. (DEHAENE, 2012, p. 27)

Após a leitura a entrevistada compartilhou suas impressões sobre o texto:

Sobre o que ela escreveu... acho que é exatamente o que eu passo agora nessa idade que eu tenho. E não só eu, acho que várias garotas da minha idade e também um pouco mais novas do que eu... eu já tinha lido ele, não lembro se foi no livro ou no blog mesmo...mas eu também me identifiquei muito quando eu li ele. Eu percebo que não mudou muita coisa, sabe? É como se fosse uma amiga que tivesse me escrito isso, sabe? (Entrevistada 3 - A.S.)

A autora Bruna Vieira é uma celebridade da web, conhecida pelo público jovem feminino, tanto pelo blog como por seus textos na Revista Capricho ou por seus livros publicados pela Editora Gutenberg, mas ao dividir seu cotidiano com inúmeras pessoas em formato de postagens diárias no blog, confere conselhos aos jovens, que muitas vezes não possuem alguém próximo para conversar sobre determinados temas. Bruna é a amiga que compartilha suas histórias e serve de exemplo para muitas jovens.

Enquanto A. S mostrava seu livro, notamos os destaques dados para algumas frases, por meio do ato de sublinhar com canetas coloridas com as frases que mais se identificava.

Eu risquei nele várias coisas que eu gostei muito, várias coisas que eu me identificava e que eu achava legal... e que valia a pena riscar pra não perder...depois fica mais fácil para achar. (Entrevistada 3 - A.S.)

A leitora relatou que o texto do livro que mais se identificou se chama *Meu Primeiro Mês em São Paulo*, no qual a autora conta sobre o período inicial e de sua adaptação ao sair do interior de Minas Gerais para ir residir em São Paulo. O porquê de ter se identificado é referente a ter vivido a mesma história de Bruna, de sair do interior do estado, mas em vez de ir morar em São Paulo, mudou-se para Belo Horizonte.

Ela escreveu nele tudo que ela tava passando na cidade grande, da saudade que ela tinha dos amigos dela, não me lembro muito bem... mas foi logo quando eu tinha me mudado para a cidade grande. E tenho outro texto que eu acho muito interessante que é o meu segundo favorito é *A Alice que existe dentro de você*, ele é muito interessante porque me fez perceber que existe uma Alice dentro de mim, que precisa procurar um coelho, que é um sonho, algo assim... (Entrevistada 3 - A.S.)

Durante a leitura da crônica no livro notamos o manusear da leitora cuidadoso do livro, como se o acariciasse, uma mão segurando a capa e algumas folhas, enquanto a outra mão, ansiosa, folheava as páginas em busca do texto a ser encontrado. Tão logo localiza o texto, sua mão percorre a página como se isso “calçasse” o livro. A.S. compara o texto impresso com o digital. Numa mão a tecnologia representada pelo mouse, na outra o material de 200 folhas impressas e encadernadas em formato de livro. Para o livro impresso, seu polegar direito é o apoio para a página onde se encontra a leitura, enquanto a outra mão repousa sob a outra metade da obra. Os olhos serenos, não tão rápidos como a leitura na tela. Após o término da leitura concluiu:

Notei uma diferença muito grande na pontuação. O texto do livro ele parece que está mais certo, como se fosse corrigido. Ele tá mais certo, a pontuação. E no blog parece que não tá certo a pontuação, mas pelo que eu percebi é a mesma coisa, só a única diferença é a pontuação. No conteúdo tudo igual. (Entrevistada 3 - A.S.)

Mesmo sabendo sobre o fato de os textos do livro estarem dispostos na internet, confessou que compraria o livro da mesma forma. E, ainda, relatou que quando comprou o livro já imaginava que continha alguns textos do blog, uma vez que havia visto algumas meninas comentando sobre isso, mas acabou comprando, pois a autora declarou que havia textos inéditos.

Eu achei que valia a pena ler esses textos inéditos e mesmo assim eu acho muito bom a gente ter todos os textos impressos, mesmo tendo no blog. E eu acho que vale a pena comprar o livro mesmo estando no blog. A gente acaba lendo de novo e a gente pode grifar e guardar para sempre. No blog sei lá, vá que deletam. Pelo menos no livro a gente vai ter pra sempre com a gente. (Entrevistada 3 - A.S.)

A leitora ainda se manifestou curiosa sobre os profissionais encarregados de revisar os livros, manifestando interesse no curso de Produção Editorial. Além disso, perguntou sobre os blogs que se tornam livros impressos e questionou a pesquisadora sobre como ela poderia fazer para publicar um livro do seu pequeno blog em uma grande editora. Além disso, fez referência e sugeriu a leitura do livro de Ique Carvalho, que também possui um livro impresso com originais de seu blog.

#### 4.4 Análise geral

Nesta subseção, a partir das respostas obtidas por meio do questionário online e das entrevistas por *Skype*, podemos relacionar algumas questões pertinentes ao tema de nossa pesquisa: o leitor e a narrativa em dois suportes.

Apesar de uma única leitora ter dito ler somente o livro impresso, temos 29 pessoas respondentes que leram o livro e o blog, enquanto 11 leram somente o blog. Isso reflete a hegemonia ainda vigente da cultura do livro impresso. Quando perguntados sobre qual o suporte teve acesso primeiro, cinco leitores de ambos os suportes responderam terem lido o impresso e depois terem procurado o blog, ao passo que 24 leitores acessaram primeiramente o blog e após isso buscaram o livro impresso. É possível alegar que a venda do livro impresso obteve grande número de tiragens, por ter um público cativo na web, que desejava a materialidade do livro impresso da blogueira que acompanhavam.

Ainda é pauta na conversa do mercado editorial a questão referente ao fim do livro impresso. Por meio de nossa coleta de dados, constatamos que esses jovens entrevistados ainda veem o impresso como suporte protagonista para abrigar os textos. É a geração Z nos contando sua intimidade com o impresso e com o ambiente digital. E a primeira conclusão a que podemos chegar é que ambos os suportes podem coexistir, pelo menos, se depender desses jovens que ainda são instigados pelas folhas de papel e por um livro bem editado.

Dos respondentes, somente uma leitora alegou ter menos de 10 livros, desmistificando a proposição de algumas pesquisas de mercado e de alguns artigos de jornais de que os jovens não possuem o hábito de ler. E 43% dos respondentes diz ter mais de 21 livros em casa. No que concerne à apropriação do livro, 11 pessoas não o rasuram, oito leitores colam post it, cinco riscam com lápis, três com marcador de textos, uma leitora usa apenas o marcador de página e outra prefere

anotar em um caderno ao invés de riscar na obra. A partir desses dados, constatamos que a cultura do livro impresso é ainda pujante.

O blog caracteriza as formas de comunicação vigentes em nossa cultura da convergência. A web 2.0 propicia às pessoas demonstrarem suas habilidades — no caso de Bruna Vieira, a habilidade da escrita. E propõem uma divulgação mais igualitária, se o autor/ produtor de conteúdo souber como usar suas ferramentas, além de permitir ao leitor encontrar o que deseja ler, tendo o gosto e a preferência por conteúdos como guias. Enquanto a cultura de massa é calcada na informação para muitos, a web atende a demanda singular de cada indivíduo.

Com essa nova disposição de conteúdos, com a nova forma de produzir e distribuir se instauram distintas práticas de leitura. O leitor do digital realiza uma leitura diferente do leitor do impresso, ou o leitor que lê em ambos os suportes, realiza de um modo distinto cada leitura.

Encontramos em Leão (2005) reflexões sobre os leitores do ciberespaço, que os compreende como portadores de uma função capital que proporciona sentido à escrita do autor, pois sem esse agente de leitura o texto seria reduzido à mera potencialidade. Além disso, utiliza três tipologias de conceitos de leitura, sendo elas: leitura linear, na qual se lê o texto do começo ao fim; leitura em busca de uma informação específica; leitura *browse*, que são olhares rápidos sobre o texto, observando alguns tópicos. A leitura no digital geralmente é algo fragmentado, uma leitura “em blocos”. Ao mesmo tempo em que o leitor realiza a leitura de um texto em determinado site ou blog, divide sua atenção com diversas informações do ciberespaço. Muitas vezes, a leitura de um texto ocorre enquanto há outras “abas” do navegador abertas. E o leitor se permite zapear por elas, como quem muda de canal a cada intervalo. O leitor lê um bloco de informação e navega por outros sites.

No entanto, essa pesquisa empírica nos fez compreender que não há um perfil homogêneo de leitor. Cada pessoa é singular, principalmente no que tange à sua navegação e à sua leitura. É o total das suas escolhas, dos seus caminhos para encontrar um texto, o modo como o encara que o particulariza. Há quem leia de modo fragmentado no ciberespaço, assim como há o leitor que ainda carrega consigo o costume, do livro impresso, de ler o texto como um todo de uma única vez. A leitura dos textos no blog *Depois dos Quinze* é em sua maioria uma leitura inteira, pois os leitores leem todas as informações de uma única vez, conforme afirmam os 64% dos leitores do blog e 93% dos leitores dos dois suportes. O

percentual menor de uma leitura extensiva e linear por parte dos leitores somente do blog se dá pelo fato de ser o típico perfil do leitor imersivo, enquanto o leitor de ambos os suportes ainda carrega a prática de leitura e de contemplação do impresso.

O acesso aos textos do blog ocorre por meio das categorias, conforme as respostas de seis leitores somente do blog. Enquanto quem leu os dois suportes, mais especificamente 46% dos respondentes, diz acessar por meio dos links divulgados pela autora nas redes sociais, tanto da página dela no *Facebook* quanto do blog.

O modo de apropriação das crônicas dispostas no blog por parte dos leitores somente do blog se dá por meio do compartilhamento em redes sociais, de acordo com seis leitores. Outros dois leitores do blog apenas salvam em um arquivo no próprio computador as citações favoritas. Com relação ao leitor de ambos os suportes, nove deles não salvam e não publicam o texto nem citações, quatro dos leitores recorrem a cadernos e diários como forma de guardar os textos prediletos. Assim, notamos que o leitor que teve o contato com o livro impresso, tem mais apego à materialidade da obra, e, além disso, deseja guardar uma memória visual e palpável em uma folha de caderno.

Referente ao ano de início da leitura do blog, 40% dos leitores somente do blog começaram a acompanhar o *Depois dos Quinze* em 2014, talvez pelo fato da autora ter tido mais visibilidade na mídia, participando de alguns programas de televisão, enquanto os leitores dos dois formatos acompanham há mais tempo a autora — 38% dos respondentes acompanham desde 2013 e 35% desde 2012 (ano de lançamento do livro).

Em relação à aquisição do livro impresso, 69% dos leitores de ambos os suportes compraram a obra, provando que o leitor é também um consumidor, que anseia por ter o livro em sua estante, para poder lê-lo a qualquer instante, ou seja, a materialidade do livro reflete no desejo de comprar, pois como foi explanado anteriormente, seis pessoas adquiriram o livro pela capa e nove devido ao texto (aqui compreendermos o texto referente à escrita e também englobamos a diagramação arejada e os recursos gráficos). Desses leitores, 15 respondentes compraram o livro no ano de 2014, provando que o livro *Depois dos Quinze* se enquadra na classificação de vendas cauda longa.

A venda do livro *Depois dos Quinze* impulsionou e ainda impulsiona a venda dos outros títulos de Bruna Vieira. Dos 29 entrevistados que leram ambos os suportes e mais a entrevistada que leu somente o livro impresso, 25 pessoas leram os outros livros da autora, muitas vezes porque compraram kits em livrarias, ou porque leram o primeiro livro e procuraram as outras obras da autora.

Desde a transição do manuscrito para o códice, é notável o apego de quem lê com o objeto, com o suporte do texto. O livro impresso é objeto de desejo, assim, muitos leitores anseiam ter uma estante para exibi-los, para agrupar os conhecimentos, para mostrar aos visitantes da casa, como confessava Alberto Manguel, em seu livro *Uma História da Leitura*.

O fato de 72% dos respondentes terem ouvido a *playlist* sugerida pela autora enquanto liam o blog ou o livro impresso reforça a ideia de que novos hábitos e novas práticas de leitura estão se instaurando, mesmo que paulatinamente. É como se a música complementasse os textos lidos, servindo como trilha sonora para o destrichar da imaginação e para produção de sentidos dos escritos. Conforme, a segunda edição da pesquisa *Retratos da Leitura*, realizada pelo Instituto Pró-livro no ano de 2008, 9% dos jovens de 14 a 17 anos leem ouvindo música, enquanto os leitores mais velhos preferem realizar a leitura em ambientes mais silenciosos.

Ainda segundo a pesquisa *Retratos da Leitura*, 86% dos leitores leem em casa e 35% na sala de aula. Em nossa pesquisa empírica, a partir do questionário online, obtivemos as seguintes porcentagens: 69% das pessoas leem no quarto, 4% leem na sala de estar, 4% leem na escola e 23% leem em qualquer lugar. Assim, é possível concluir que o ambiente preferido dos leitores ainda é em casa.

Por meio das entrevistas por *Skype* compreendemos a singularidade de cada leitora entrevistada, o quanto a trajetória de vida e a cultura influenciam no modo de ler e de se apropriar dos textos, tanto do blog quanto do livro. A identificação com os textos parte das coisas já vividas por elas e que são narradas nas crônicas, bem como situações que ainda passam ou passarão futuramente. A idade é um dos fatores que move o desejo pela leitura, pois sabem que no livro *Depois dos Quinze* encontram os textos voltados para a faixa etária que pertencem.

Portanto, é possível notar alguns fluxos de identificação, temos a leitura que desperta regiões adormecidas, como menciona Michéle Petit, a leitura que é inerente ao leitor quando retrata a sua vida e a leitura que lhe oferece a vida que sonha em ter. Além disso, a leitura permeia os campos emocionais e sociais: o leitor

faz do autor e dos personagens amigos. Para as meninas entrevistadas por *Skype*, Bruna Vieira, foi vista como autora, mas também como uma amiga que dá bons conselhos e compartilha histórias.



## CONCLUSÃO

---

Com as mudanças da cultura da convergência que permeia a sociedade, surgiram modificações também no ramo editorial, como é o caso dos livros impressos originados a partir de blogs. A web modifica constantemente o ato de consumir e interfere também nas práticas de edição e de leitura. Assim, é engendrado um novo ciclo de edição do livro impresso, quando os originais são capturados do espaço virtual.

Os blogs são os descendentes dos diários de bordo e dos diários íntimos, mas com o passar do tempo houve a inversão de alguns valores relacionados à privacidade e a tornar algo público. Levando em conta o caráter íntimo do diário, o que antes era escrito e escondido era regado de privacidade e, assim, a subjetividade ficava resguardada. Enquanto, nos dias atuais, temos a exposição da subjetividade, ainda em tom confessional, com milhares de pessoas postando em seus blogs e em suas redes sociais, a prática cultural é executada da mesma forma: o escrever de si mesmo, a busca constante pelo autoconhecimento, mas compartilhado com inúmeros indivíduos. Então, é possível perceber que essa prática cultural continua, no entanto, seu sentido mudou. A produção desses textos confessionais mantém alguns ideais semelhantes, mas o modo, o suporte e o público-alvo que os recebem mudaram.

Com essa pesquisa buscamos compreender o leitor e a narrativa em dois meios distintos, mais especificamente, as práticas de leitura de uma narrativa do blog e do livro impresso *Depois dos Quinze*, da autora Bruna Vieira. Ao longo dessa pesquisa compreendemos as práticas de leitura como apropriações do livro por parte dos leitores durante o ato de ler, desde o folhear das páginas da obra impressa até os caminhos escolhidos pelo leitor para encontrar os textos em um blog.

Primeiramente, inferimos os paratextos editoriais que organizam a leitura, tanto no livro impresso, quanto no blog, levando em conta os elementos da arquitetura da informação, como forma de guia para a leitura. Posteriormente, buscamos compreender a tríade de agentes que regem a narrativa em dois suportes, sendo ela formada pela autora, pela editora e pelos leitores.

Tentamos compreender o estudo de caso do blog e do livro impresso *Depois dos Quinze* por diferentes olhares teóricos e tipologias pré-estabelecidas, mas ao decorrer do trabalho notamos que nenhuma tipologia abordada ao longo do texto

compreende totalmente a questão das práticas de leitura e do próprio perfil do leitor da obra em questão. No entanto, a soma dessas teorias e desses tipos de leitores nos possibilitou entender por perspectivas variadas o ato de ler e perceber o leitor enquanto ser singular e que, ao mesmo tempo, também se encaixa em diferentes tipologias.

A partir da metodologia apresentada, constatamos, por meio da entrevista via *Skype*, que os leitores possuem uma relação de afeto com o objeto e que comprariam o livro mesmo ao saber que todo conteúdo é disponibilizado gratuitamente, porque gostam de ter o livro em mãos e também em suas estantes, fato esse que foi ressaltado pela editora Alessandra Ruiz ao revelar o porquê de publicar as crônicas do blog. Segundo a editora, uma vez que os textos encontram-se no suporte do livro impresso, esses leitores não precisam procurar as postagens literárias no blog, que se encontram diluídas, enquanto no livro impresso o leitor dispõe de uma unidade e da organização dos textos para sua melhor leitura.

Inicialmente, tínhamos como hipótese que as pessoas compravam o livro *Depois dos Quinze* após a leitura do blog ou após conhecerem a autora Bruna Vieira, mas, através do questionário, descobrimos que a leitura ocorria pelos dois caminhos, pois existiam leitores que primeiramente compraram o livro e posteriormente começaram a acompanhar o blog da autora, assim como, por outro lado, haviam leitores que previamente liam o blog e depois adquiriram o livro impresso.

O afeto é uma das questões que refletem o ato da leitura dos jovens entrevistados por *Skype*: nele notamos o toque, o modo cuidadoso de segurar o livro impresso. O leitor do livro impresso, enquanto ser biológico, recorre a outros sentidos além da visão, encontra no tato e no olfato uma forma de incremento e de aprofundamento da leitura ao estabelecer uma íntima relação com o objeto. Além disso, percebemos que a obra impressa desperta sentimentos no leitor que a possui, por meio da própria edição e da representação que os textos lhe conferem.

Em relação às práticas de leitura, notamos que a leitura das postagens não é sempre fragmentada, como sugerem autores como Melot (2012) e Chartier (2014). Apesar de estar na web, a crônica possui uma linearidade e faz com que o leitor se atenha a narrativa para saber seu desfecho. Talvez um dos elementos que também faça com que o leitor disponha de uma leitura contínua em um ambiente digital, seja

a identificação das leitoras com as vivências que Bruna Vieira relata em seus textos, ou o hábito de ler no impresso ainda enraizado nos leitores de ambos os suportes.

Por outro lado, a leitura do livro impresso *Depois dos Quinze* é disposta por meio de aparatos que remetem a web, seja pelo uso de *QR Code*, pelo uso de um texto direto da autora para o leitor com o pedido de usar *tags* para a divulgação do livro, como se fosse uma postagem em rede social, ou até mesmo pelo conteúdo que as crônicas carregam, sendo escritas em uma linguagem destinada para pessoas que estão familiarizadas, ao menos um pouco, com a linguagem que permeia a web.

Por causa da mescla de conteúdos, da hibridez das linguagens e da convergência das mídias, emerge um novo tipo de leitor, o leitor espectador e internauta, como no caso dos leitores do *Depois dos Quinze*, que leem o livro impresso, acompanham o blog e assistem ao *vlog*.

Por fim, essa pesquisa não serviu somente para compreender as práticas de leitura de leitores de uma mesma narrativa em dois suportes, ela nos fez perceber que existem jovens leitores, o que contraria algumas pesquisas de mercado. O jovem leitor está em franca ascensão, sendo um consumidor potencial. Ele é um agente ativo e deseja consumir narrativas que se aproximem do seu cotidiano ou que lhes envolvam em fantasia. O jovem quer ler, seja um blog ou um livro impresso.

E para a finalização desse trabalho podemos nos basear em Petit (2008) e Goldin (2012) para tentarmos criar uma metáfora para o ato de ler: a leitura pode ser como uma voz familiar em uma contação de história, bem como pode tornar-se um filme rodado pelas películas do nosso imaginário, com base em um roteiro escrito por algum autor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALMEIDA, Pedro. Como salvar o mercado editorial: sobre os fomentos para a formação de mais leitores, **PublishNews**, São Paulo, 30 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/07/30/como-salvar-o-mercado-editorial-sobre-os-fomentos-para-a-formao-de-mais-leitores>> . Acesso em: 01 nov. 2015.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do Livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

AILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**.– São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo :Instituto Pró-Livro, 2012.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BAIRON, Sergio. **O que é Hipermidia?**.São Paulo: Brasiliense, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BRAGA, Adriana A.; GASTALDO, E. . Variações sobre o uso do Skype na pesquisa empírica em comunicação. **Contracampo (UFF)**, v. 24, p. 4-18, 2012.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do autor ao navegador. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

\_\_\_\_\_. **Práticas da Leitura**. 5 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. O livro e seus poderes (séculos XV e XVIII). In: COUTINHO, Eduardo; GONÇALVES, Márcio (org). **Letra Impressa: comunicação, cultura e sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 15– 52.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**. Brasília: EdUnb, 1999.

CEREJA, William; MAGALHÃES, Thereza. **Português: linguagens**. São Paulo: Atual, 1998.

COSTA, Juremir. **O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na Moral do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

COZER, Raquel. Literatura juvenil ganha subdivisões e alimenta discussão sobre perfis dos leitores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1385277-literatura-juvenil-ganha-subdivisoes-e-alimenta-discussao-sobre-perfis-dos-leitores.shtml>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

DARNTON, Robert. **A questão dos Livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEHAENE, Stanislas. **Neurônios da Leitura**. Porto Alegre: Penso, 2012.

DEPOIS dos quinze. Blog. Disponível em <<http://www.depoisdosquinze.com>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In.: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para a web**. Texas: Centro Knight for Journalism in the Americas, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GOLDIN, Daniel. **Os dias eos livros**: divagações sobre a hospitalidade da leitura. São Paulo: Pulo do gato, 2012.

GONÇALVES, Márcio. O que aprender com os livros? In: COUTINHO, Eduardo; GONÇALVES, Márcio (org). **Letra Impressa: comunicação, cultura e sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 83 – 104.

GONÇALVES, Márcio; GUIMARÃES, Thayz. Um Livro pra Chamar de Meu: Afeto e Materialidade. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...**Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1745-1.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

GROPPO, L.A. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**. Revista de Educação Cogeime, v.13, n.25, p. 9-22, 2004.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. 2 v. São Paulo: Editora 34,1999.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MELOT, Michel. **Livro**,. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012

NASCIMENTO, Geysa.; NASCIMENTO NETO, Gustavo; DIAS, Guilherme. Arquitetura de informação em blogs: estudo do Blog ExtraLibris sob a abordagem dos modos de busca da informação. Lima: **Biblios**, v. 20, n.32, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/pdf/biblios/n32/aO3n32.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2015.

NEGÓCIO DO LIVRO, O. Seminário. Clube dos editores do RS/Goethe-Institut (org.). Porto Alegre, 19 de junho de 2015. Gravação em produção na Editora Experimental PE.com do Curso de Comunicação Social-Produção editorial UFSM, Santa Maria.

NIELSEN, Jakob; LORANGER, Hoa. **Usabilidade na Web**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. Pesquisa de opinião. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 164-179.

PETIT, Michèle Petit. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed.34, 2008.

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – Intercom **Anais...** Natal, 2008.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. São Paulo: Globo, 2012.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.

SARMENTO, Leila; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática e produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2007.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Olga; MARTHA, Alice. **A interação na leitura em blogs e sua mediação na formação de jovens leitores.** [Ebook]. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/5/OlgaOSilva.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS; CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro. São Paulo. Disponível em: <<http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

SHIRKY, Clay. **A cultura da Participação.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura de mercado.** São Paulo: Ática, 1988.

STERN, Susannah R; WILLIS, Taylor J. O que os adolescentes estão querendo on-line? In: MAZZARELLA, Sharon R. et al. **Os jovens e a mídia.** Trad. Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VIEIRA, Bruna. **Bruna Vieira, do Depois dos Quinze, conta detalhes sobre seu primeiro livro e mais.** Entrevista concedida a Jefferson Souza. São Paulo: Revista Capricho, 2012. Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/famosos/bruna-vieira-depois-quinze-conta-detalhes-seu-primeiro-livro-mais-718866.shtml>. Acesso em: 01 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **A trajetória de sucesso de Bruna Vieira, do blog Depois dos Quinze!** Entrevista concedida a Christiane Silva Pinto. São Paulo: Revista Capricho, 2012. Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/awards/2012/bruna-vieira-blog-depois-quinze-726115.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Depois dos quinze: quando tudo começou a mudar.** São Paulo: Editora Gutenberg, 2012.

\_\_\_\_\_. Guia da Primeira Tatuagem. **Depois dos Quinze**, São Paulo, 13 out. 2011. Disponível em: <<http://www.depoisdosquinze.com/2011/10/13/guia-da-primeira-tatuagem/>>. Acesso em: 01 nov. 2015

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Tradução Ana Thorell. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.



ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Guia de Leitura para alunos de 1º e 2º graus.** São Paulo: Editora Cortez, 1999.

## APÊNDICE

---

### APÊNDICE A – A linguagem dos textos

O livro impresso *Depois dos Quinze* dispõe da predominância de crônicas, mas abrange contos e até uma poesia. Conforme Sarmento e Tufano (2004, p.170), a crônica representa o registro de algo, de algum fato interessante ou pitoresco do cotidiano, que é um ponto de partida para iniciar o texto e a ideia que propõe. As crônicas podem transmitir críticas, ter algo engraçado ou apenas um texto carrega de lirismo baseado em devaneios. Todas as crônicas de Bruna Vieira baseiam-se no último pressuposto, de escrever algo em tom confessional a partir de fatos, vivências e lembranças do dia-a-dia.

Segundo Cereja e Magalhães (1998, p.29), o narrador pode ser tanto um narrador-personagem, quanto um narrador-observador, dependendo da forma e do ponto de vista que o texto é visto e contado. No caso das crônicas do livro *Depois dos Quinze*, há a predominância do narrador-personagem, por serem textos carregados de subjetividade e de tom confessional, apenas nos contos encontramos o narrador-observador, como por exemplo, no conto “A Roda-gigante”, que pode ser observado no excerto abaixo:

Valentina também estava ansiosa para a exposição. Mas não pelas bebidas ou pelo show, como a maioria dos seus amigos, e sim pelo cheiro de churros quentinhos e pelas infinitas bancadas de doces que enfeitavam e deixavam toda a rua com um ar diferente. (VIEIRA, 2012, p.69)

As temáticas dos textos abarcam o universo jovem, desde relacionamentos, família, conflitos na escola, até temas mais abstratos como viver. Além disso, Bruna se permite até o uso da metalinguagem ao escrever uma crônica sobre o ato da escrita, como nesse exemplo: “Escrever é como abrir gaiolas. Coloco as palavras em ordem, descubro a senha do cadeado, liberto os pássaros. E os sentimentos.” (VIEIRA, 2012, p.100)

No início da World Wide Web víamos o conteúdo ser distribuído na rede, mas de forma que era somente uma transposição da mídia impressa e convencional, era uma fenômeno de escaneamento. Até a Web 2.0 surgir com novos comportamentos, principalmente voltados à criação e a interação em rede. Agora, o conteúdo bom é o conteúdo novo e feito *na* e *para* web. O usuário quer uma linguagem simples e direta, mesmo no caso do *Depois dos Quinze* e de outros blogs. Até em textos

literários, o usuário ou o leitor quer chegar logo ao clímax. Por isso, o constante encontro de parágrafos e frases sucintas na escrita de Bruna Vieira.

Por serem os mesmos textos, o impresso conservou a linguagem do blog, por já ter um público cativo. O uso da internet é algo constitutivo da imagem que Bruna Vieira representa, pois até em seus textos impressos procura utilizar linguagens da web, tais como recurso utilizado no título da crônica “Eu te amo e enter”, “Caixa de entrada” que remete ao ato de usar email, bem como o título “Sentimento salvo com sucesso” fazendo uma analogia ao ato de salvar arquivos no computador.

Bruna ao ser perguntada em entrevistas, conta do seu início de carreira como escritora, no qual via na web um confessionário e um terreno propício para expor suas ideias. Então, o fato da internet ser incorporada em seus textos é algo explicável, principalmente após lermos a crônica *Eu te amo e enter*, no qual ela começa o texto com a seguinte frase: “A internet mudou minha vida. Eu, mais do que ninguém, posso dizer isso.” (VIEIRA, 2012, p. 117). Nessa crônica a autora relata que todos os relacionamentos que teve iniciaram a partir da internet, pois era por meio dela que podia deixar a timidez de lado e falar com quem desejasse sem medo de ser repreendida por outras pessoas. Ainda no mesmo texto, faz referências ao mundo: “O amor virtual não se resume a “um “L” entre parênteses na tela do computador” (VIEIRA, 2012, p. 118).<sup>26</sup>

Na crônica *Sintonia e Amizade* há outro exemplo: “Somente antes, enquanto conversava com uma amiga “de internet”, no MSN (...)” (VIEIRA, 2012, p.123), bem como na crônica *Coisas que ele já deveria saber*, no seguinte excerto: “muito menos o número de seguidores que você tem no Twitter” (VIEIRA, 2012, p.133). Após esses exemplos, podemos notar que o leitor do impresso encontra no papel a linguagem da internet, ou assuntos que envolvem ela. O público para qual o livro foi pensado eram jovens com acesso à internet ou que pelo menos compreendiam o universo que cerca as redes sociais e os programas de mensagem instantânea como o Messenger, pois muitas expressões são compreendidas somente por esse público, tal como a expressão citada anteriormente do exemplo do “L” entre parêntese. O leitor não ambientado com a linguagem das telas teria certa dificuldade de compreender o sentido da frase.

---

<sup>26</sup>Esse fragmento textual faz referência aos *emoticons* em formato de coração, que são pequenas figuras usadas em bate-papos e mensagens instantâneas.

Assim, podemos lembrar, segundo Chartier (2002), que a revolução digital permitiu uma ruptura da ordem do discurso, no qual diferentes tipos de textos e a incorporação de diferentes suportes pelo computador, quebrando a ideia de um tipo de texto específico para determinado veículo de comunicação. Então, se não existe mais uma distinção a partir da materialidade dos suportes, dispomos de uma continuidade e não de uma ruptura, que permeia a mudança na escrita, nos suportes e na recepção dos textos por parte dos leitores.

Assim, quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição. (CHARTIER, 2002, p.23)

Ainda em relação a linguagem do livro impresso (e também das crônicas dispostas no blog), podemos caracterizá-la como breve e concisa, não beira ao extremo coloquialismo, apenas utiliza em breves diálogos, adotando a escrita de algumas gírias e marcas de oralidade, como no exemplo abaixo:

-Sim! Gostei bastante. Quando foi que você começou a ter bom gosto musical, hein?!

- Desde sempre. Fica na sua, tá? (VIEIRA, 2012, p.169)

A concisão das crônicas do livro *Depois dos Quinze* advém da escrita da web, da escrita do blog, que conforme o autor Guillermo Franco (2006), é uma forma de escrever baseada em palavras curtas, conhecidas e precisas, sendo uma necessidade para os textos da web, e que logo se faz necessário para a escrita em outros suportes também, quando o leitor da atualidade dispõe de inúmeras outras informações que precisam ser absorvidas em um curto espaço de tempo.

Como mencionado anteriormente, o livro impresso dispõe de 59 textos e todos eles estão presentes no ambiente digital do blog. A partir disso, analisamos os 14 textos primeiramente dispostos no livro de acordo com a ordem pré-estabelecida e notamos pequenas modificações do texto após a transposição de um suporte para o outro.

Enquanto nas postagens, há o recurso visual da fotografia para ilustrar o texto escrito e captar a atenção do leitor. Na obra impressa, há um caderno do miolo do livro destinado as imagens do acervo da autora.

No livro, há recuo no início dos parágrafos, enquanto nas postagens esse recurso não é utilizado. Nas postagens há espaçamento duplo entre os blocos de textos, para dar a impressão de leitura arejada, já no papel, para evitar desperdício

de matéria prima esses espaços foram negligenciados, pois os textos estão em uma única diagramação.

É possível perceber a importância da preparação dos originais, que deram padrão aos textos ao usar regras para utilização de letras maiúsculas e minúsculas, assim como para a utilização de recursos como o negrito e o itálico, harmonizando a obra impressa.

Em relação à revisão, ao qual o original foi submetido e que resultou em pequenas diferenças entre o texto impresso e o da postagem no blog, tais como: troca de pontuação para dar mais intensidade a declaração; troca de tempo verbal; acréscimo de crase; supressão de vírgulas em demasia; correção de empregos errôneos de pronomes; união de frases curtas; união de parágrafos; hifenização de palavras compostas e reorganização de frases ambíguas. Assim, a revisão deu ao original disposto na web mais precisão e profissionalismo, ao adequar o texto para as normas da língua portuguesa, tanto em quesito de gramática, quanto de sintaxe, permitindo ao leitor uma leitura mais fluída.

A diferença mais importante entre os textos do impresso e dos textos do blog é a possibilidade de atualização das postagens, recurso que não pode ser adota na versão impressa. Em uma das postagens analisadas, encontramos ao final um *update*, no qual a blogueira agradeceu os mais de 100 comentários recebidos. Outro ponto importante é que em alguns textos do livro impresso, houve o acréscimo de pequenos fragmentos textuais em algumas crônicas. E alguns textos tiveram seus títulos modificados, como por exemplo, a postagem intitulada *É isso*, no impresso recebeu o título de *Resumindo*.

## **APÊNDICE B – Entrevista com a editora, Alessandra Ruiz, da Editora Gutenberg**

### **1. Qual o objetivo da editora ao publicar textos de um blog?**

O blog Depois dos Quinze, da Bruna Vieira, tem um conteúdo variado, e as crônicas e textos sobre comportamento são apenas uma parte do conteúdo do blog, mas que atraem uma parcela considerável de leitores, que se identificam com esses textos e ideias da Bruna. Agrupar esses textos em um livro de crônicas resulta em uma obra com uma identidade e característica própria, diferente do blog, cujo efeito em conjunto permite que as leitoras acessem os textos todos de uma só vez, e percebam a unidade que eles têm quando lidos da maneira como foram editados no livro. Os textos no livro ressaltam o lado autoral, de escritora, da Bruna, que depois foi amplificado em seus outros livros, e que no blog está, de certa maneira, "diluído" em outros tipos de texto e postagens que ela também faz, mas que são mais rápidos e curtos, mais próprios para um blog e para a internet. Em resumo, os textos do blog da Bruna tinham todo o potencial para comporem um bom livro de uma boa autora, e se mostraram assim, pelo resultado que obtivemos.

### **2. O livro contém alguns textos que estavam no blog?**

O livro Depois dos Quinze contém textos que estavam no blog de mesmo nome.

### **3. Como são os leitores dessa obra?**

Em geral, são adolescentes e pré-adolescentes, que se identificam com o que a autora expressou e com a maneira como ela expôs as questões tão típicas dessa fase da vida. Além disso, mostra como ela resolveu e lidou com diversos problemas e dificuldades pelos quais os leitores também passam, o que os ajuda também.

### **4. Como começou a relação da editora com a Bruna? Ela enviou o original para a seleção ou houve primeiramente a demanda da editora?**

Houve uma demanda da editora, que conheceu a autora por intermédio de uma professora da Bruna, que tinha conhecidos no Grupo Autêntica, e que apresentou a autora para a editora. O blog da Bruna não era tão popular na época e ela ainda não era colunista da revista Capricho, mas a Editora Gutenberg já se interessou pelos textos e pelos conteúdos dela, por entender que teriam ressonância entre os jovens.

### **5. Você acha que as pessoas que compram o livro são as mesmas pessoas que leem o blog? Ou há um leitor específico somente do livro?**

Entre os leitores de livros da Bruna Vieira há leitores e não leitores de seu blog.

### **6. Houve alguma pesquisa com o público alvo antes da publicação?**

A Editora Gutenberg já conhecia bem o público-alvo antes de publicar a autora Bruna Vieira por causa de sua experiência prévia de publicação com a autora Paula Pimenta, já que os leitores têm um perfil semelhante.

### **7. Você teria uma estimativa do número de vendas?**

As vendas totais dos 4 títulos já publicados pela Bruna Vieira já ultrapassam os 200 mil exemplares vendidos.

**8. Você considera que o livro tem uma venda imediata ou uma venda cauda longa?**

Os livros da Bruna Vieira têm uma venda explosiva no lançamento e permanecem vendendo muito ainda em cauda longa após serem lançados. Ela é uma autora em franca ascensão, e cada novo lançamento impulsiona a venda de seus títulos prévios.

## APÊNDICE C – Entrevista com a autora Bruna Vieira

### Parte 1: O blog

#### 1. Como surgiu a ideia do blog? Em que ano ele foi criado?

O Depois Dos Quinze nasceu sem grandes pretensões. Em 2008 eu era uma adolescente que gostava de internet e queria um espaço pra desabafar. A diferença é que eu levei a sério a brincadeira e me dediquei por bastante tempo. Abri mão de coisas pra fazer dar certo, sabe? Não foi de um dia pro outro que o blog se tornou o que é hoje. O melhor reconhecimento é que aquele que vai crescendo aos pouquinhos. Acho que é o mais verdadeiro também.

#### 2. Quantos acessos por mês o blog recebe? Terias como mandar a fonte da informação e informar a ferramenta que utiliza para fazer esse monitoramento?

O Depois Dos Quinze tem em média 50 mil visitantes diários. Todas as informações estão nesse link <http://www.depoisdosquinze.com/anuncienoblog/>

#### 3. Você iniciou no blogger com postagens somente de cunho literário e hoje seu blog abrange diversos assuntos. Em que época isso começou a mudar?

O blog funcionava como um diário virtual. Eu o acessava pra contar sobre o meu dia e as coisas que estavam acontecendo na minha vida. Com o passar do tempo comecei a me interessar por assuntos como maquiagem, música, moda, fotografia e afins. Naturalmente esses temas acabaram entrando em pauta e transformando o blog em um portal e não só em um blog pessoal.

#### 4. Você acredita que as redes sociais servem como ferramenta para divulgação do seu trabalho como escritora? Se sim, por quê?

Sim. A rede social transforma a maneira que as pessoas se comunicam e, conseqüentemente, consomem livros. Acredito que funciona como um ponte. Um jeito mais simples de atingir, convencer e conquistar seu leitor.

#### 5. As imagens dispostas nas postagens com seus textos literários, que constam no livro Depois dos Quinze, estão em bancos de imagens gratuitos? Possuem copyright ou são suas?

As imagens do livro foram fotografadas por mim ou por conhecidos. Normalmente nas redes sociais e no blog, para ilustrar os posts, uso imagens do Tumblr ou Pinterest.

#### 6. O livro possui no miolo algumas fotografias, como elas foram escolhidas?

Sempre gostei muito de fotografia, então busquei no meu acervo pessoal imagens que fizessem referência aos trechos.

Parte 2: A relação com a Editora Gutenberg



**1- Como surgiu a proposta do livro? Você encaminhou os originais para a editora ou o livro foi feito sob encomenda pela editora Gutenberg?**

Uma professora do ensino médio indicou meu trabalho para a editora. Eles acessaram o meu blog, gostaram do conteúdo e me convidaram para uma reunião. Foi uma grande aposta porque naquela época não existiam muitos blogueiros no mercado editorial. Confesso que me senti a garota mais sortuda do mundo!

**2- Você pode interferir nas escolhas de capa, de tipografia e da disposição do texto?**

Sim! Aliás, sou extremamente detalhista. Gosto de participar de todo o processo. Desde o desenvolvimento da capa até a divulgação. Eles sabem que eu conheço o meu público, afinal de contas trabalho com isso há quase 6 anos, então confiam em mim.

Parte 3: O livro impresso

**1- Seus textos estão publicados em plataformas online e você possui um grande público leitor do seu blog. Devido a esse fato, a editora cogitou a hipótese de um ebook?**

Já falamos sobre isso, mas não é nossa prioridade agora. O blog continua sendo o melhor espaço para a leitora encontrar meus textos, fotos e vídeos.

**2- Como foi o processo de adaptação do texto digital para o impresso? Quais mudanças você realizou nos textos?**

No primeiro livro os textos já estavam prontos. Passei anos escrevendo crônicas, então já sabíamos que as leitoras gostam do meu texto nesse formato. O desafio veio com o convite para escrever o romance. Tive que ler bastante, estudar e ao longo do caminho, minha editora ainda me deu muitas dicas valiosas. Ainda quero fazer cursos para melhorar o texto e escrever outros trabalhos nos próximos anos.

**3- Há textos inéditos no livro? Ou todos foram adaptados do blog para o impresso? Como foi essa seleção de originais?**

Alguns foram reescritos e outros finalizados. A ideia era transformar o blog em um produto e levar o conteúdo para um público ainda maior.

Parte 4: Os leitores

**1- Por que você acha que possui um número tão expressivo de leitores? E como é sua relação com eles?**

Meus leitores me acompanharam por bastante tempo e acho que de certa forma minha vida se transformou em uma história. Recebo relatos diariamente de garotas que se inspiram na minha coragem de sair do interior com 17, no fato de eu acreditar nos meus sonhos mesmo eles parecendo tão distantes. O blog não começou pensando na grana ou na fama. Muito pelo contrário. Eu queria era desabafar e fazer amigos. Acho que isso transparece para o público.

**2- Você possui fãs-clubes em algumas regiões do país, mas qual região você acha que tem maior concentração de leitores dos seus livros?**

Não gosto de falar que tenho fãs-clubes, rs. Isso me parece meio distante e vai contra o que acredito ser o mais interessante no mundo dos blogs: a proximidade. Normalmente no Rio e em São Paulo tenho uma resposta incrível do público, mas não posso esquecer do quanto eles são carinhosos quando faço tour de lançamento por cidades do nordeste.

**3- Você recebe feedback dos seus leitores? Houve alguma pesquisa sobre a recepção do público?**

Sim. Todos os dias. Provavelmente isso é o mais incrível de trabalhar com internet. Você sabe se faz ou não um bom trabalho quando abre seu e-mail ou caixa de comentários. As pessoas querem opinar e participar do conteúdo. É uma delícia porque um dia nunca é igual ao outro e essas mensagens me inspiram quando estou criando meus personagens ou escolhendo as pautas do blog.

**APÊNDICE D – Teste piloto: prós e contras**

<b>Prós</b>	<b>Contras</b>
Maior proximidade com a entrevistada;	Erro no programa Gravador de Tela Pro da Apowersoft, que filmou somente 3 minutos dos 26 minutos de conversa.
A entrevistada se sentiu mais a vontade para responder as questões;	A segunda versão do vídeo ficou sem o áudio da entrevistadora.
A entrevistada concordou em responder novamente as mesmas perguntas;	A segunda gravação não teve um tom mais “natural” da primeira.
Foi possível aprofundar questões do questionário.	Com o nervosismo desencadeado pelo problema técnico, a entrevistadora esqueceu-se de pedir para a entrevistada filmar o ato da leitura, assim não houve o registro do contato da leitora com o livro.

## APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO ONLINE

Nome Completo:\*

Idade:\*

Cidade/Estado:\*

Escolaridade:\*

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação

Assinale a modalidade em que você leu:\*

- Livro e Blog
- Só Blog
- Só Livro

## Livro

Caso você tenha lido o livro, de que forma o encontrou?\*

- Comprou o livro
- Pegou em uma biblioteca
- Pegou emprestado
- Ganhou de presente

Em que ano você leu o livro?\*

- 2012
- 2013
- 2014
- 2015

Se você leu o livro responda: Você lia os textos no blog antes de ler o livro? Com que frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente)?\*

Se você comprou o livro, foi no intuito de ler algo novo escrito pela Bruna ou queria ler o que já havia no blog? O fato de os textos serem semelhantes aos do blog te incomoda?\*

Você marca/rasura seu livro durante a leitura? Com o quê?\*

- Cola post its
- Usa marcadores de texto
- Risca com lápis
- Risca com caneta
- Outros:

Quantos livros impressos você possui na sua estante?\*

O que te atrai em um livro?\*

Capa

Autor

Título

Texto

Outros:

Você tem algum hábito de leitura ou alguma espécie de processo? Se sim, quais são?\*

Onde você lê?\*

No quarto

Na sala

Na escola

Na rua

No trabalho

Outros:

O que você achou da capa e das imagens da parte interna do livro?\*

Você utilizou o QR Code disponível no final do livro? Se sim, o que achou do conteúdo disponibilizado?\*

Você leu os outros livros da Bruna Vieira? Quais?\*

Você possui Skype ou email? Deixe seu contato para futuras entrevistas, por favor.\*

\_\_\_\_\_

## Blog

Como era a sua leitura das postagens do blog?\*

- Lia o texto de uma só vez
- Lia alguns pedaços do texto enquanto via outros sites

Quando você lê no computador, você salva suas frases preferidas em algum arquivo ou posta em algum site ou rede social (Tumblr, Facebook ou Twitter)? Se sim, qual?\*

Você acha que nas postagens literárias da Bruna poderiam ter mais links ou algum atrativo além do texto? O que você sugere?\*

Como você encontra os textos no blog?\*

- Somente lê quando ela posta e divulga em redes sociais (Twitter e Facebook)
- Procura nas categorias do blog
- Procura nas TAGs do blog
- Utiliza o recurso de busca
- Outros:

Desde quando você acompanha o blog?\*

Você possui Skype ou email? Deixe seu contato para futuras entrevistas, por favor.\*

## Blog e Livro

Caso você tenha lido o livro, de que forma o encontrou?\*

- Você comprou o livro
- Pegou em uma biblioteca
- Pegou emprestado
- Ganhou de presente

Em que ano você leu o livro?\*

- 2012
- 2013
- 2014
- 2015

Se você leu o livro responda: Você lia os textos no blog antes de ler o livro? Com que frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente)?\*

Se você comprou o livro, foi no intuito de ler algo novo escrito pela Bruna ou queria ler o que já havia no blog? O fato de os textos serem semelhantes aos do blog te incomoda?\*

Você marca/rasura seu livro durante a leitura? Com o quê?\*

- Cola post its
- Usa marcadores de texto
- Risca com lápis
- Risca com caneta
- Outros:



Quantos livros impressos você possui na sua estante?\*

O que te atrai em um livro?\*

Capa

Autor

Título

Texto

Outros:

Você tem algum hábito de leitura ou alguma espécie de processo? Se sim, quais são?\*

Onde você lê?\*

No quarto

Na sala

Na escola

No trabalho

Na rua

Outros:

O que achou da capa e das imagens da parte interna do livro?\*

Você utilizou o QR Code disponível no final do livro? O que achou do conteúdo disponibilizado?\*

Você leu os outros livros da Bruna Vieira? Quais?\*

O que achou da capa e das imagens da parte interna do livro?\*

Como era a leitura das postagens?\*

- Lía o texto de uma só vez
- Lía alguns pedaços do texto em enquanto via outros sites

Quando você lê no computador, você salva suas frases preferidas em algum arquivo ou posta em algum site ou rede social (Tumblr, Facebook ou Twitter)? Se sim, qual?\*

Você acha que nas postagens literárias da Bruna poderiam ter mais links ou algum atrativo além do texto? O que você sugere?\*

Como você encontra os textos no blog?\*

- Somente lê quando ela posta e divulga em redes sociais (Twitter e Facebook)
- Procura nas categorias do blog
- Procura nas TAGs do blog
- Utiliza o recurso de busca
- Outros:

Desde quando você acompanha o blog?\*

Você escutava música enquanto lia o blog e/ou o livro? A Bruna fez uma playlist, você chegou a ouvir alguma das músicas que ela indicou durante a leitura?\*

- Sim
- Não

Você notou diferenças nos textos publicados no blog e no livro? Se sim, quais diferenças você citaria?\*

Você se identifica com as personagens dos textos? Se sim, por quê?\*

Você possui Skype ou email? Deixe seu contato para futuras entrevistas, por favor. \*

**APÊNDICE F – Lista de livros escritos pela autora Bruna Vieira**

<b>Título</b>	<b>Editora</b>	<b>Gênero Literário</b>	<b>Ano de publicação</b>
Eu não sei nada sobre o amor	Editora Abril	Crônicas	2015
Quando Tudo começou	Editora Nemo	Histórias em Quadrinhos [em parceria com Lu Cafaggi]	2015
Um ano inesquecível	Editora Gutenberg	Contos [em parceria com as autoras: Paula Pimenta, Babi Dewet, Thalita Rebouças ]	2015
De volta aos Sonhos (Série Meu Primeiro Blog)	Editora Gutenberg	Romance	2014
A menina que colecionava borboletas	Editora Gutenberg	Crônicas	2014
De volta aos quinze	Editora Gutenberg	Romance	2013
Depois dos Quinze	Editora Gutenberg	Crônicas e Contos	2012

## ANEXO

### ANEXO A – Arquitetura Da Informação Do Blog

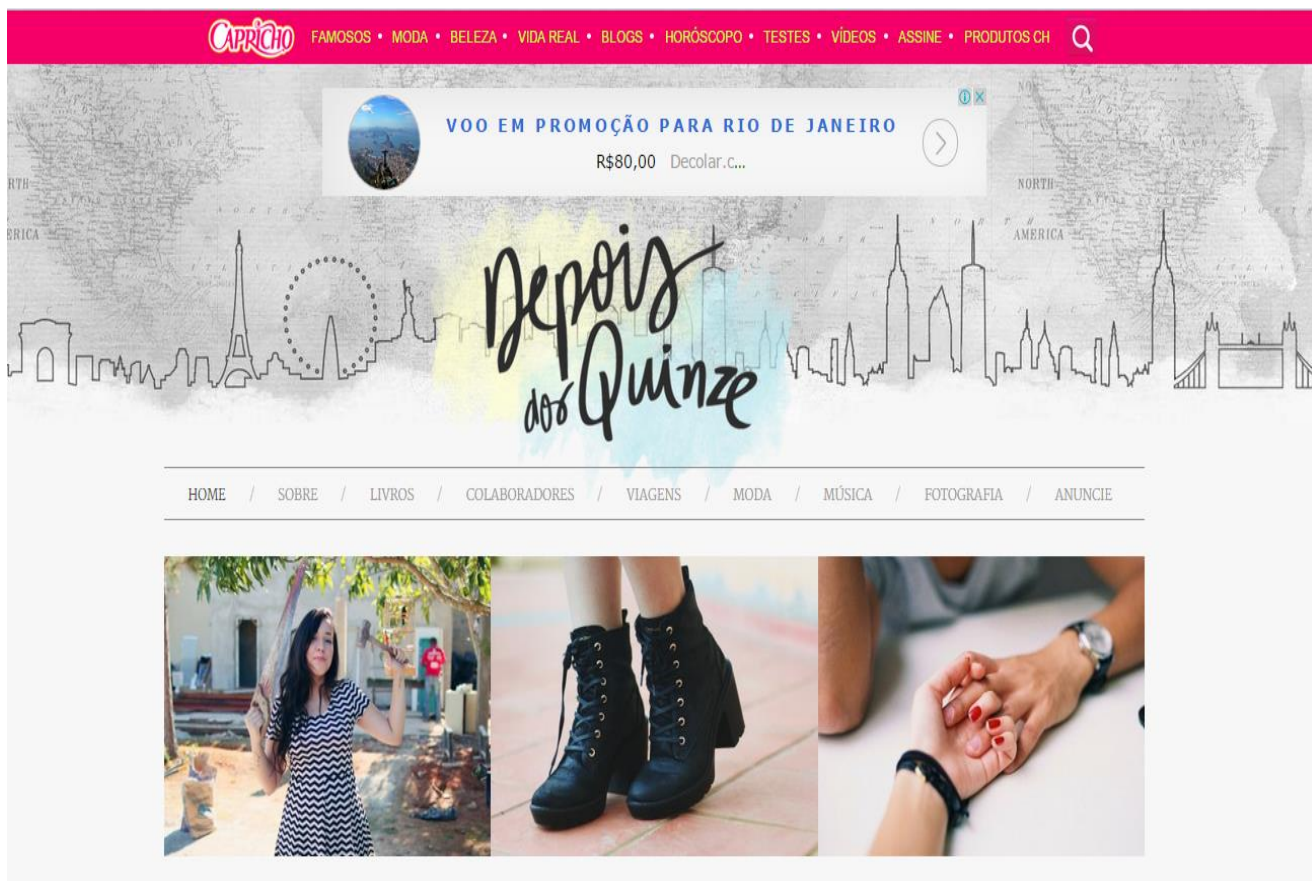


Figura 23 — Início da página

www.depoisdosquinze.com

[Teste seu Francês](#)
[Teste seu Inglês](#)
[Teste seu Italiano](#)

[Teste seu Holandês](#)
[Teste seu Alemão](#)
[Teste outros Idiomas](#)

www.babbel.com

13/07 **Video: o que fazer na Avenida Paulista**



O que fazer na Avenida Paulista | Bruna Vieira

A **Avenida Paulista** é um dos meus lugares preferidos aqui em São Paulo. No meu primeiro ano na capital tive a sorte de morar bem naquela região e como sempre estava passeando por ali nos finais de semana, conheci alguns endereços incríveis que gostaria muito de compartilhar com vocês.

Normalmente posto sobre cada um deles lá no meu **Instagram**, mas dessa vez decidi fazer um vídeo bem completinho mostrando os lugares e falando porque vocês também devem conhecê-los. Aliás, durante a gravação encontrei com vários leitores **anônimos** que vieram me dar um abraço. Ficarei muito


**Sobre**








Bruna Vieira coleciona sonhos, histórias e viagens ao redor do mundo. Aos vinte anos, a mineira de Leopoldina, interior de Minas Gerais, divide seu tempo entre atualizar esse blog, ouvir música boa no último volume e escrever livros sobre as coisas que acredita. De batom vermelho e um sorriso no rosto a blogueira já recebeu cerca de 130 milhões de acessos desde que criou o espaço em 2008. Graças a escrita superou desilusões amorosas, venceu a timidez e se tornou colunista da Revista Capricho. Quer acompanhar os episódios diários dessa vida que às vezes parece roteiro de filme? É só favoritar o Depois Dos Quinze e seguir nas outras redes sociais. (+)

[f](#)
[t](#)
[i](#)
[v](#)
[t](#)
[g+](#)

Figura 24 — Postagem e sobre a blogueira

 **POR: BRUNA VIEIRA**  
 CATEGORIAS: VÍDEOS  
 TAGS: AMIGAS, FESTA, PIJAMA, YOUTUBERS

[Curtir](#) 1,8 mil
 [Tweeter](#) 25
 [Pin it](#)
[g+](#) 3
 [tumblr](#)

1 COMENTÁRIO

Figura 25 — Final de postagem

4 comentários Classificar por Principais ▾

Publicar também no Facebook
 ▾
Publicar

**DEIXAR UM COMENTÁRIO**

COMENTAR

Figura 26 — Comentários



Figura 27— Youtube e Arquivo





Figura 28 — Categorias e Lojas Parceiras

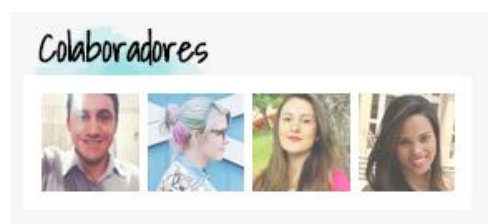



Figura 29— Colaboradores


**LOOK DO DIA**



TAGS

amor bruna vieira como fazer compras  
 concurso conselho crônica decoração fotografia  
 inspiração lançamento link lista livro loja virtual  
 look Música música namoro **Outros**  
 Publicidade quarto relacionamento  
 sentimento sentimentos sorteio Sorteios São  
 Paulo tendência tutorial vestido viagem **Vida** vídeo  
 youtube

WISHLIST




AGENDA

- 📅 02/02 — Evento de Benefic
- 📅 02/02 — Exposição: Estética e Raci
- 📅 02/02 — Convenção do Capote
- 📅 02/02 — Convenção Paulista
- 📅 02/02 — Mídias
- 📅 02/02 — Reunião em Floripa
- 📅 12/02 — Rio de Janeiro
- 📅 12/02 — Aniversário do Pedro

DEPOIS DOS QUINZE  
 ALL RIGHTS RESERVED 2008/2014 ©  
 DESENVOLVIMENTO: PAULA BUZZO

Online 589



015/03/24/calca-preta-cos-alto/

Figura 30 — Final da página



## ANEXO B – Paratextos Editoriais do Livro Depois Dos Quinze



Figura 31 — Capa e contracapa



"Através da escrita, eu me livro e me lembro do que já não me serve. Do que ficou, do que não foi e do que ainda pode ser."

Bruna Vieira, em seu livro de estreia, nos ensina com a própria experiência. Nas primeiras páginas ela conta que foram as suas vivências, expectativas e decepções afetivas que fizeram com que ela encontrasse na escrita um refúgio, e a partir daí ela nos conduz a uma viagem emocional ao longo das páginas. Pouco a pouco, nos pegamos imaginando, desejando saber além daquelas linhas, juntando todos os textos como uma espécie de quebra-cabeça que nos instiga a descobrir o que acontece depois de cada ponto final.

Com uma sensibilidade única, Bruna não só expõe os próprios sentimentos como também nos leva a refletir. É impossível não se identificar com as situações que ela narra. E é por tudo isso que *Depois dos quinze* é um daqueles livros que não conseguimos largar antes de terminar. Só temos que agradecer aos "inspiradores" da Bruna por terem feito com que ela descobrisse sua veia de escritora. Porque, acima de tudo, ela nos mostra que mesmo que nada dê certo, mesmo que tudo pareça perdido, sempre há um novo amanhecer. E que neste mundo cheio de príncipes e sapos, somos nós mesmas que podemos nos salvar.

PAULA PIMENTA  
Autora das séries  
*Fazendo meu filme*  
e *Minha vida*  
*fora de série.*



Nascida em 1994, na cidade de Leopoldina, interior de Minas Gerais, Bruna Vieira é blogueira, escritora e, talvez, futura cineasta. Terminou o ensino médio como técnica em informática industrial e, dois meses depois, mudou-se para São Paulo para realizar seus maiores sonhos.

Tudo começou quando, aos 15 anos, criou um blog para desabafar e fugir da realidade. O que aquela adolescente tímida e insegura não esperava é que essa simples página na internet mudaria completamente sua própria realidade. Hoje, quase quatro anos depois, o *DEPOIS DOS QUINZE* já recebeu cerca de 8 milhões de visitantes. Nas redes sociais, em seus perfis e páginas, Bruna ultrapassa o número de 400 mil assinantes.



Figura 32 — Orelhas do livro

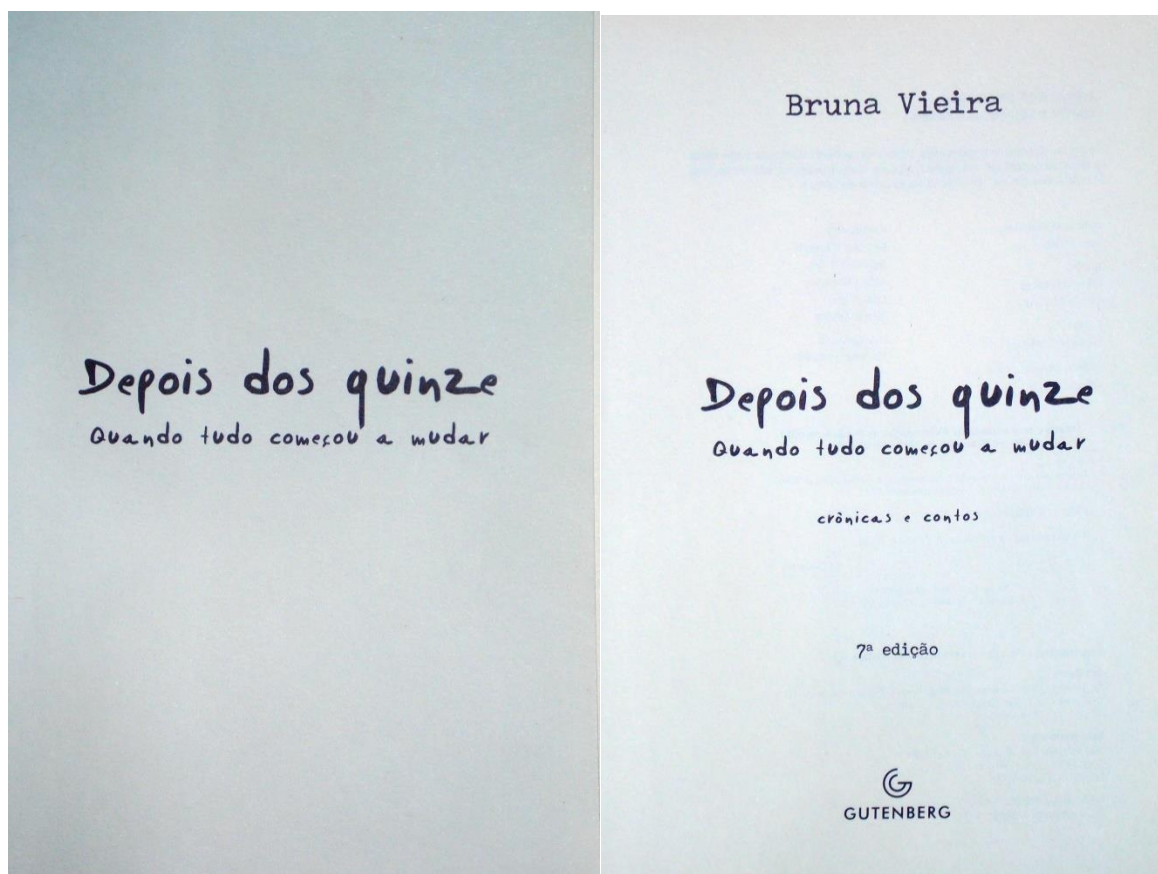


Figura 33 — Falsa folha de rosto e folha de rosto



Copyright © 2012 Bruna Vieira  
Copyright © 2012 Editora Gutenberg

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

*Rejane Dias*

REVISÃO

*Eduardo Soares*

*Cecília Martins*

ILUSTRAÇÃO

*Giovana Medeiros*

PROJETO GRÁFICO E CAPA

*Diogo Droschi*

FOTOGRAFIAS

*Marcelo Werneck*

*José Luiz Zorzan*

*Mari Milanezi*

*Luzia Vieira*

*Jamila Tanaka*

DIAGRAMAÇÃO

*Christiane Moraes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vieira, Bruna

Depois dos quinze : quando tudo começou a mudar / Bruna Vieira.  
-- 7 ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014.

ISBN 978-85-8235-013-3


1. Literatura juvenil 2. Crônicas 3. Contos I. Título.

12-12774

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA 

**São Paulo**

Av. Paulista, 2073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301  
Cerqueira César . São Paulo . SP . 01311-940  
Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários  
30140-071 . Belo Horizonte . MG  
Tel.: (55 31) 3214 5700

Televentas: 0800 283 13 22  
www.editoragutenberg.com.br

Figura 34 — Folha de créditos e ficha catalográfica

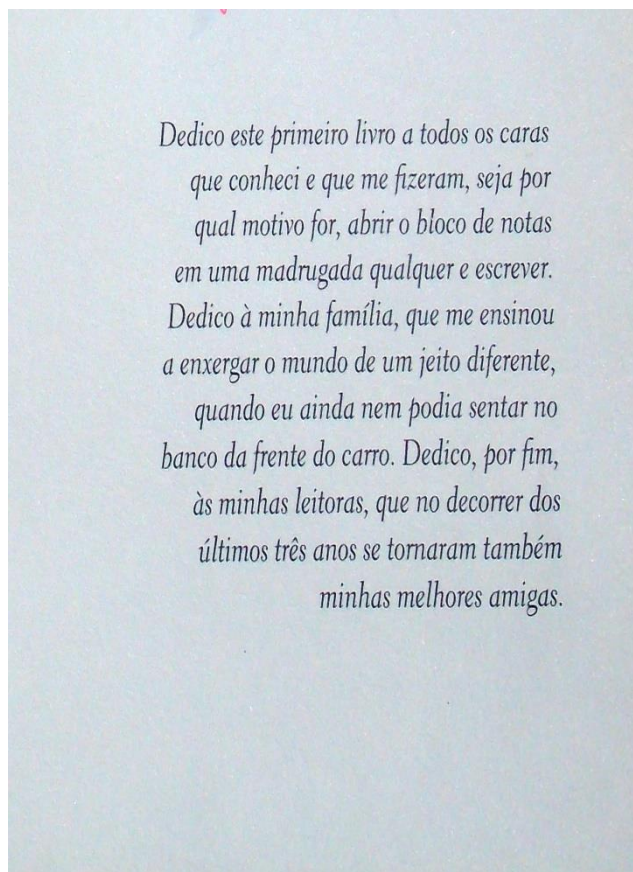


Figura 35 — Dedicatória

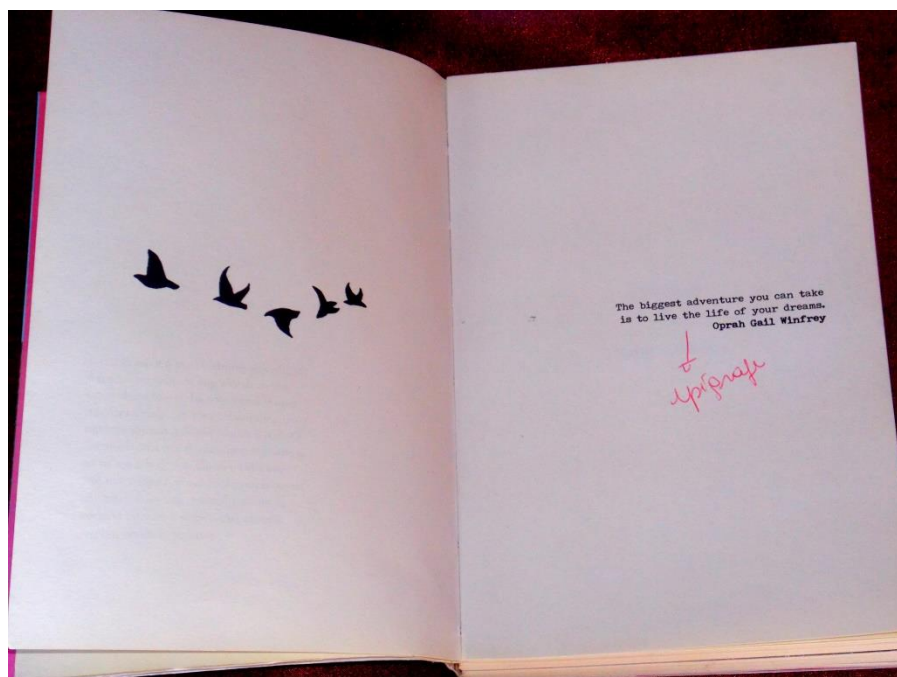


Figura 36 — Epígrafe

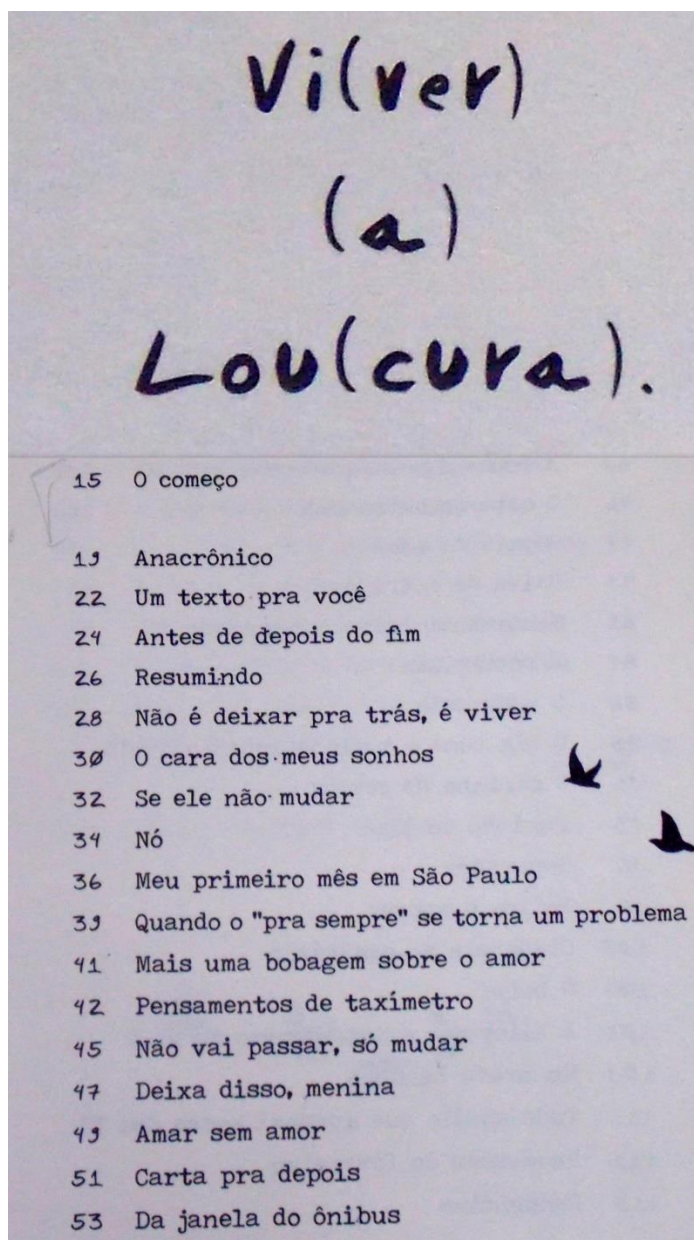


Figura 37 — Página vi(ver) (a) lou(cura) e primeira página do sumário



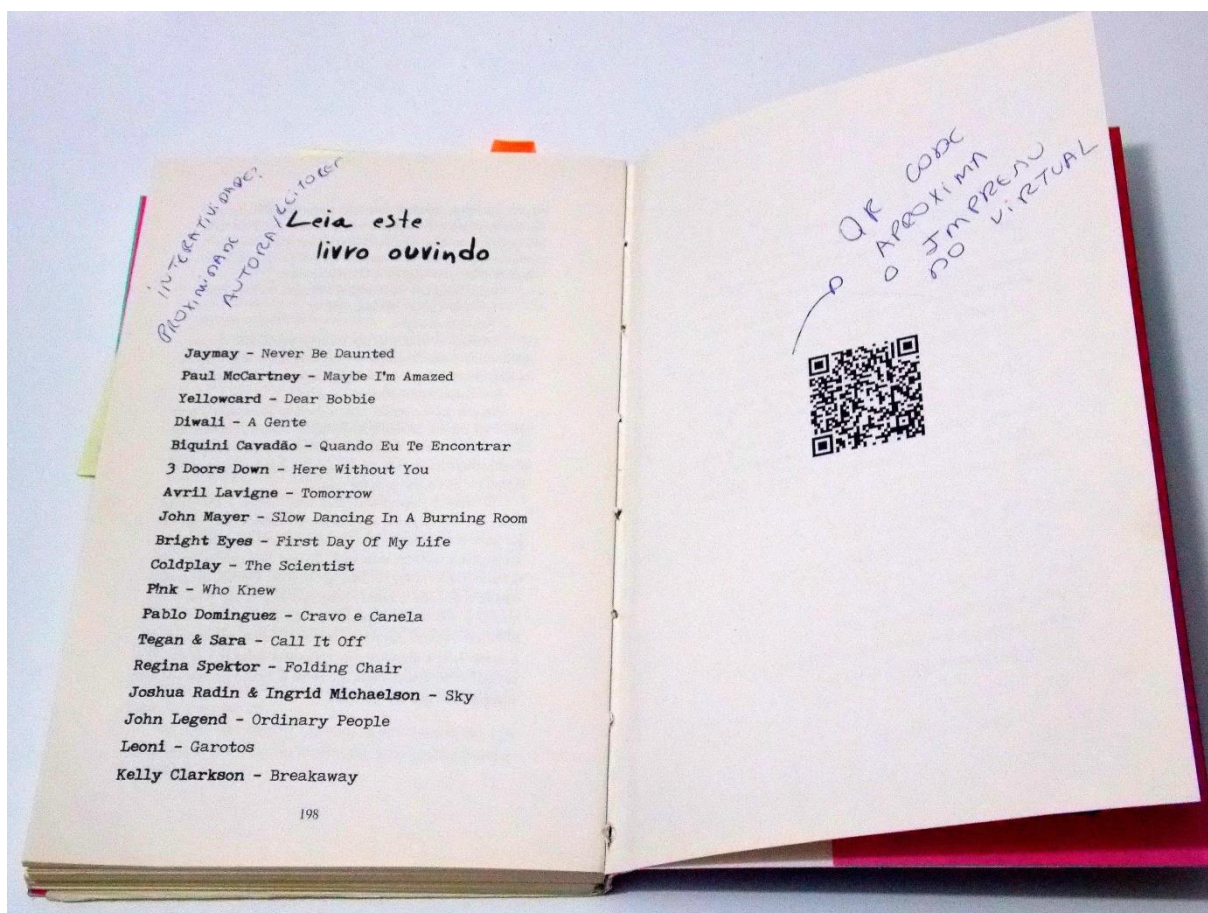


Figura 38 — Playlist e QR Code

Se tem uma coisa que aprendi com o tempo é que o fim, às vezes, é só mais um motivo para a gente começar de novo. Neste caso, um motivo para fazer com que os outros comecem também. Aonde quero chegar? Que tal contar o que você achou dos meus textos nas redes sociais? Use a hashtag #livrodepoisdosquinze para dar sua opinião, encontrar a de outros leitores ou simplesmente compartilhar seus trechos preferidos do livro. Ah, e se você tiver um blog ou tumblr, pode fazer uma resenha especial mais detalhada. Faço questão de ler todas. Acreditem, a opinião de vocês é sempre muito importante para mim! :-)

É isso. Até o próximo livro.  
Com carinho, **Bruna Vieira.**

[www.depoisdosquinze.com](http://www.depoisdosquinze.com)  
[www.facebook.com/depoisdosquinze](http://www.facebook.com/depoisdosquinze)  
[www.twitter.com/brunavieira](http://www.twitter.com/brunavieira)



**ANEXO C – Crônica *Não é deixar pra trás, é viver!*, publicada no blog *Depois dos Quinze***

A gente tem mania de dividir tudo em passado, presente e futuro. Mas, e se por algum motivo não fosse mais assim? Se a contagem de tempo simplesmente parasse de acontecer. Se o que você lembra e o que você consegue imaginar não estivessem mais tão longe. Parece loucura? Talvez até seja. Mas é pensando assim que tenho levado os dias dos dois últimos meses na minha vida.

Comecei riscando a palavra perder do meu dicionário. Fica mais fácil fazer quando finalmente entendemos o real motivo da nossa existência. Não estamos aqui pela eternidade, e sim pela aventura de sentir coisas diferentes e inexplicáveis todos os dias. Perder faz parte disso. Talvez seja até o momento mais importante. Quando pra conseguir em frente, precisamos respirar e parar de olhar pra trás e pra frente. Olhar pra dentro.

Comecei a agradecer todos os dias. Não sou religiosa, mas acredito que existe alguma coisa maior do que o pouco que conseguimos entender. Então, seja lá o que ou quem for, obrigada por cada lágrima, sorriso e decepção que me trouxeram até aqui. Tenho certeza que sem aquelas noites sem dormir e textos escritos em vão, eu não teria entendido isso tão cedo.

Dei um tempo de tudo aquilo que me fazia triste. Foram sei lá, duas semanas de introspecção. Entendo como o meu corpo e alma reagiriam a tantas mudanças. Disseram que eu já não era mais a mesma. E eu só conseguia pensar: quanto tempo será que eu precisar pra entender e aceitar isso? Um mês.

Abri a porta do meu coração. Foda-se se isso algum tempo depois me faria parecer (e fez) mais uma garota apaixonada dizendo coisas previsíveis pra alguém. O amor era a chave.

E então, as coisas que vivi, os caras que beijei e as palavras que nem cheguei a ouvir pararam de ficar para trás. Agora, as lembranças estão comigo cada vez que abro os olhos de manhã. Quando não deixo pra depois e faço questão de dizer ou ouvir. Quando uma boa notícia me faz querer gritar da janela. Quando ligo a televisão pra ouvir a voz de alguém em casa. Quando acordo no meio da tarde pensando que os últimos meses foram um sonho. Quando durmo falando com alguém no telefone. Quando coloco fotos no mural. Quando beijo alguém e sinto que meu peito vai explodir. Quando enfim, sou feliz.